



ESCOLA NAVAL

talant de bi-faire



Tiago Manuel de Almeida

Biografia de José Maria Dantas Pereira

**Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências Militares
Navais, na especialidade de Marinha**

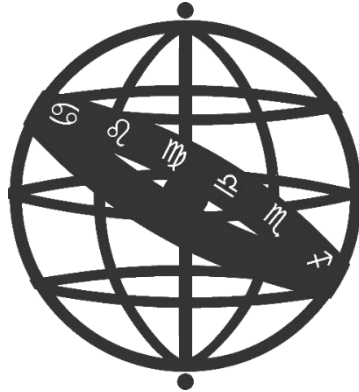


**Alfeite
2018**



ESCOLA NAVAL

talant de  bi-faire



Tiago Manuel de Almeida

Biografia de José Maria Dantas Pereira

**Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências Militares
Navais,
na especialidade de Marinha**

Orientação de: CMG M RES Costa Canas

O Aluno Mestrando

ASPOF M Manuel de Almeida

O Orientador

CMG M RES Costa Canas

**Alfeite
2018**



“Olhemos pois, e fixemos sempre a Patria a nosso bórdo, penetremo-nos de quanto nos
serão agradaveis as suas adorações se hum dia as merecermos”

(José Maria Dantas Pereira)



Dedicatória

Dedico esta dissertação de mestrado a todos aqueles que contribuíram para a minha formação militar, académica e pessoal, e em especial à minha mãe, pela inspiração que a sua luta me deu para superar os meus próprios obstáculos.



Agradecimentos

Começo por agradecer ao meu orientador, Capitão-de-mar-e-guerra Costa Canas, por todo o apoio, tanto acadêmico como pessoal, que me deu ao longo da elaboração do meu trabalho.

Quero agradecer também todo o apoio dos Diretores e funcionários da Biblioteca da Escola Naval, da Biblioteca Central de Marinha, e do Arquivo Histórico de Marinha. A disponibilidade e amabilidade com que me receberam, e auxiliaram, foram um dos pilares para a minha investigação.

A todos os professores, militares e civis, que me acompanharam no meu percurso na Escola Naval, por todos os ensinamentos e orientações que me deram.

À guarnição do NRP *Andrómeda*, por todos os conhecimentos que me têm vindo a passar durante o meu estágio, aos meus camaradas do Curso CMG Henrique Quirino da Fonseca, à minha família, amigos, e à Adriana.



Resumo

José Maria Dantas Pereira (1772-1836) foi um dos protagonistas da História Marítima portuguesa, nomeadamente no ensino náutico, fruto da elevada dedicação com que serviu a Companhia dos Guardas Marinhas.

Mas para além do seu prodigioso percurso na ilustre instituição, Dantas Pereira realizou ainda notáveis empresas em diversos outros domínios, tendo se destacado com o seu espírito empreendedor na produção e difusão do conhecimento científico, tanto na Marinha, como a nível nacional. Da sua obra, estudamos com maior detalhe na presente dissertação o trabalho de Dantas Pereira na conceção de uma pasigrafia, um sistema de escrita universal. Estes contributos, tendo sido pioneiros em solo nacional, constituem um marco importante na análise da obra deste oficial de Marinha, bem como na história da ciência portuguesa, evidenciando a versatilidade de Dantas Pereira, que para além de militar, revela ter sido um ilustre pensador português.

Em adição a isto, face ao impacto que o nosso biografado teve no estabelecimento do ensino náutico do século XIX, analisamos a sua carreira de Marinha, desde os seus tempos de discípulo em 1788, até ao seu exílio em 1834. Para este efeito, fornecemos o nosso próprio apontamento biográfico, onde destacamos a prestação que Dantas Pereira durante a sua formação, os seus feitos enquanto Comandante da insigne Companhia e servidor do Estado, e as circunstâncias do final da sua vida.

Por forma a identificar quais terão sido os outros objetos de estudo e interesse de Dantas Pereira, será ainda exposta a sua bibliografia, dividida nas diferentes áreas que este estudou, bem como os trabalhos que apresentou nas instituições científicas do seu tempo, nomeadamente a Sociedade Real Marítima, e a Academia Real das Ciências de Lisboa.

Palavras-chave: Biografia; Marinha; Academia Real dos Guardas-Marinhas; Ciência; Pasigrafia.



Abstract

José Maria Dantas Pereira was one protagonist of the Portuguese Maritime History, namely in the nautical teaching area, as a product of his overwhelming dedication with which he served the Marine Guards Company.

But besides his stupendous route in the enlightened institution, Dantas Pereira performed as well notable deeds in many other domains, being distinguished for his pushful spirit concerning the creation and diffusion of scientific knowledge, both in the Navy and national domains. From his literature, we studied with greater focus his works regarding pasigraphy, a universal writing system. These contributions, being pioneers on national territory, are an important mark on the analysis of this navy officer bibliography, as well on the history of Portuguese science, illustrating the versatility of Dantas Pereira, who, besides a military, reveals to have been an enlightened Portuguese thinker.

In addition to this, and because of the impact that our character had in the institution of nautical teaching in the XIX century, we analyzed his naval career, since his disciple times, in 1788, until his exile in 1834. For this, we give our own biographical notes, revealing Dantas Pereira outstanding performance during his education, his accomplishments as both Commander of the prestigious Company and State servant, as well as the circumstances of the final stages of his life.

To identify other subjects of interest by Dantas Pereira, his bibliography will also be exposed, divided in the different areas that he studied, as well as the works that he presented to the scientific institutions of his time, namely the Royal Maritime Society, and the Lisbon Royal Sciences Academy.

Keywords: Biography; Royal Marine Guards Academy; Science; Pasigraphy.



Índice

Dedicatória.....	v
Agradecimentos	vii
Resumo	ix
Abstract.....	xi
Índice de Figuras	xv
Índice de Quadro	xvii
Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos	xix
Introdução.....	1
1. Biografia de Dantas Pereira	7
1.1. A vida.....	7
1.2. A constituição de família.....	11
1.3. A partida para o Brasil	12
1.4. A fase final.....	15
1.5. A Carreira de Marinha.....	18
1.5.1. O destaque na Academia Real de Marinha	18
1.5.2. A Academia Real de Guardas-Marinhas	21
1.5.3. O brilhante desempenho na ARGM	23
1.5.4. O Comandante da Companhia	27
1.5.5. A partida para o Brasil	32
1.5.6. A Academia no Brasil	35
1.5.7. A Sociedade Naval.....	35
2. A obra.....	39
2.1. A Matemática.....	41
2.2. Obras Náuticas	44
2.2.1. A Legislação Naval.....	45
2.2.2. Navegação	47
2.2.3. Tática Naval.....	52
2.2.4. Política de Marinha.....	53
2.2.5. Hidrografia	55
2.3. Estudos Históricos.....	55
2.4. Assuntos Diversos.....	56
2.5. Religião.....	59
2.6. O Justicola.....	59
2.7. O Lusitano Filantropo	61



2.8.	O Trabalho na Sociedade Real Marítima	62
2.9.	A Academia Real das Ciências de Lisboa	65
3.	Um projeto de Pasigrafia	73
3.1.	A procura por uma linguagem universal	74
3.2.	Trabalhos anteriores	79
3.2.1.	Um método mencionado por Gaspar Schott.....	79
3.2.2.	A proposta de Cave Beck.....	80
3.2.3.	Descartes	82
3.2.4.	Becher	82
3.2.5.	A obra de Dalgarno	82
3.2.6.	Kircher	83
3.2.7.	O Carácter Real de John Wilkins.....	85
3.2.8.	Leibniz e a sua <i>Characteristica universalis</i>	86
3.2.9.	Kalmar.....	88
3.2.10.	Thomas Northmore	88
3.2.11.	A pasigrafia de Wolke.....	89
3.2.12.	A gama pasigráfica de Joseph de Maimieux.....	91
3.2.13.	A análise de Vater	93
3.2.14.	Hourwitz.....	93
3.2.15.	Anderson	94
3.3.	O Impacto da Revolução Francesa	94
3.4.	<i>Memória sobre um Projeto de Pasigrafia</i>	97
3.5.	O Impacto da Memória.....	104
3.6.	Uma pasigrafia Náutica?	109
3.6.1.	O Código Internacional de Sinais	113
3.7.	A continuação do sonho pasigráfico	115
	Conclusão	119
	Fontes e Bibliografia	125



Índice de Figuras

Figura 1. Exemplo da numeração que Beck atribuiu aos diferentes vocábulos, neste caso de palavras começadas por "A". Retirada de Beck, <i>The Universal Character...</i> , p.55.	81
Figura 2- Exemplo da numeração atribuída por Kircher aos diferentes vocábulos. A primeira coluna corresponde ao léxico latim, e a segunda e e terceira ao léxico alemão. Retirada de Kircher, <i>Polygraphia nova...</i> , p. 509.....	84
Figura 3 - Exemplo do sistema proposto por Northmore. Retirado de: Edward Groves, <i>Pasilogia...</i> , p. 75.	89
Figura 4 - Exemplo do índice de Wolke.....	90
Figura 5 - Gama Pasigráfica de Maimieux.....	92
Figura 6 - Tabela com as conjugações verbais de Dantas Pereira. Retirada de: Manuel Curado, "A Memória de 1800 de Dantas Pereira", p. 300.....	101
Figura 7 - Continuação da figura anterior.	101
Figura 8 - Comparação entre o sistema de sinais proposto por Dantas Pereira em 1817, e o atual Código Internacional de Sinais.	112
Figura 9 - Primeira e Segunda parte do Modelo de Dicionário pasigráfico de Dantas Pereira, retiradas da parte final do mesmo.	116
Figura 10 - Tabela das conjugações pasigráficas propostas por Dantas Pereira.	117
Figura 11 - Retrato de José Maria Dantas Pereira.....	126
Figura 12 - Quadro Sinóptico de Dantas Pereira.....	126



Índice de Quadro

Quadro 1 - Datas de promoções de Dantas Pereira.....	17
Quadro 2 - Curso ministrado na ARM, segundo a lei de 5 de agosto de 1779	20
Quadro 3 - Resumo da lista de Docentes da ARGGM elaborada por Dantas Pereira	23
Quadro 4 - Resumo dos exames que Dantas Pereira realizou aquando da sua promoção a Guarda-marinha.	25
Quadro 5 - Proposta de reformulação do curso da ARGGM elaborada por Dantas Pereira.	32
Quadro 6 - Memórias publicadas por Dantas Pereira nas Efemérides Náuticas.....	50
Quadro 7 - Lista de textos elaborados por Dantas Pereira ao abrigo da SRM.....	65
Quadro 8 - Alguns exemplos das Classes do método mencionado por Schott.	80
Quadro 9 - Alguns exemplos de subdivisões que as Classes poderiam ter, neste caso a Classe dos Elementos.	80
Quadro 10 - Classes de Dalgarno.....	83



Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos

AHM – *Arquivo Histórico de Marinha*

ARCL – *Academia Real das Ciências de Lisboa*

ARGM – *Academia Real dos Guardas-Marinhas*

ARM – *Academia Real de Marinha*

BCM – *Biblioteca Central de Marinha*

BNP – *Biblioteca Nacional de Portugal*

CGM – *Companhia dos Guardas-Marinhas*

CIS – *Código Internacional de Sinais*

SRM – *Sociedade Real Marítima*



Introdução

No olvido ficara, sem que dele nos lembrássemos até agora, talvez a mais luminosa inteligência e certamente um dos mais puros e avançados espíritos dentre os muitos ilustres marinheiros que abnegadamente serviram a Portugal e ao Brasil¹.

Esta passagem do Almirante Justo Guedes refere-se a um dos oficiais de Marinha que mais se destacou ao serviço do seu país, José Maria Dantas Pereira.

Reconhecido académico, esmerado militar, dedicado patriota, e ilustre pensador, são apenas algumas das características que encontramos sobre o nosso biografado ao longo dos já existentes apontamentos biográficos sobre o mesmo.

A presente dissertação teve como objetivo estudar, e dar a conhecer aquela que foi a vida de Dantas Pereira, a nível pessoal, militar e académico ao serviço da Marinha e Portugal durante o final do século XVIII, e no início do século XIX.

Dantas Pereira nasceu em 1772, começou a sua formação científica ingressando na Academia Real de Marinha (ARM) em 1786, e rapidamente progrediu profissionalmente. Em 1800, com 28 anos de idade, foi nomeado Comandante da Companhia dos Guardas-Marinhas (CGM), e liderou a Companhia num dos momentos mais marcantes da história nacional, a transferência da corte para o Brasil.

Voltaria para Portugal como conselheiro do Almirantado em 1819, nas vésperas da marcante revolução liberal. Absolutista convicto, esteve na mó de cima aquando do governo de D. Miguel, período em que viria a ser eleito Secretário da Academia Real das Ciências de Lisboa (ARCL). Ao nível político, serviu ainda como representante da nobreza na assembleia dos três estados, eleito pelo governo absolutista a 1828. Atravessou ainda a conturbada guerra civil portuguesa, época que viria a marcar o resto da sua vida.

Em 1834, do lado derrotado da guerra civil, seguiria para o exílio, inicialmente em Inglaterra, e posteriormente para França, onde viria a falecer em 1836, acompanhado por um dos seus filhos.

A presente dissertação destina-se a expor os contributos de Dantas Pereira para a Marinha e Portugal. Começou-se por elaborar uma pesquisa biográfica do mesmo, com

¹ Max Justo Guedes, *Bicentenário do Chefe de Esquadra José Maria Dantas Pereira, Separata de Memórias da Academia de Ciências de Lisboa Classe de Ciências*, Tomo XVII, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1974, pp.87-88.



recurso a fontes arquivísticas, à sua própria autobiografia, e a posteriores estudos biográficos realizados sobre o mesmo.

De seguida, decidiu-se analisar a obra que produziu. A respeito da nossa análise bibliográfica de Dantas Pereira, devemos esclarecer aquela que foi a nossa abordagem metodológica.

Por forma a delimitar a nossa investigação, e face à elevada produção literária do nosso biografado, assumiu-se à partida que não se iria aprofundar todas as obras que escreveu.

Face a isto, colocaram-se duas hipóteses para a metodologia a utilizar. Estas foram: optar por efetuar um levantamento de todas as suas obras, analisando brevemente cada uma delas com o propósito de esclarecer quais foram os contributos de Dantas Pereira para as diferentes matérias; ou então escolher uma das áreas que este estudou, e detalhar esta, não deixando de apresentar a sua restante bibliografia e respetivos contributos, de forma sucinta para efeitos de exposição.

Esta decisão não foi tomada no início da investigação, pelo contrário, foi com base na nossa análise bibliográfica posterior que optamos por especificar uma área do conhecimento que Dantas Pereira abordou.

Foi tomada como obra principal a estudar um projeto de pasigrafia, ou por outra palavras, um sistema de escrita universal proposto por Dantas Pereira². A singularidade, e o pioneirismo desta obra em território nacional, constituem os principais focos de relevância que esta representou para a época em que se inseriu, o que levou à escolha de estudar os contributos de Dantas Pereira para esta área.

A tentativa de uniformização da comunicação por Dantas Pereira assumiu-se à partida como curiosa. A obra foi publicada em 1800, numa época em que ainda nem estava estabelecida a uniformidade internacional das medidas. Isto levou-nos à interrogação sobre quais teriam sido as motivações de Dantas Pereira para dedicar o seu tempo, e esforços, a este problema da criação de um sistema de comunicação universal.

Aliado a isto, tínhamos ainda a questão de descobrir porque é que Dantas Pereira, tendo uma formação de base essencialmente matemática³, decidiu deliberar sobre um

² Estamos a referir-nos a: José Maria Dantas Pereira, *Memoria sobre hum projecto de pasigraphia*, Lisboa, Oficina da Casa Literária do Arco do Cego, 1800.

³ Tanto na ARM, como na ARGM, ministravam-se cursos essencialmente matemáticos. Nuno Martins Ferreira, *A Institucionalização do Ensino da Náutica em Portugal (1779-1807)*, Lisboa, Academia de Marinha, 2017, p.149 e p.192.



sistema de linguagem universal, que inerentemente está associada a questões linguísticas ou até mesmo filosóficas.

Postas estas questões, começamos a desenvolver o terceiro capítulo da presente dissertação, onde tratamos do projeto de pasigrafia do nosso biografado, reservando o segundo capítulo para a apresentação dos restantes trabalhos com que Dantas Pereira contribuiu para a Marinha e para Portugal.

Tendo já esclarecido a principal questão metodológica que estabeleceu a divisão da presente dissertação, passemos por apresentar as restantes questões que guiaram o nosso caminho nos respetivos capítulos.

O primeiro capítulo destina-se a expor aquela que foi a nossa investigação biográfica de Dantas Pereira. Começamos por analisar a autobiografia⁴ que este deixou, pouco antes da sua morte, quando exilado em França. Escrito em francês, este documento permitiu-nos obter a perspetiva do nosso biografado sobre aquele que foi o seu percurso, tanto pessoal, como profissional. Devemos também aqui destacar o extenso catálogo da sua obra que nos deixou no final do documento, sendo este o ponto de partida da nossa investigação bibliográfica.

Começamos por revelar as origens de Dantas Pereira, passando por abordar a sua formação de base nas academias⁵, e o impacto que posteriormente teria na evolução destas, tanto pelas suas ações como Comandante da CGM, como pelo sucesso da transferência da Academia destes para o Brasil.

A nossa investigação teve por base fontes bibliográficas, por forma a contextualizarmos o panorama da instrução náutica na época em que Dantas Pereira começou os seus estudos. Para tal devemos realçar a obra de Martins Ferreira, *A Institucionalização do Ensino na Náutica (1779-1807)*, onde o autor faz uma detalhada exploração das primeiras instituições do ensino da náutica, e por onde o nosso biografado passou.

Dantas Pereira foi um discípulo excecional da Academia Real dos Guardas Marinhas (ARGM). Com base em documentos da CGM, presentes no Arquivo Histórico de Marinha (AHM), foi possível corroborarmos esta tese do brilhantismo de Dantas Pereira, e neste capítulo são expostas as provas, tanto arquivísticas como bibliográficas, do destaque do nosso biografado durante os seus estudos.

⁴ José Maria Dantas Pereira, *Notice Sur la Vie et les Oevres de Joseph-Marie Dantas Pereira de Andrade*, Paris, [s.n.] 1833, p.1.

⁵ A ARM, e a Academia Real dos Guardas Marinhas.



Aqui também fazemos uma análise daquela que foi a sua carreira tanto académica, como militar. A nível académico começou a lecionar matemática na ARGM enquanto ainda era discípulo, tendo depois sido promovido para lente da mesma. A nível militar foi sempre visto pelos seus superiores como um exemplo a seguir, tendo chegado a Comandante da CGM.

Aliado às suas responsabilidades na Marinha, Dantas Pereira ainda foi encarregue de diversas atividades ligadas à comunidade científica portuguesa, nomeadamente à ARCL, à criação da Sociedade Real Marítima (SRM), tendo ainda sido mestre do jovem infante D. Pedro Carlos, pelo que estas funções também serão abordadas ao longo do capítulo.

O segundo capítulo é dedicado a apresentar aquela que foi a produção literária de Dantas Pereira. Conforme anteriormente mencionado, não se seguiu o caminho de elaborar todas as matérias sobre as quais o nosso biografado escreveu. No entanto considerou-se pertinente destacar que matérias foram estas, e que textos publicou. Para tal, foi realizada uma tipificação das suas obras, por forma a inserir os contributos do seu trabalho em cada respetiva área, bem como os textos que assinou com pseudónimos.

Dantas Pereira teve um papel fulcral na efémera SRM. Esta Sociedade, conforme iremos explorar neste capítulo, teve um grande impacto no que toca à história da Hidrografia e da Cartografia em Portugal, e o nosso biografado esteve diretamente relacionado com a mesma desde a sua criação, até ao seu fim. Foi ainda o responsável pela preservação do valioso acervo da Sociedade aquando das invasões napoleónicas de 1807, tendo levado consigo estes documentos para o Brasil. Para a investigação da sua ligação com a Sociedade são de destacar os trabalhos de Boiteux⁶, e de Avelino Teixeira da Mota⁷. Face à importância de Dantas Pereira na instituição, naturalmente incluímos um subcapítulo dedicado ao estudo do seu trabalho na Sociedade Real Marítima.

Uma grande parte da sua obra foi publicada ao abrigo da ARCL, instituição científica da qual fazia parte já desde os seus primeiros anos na CGM. Consultando as *Memórias* desta instituição conseguimos efetuar um levantamento das obras que Dantas Pereira apresentou e publicou na mesma, pelo que apresentamos uma exposição do

⁶ Referimo-nos a: Henrique Boiteux, “O Chefe de Esquadra José Maria Dantas Pereira de Andrade”, *Subsídios para a História Marítima do Brasil*, Volume II, Rio de Janeiro, Imprensa Naval, 1939.

⁷ Avelino Teixeira da Mota, *Acerca da recente devolução a Portugal, pelo Brasil, de manuscritos da Sociedade Real Marítima, Militar e Geográfica (1793-1807)*, [s.l.], Junta de Investigações do Ultramar, 1972.



trabalho que este desenvolveu com a Academia, desde o seu primeiro cargo como sócio correspondente, até a execução dos seus mandatos como Secretário da mesma.

O terceiro capítulo tem o objetivo de contextualizar e de apresentar o projeto de pasigrafia proposto por Dantas Pereira em 1800, bem como as restantes obras que publicou posteriormente sobre esta temática, nomeadamente o seu próprio sistema de sinais⁸, e dicionário pasigráfico⁹. Conforme explicado anteriormente, a decisão metodológica de aprofundar esta obra de Dantas Pereira foi tomada ao longo da investigação, e está associada ao pioneirismo da mesma em território nacional. Por forma a contextualizar o projeto do sistema de escrita universal começamos por realizar um levantamento das principais obras compostas anteriormente a Dantas Pereira, passando por expor as influências que poderão ter despertado este interesse no nosso biografado, dedicando um subcapítulo a estudar o impacto que a Revolução Francesa teve neste aspeto.

Após o enquadramento do tema, é realizada uma análise do projeto que Dantas Pereira propôs relativamente à pasigrafia, e os posteriores trabalhos que este publicou que relacionaram o tema com a Marinha, nomeadamente o seu *Systema de signaes*.

O produto da nossa pesquisa baseou-se em dados arquivísticos, tanto no que diz respeito às informações biográficas e curriculares de Dantas Pereira, bem como na pesquisa realizada em bibliotecas sobre os textos produzidos pela mesmo. Aliado a isto, baseámo-nos ainda na bibliografia existente sobre as diferentes questões que foram surgindo ao longo do estudo da vida de Dantas Pereira, sejam elas os conspícuos eventos históricos, como por exemplo: a criação da ARGM, a emigração da corte para o Brasil, a revolução liberal de 1820, a guerra civil portuguesa, entre outros; assim como a bibliografia existente sobre pasigrafia, e o estudo da linguagem universal, e naturalmente os próprios apontamentos biográficos já existentes. Nos respetivos capítulos irão sendo indicadas as nossas principais fontes de referência.

Devemos também aqui ressaltar quanto ao nosso trabalho que, face à riqueza dos assuntos que nos propomos a tratar, a presente dissertação excede o limite de páginas recomendado pelas normas da Escola Naval.

⁸ José Maria Dantas Pereira, *Systema de Signaes para a Comunicação dos navios entre si, e com a terra, em qualquer logar, e tempo, e seja qual for a ordem naval adoptada*, Rio de Janeiro, Na Impressão Régia, 1817.

⁹ José Maria Dantas Pereira, *Modelo de hum dictionario de algibeira polygloto e passigraphico*, Paris, [s.n.], 1835.



Postas as nossas motivações, opções, e decisões metodológicas, comecemos agora por apresentar o produto da nossa investigação, principiando pelo nosso apontamento biográfico e curricular de José Maria Dantas Pereira.



1. Biografia de Dantas Pereira

Neste capítulo pretende-se dar a conhecer a vida de José Maria Dantas Pereira, no que toca aos aspetos pessoais, como as suas origens, a sua família, e alguns dos seus traços; bem como os aspetos profissionais, dos quais a sua formação, a sua carreira de oficial de Marinha, e os cargos ligados à política que este assumiu. Para tal, optou-se por dividir o capítulo em duas componentes.

No primeiro subcapítulo irão ser dadas notas biográficas da sua vida. Procurar-se-á percorrer de forma sucinta aquele que foi o contexto pessoal e profissional de Dantas Pereira ao longo dos seus 54 anos de vida. Para este objetivo foram consultadas diversas fontes bibliográficas, das quais devemos destacar os apontamentos biográficos realizados sobre o nosso biografado. Como nossa fonte primária, para além de algumas obras compostas por Dantas Pereira, devemos destacar um documento da autoria do próprio escrito no final da sua vida, quando já exilado em França, no qual escreve um breve resumo da sua vida e obra em francês.

No segundo subcapítulo irá ser abordada a questão da sua carreira como oficial de Marinha, particularmente a sua formação, e as suas ações na ARGM. O aprofundamento desta dimensão da vida de Dantas Pereira surge com a motivação de investigar o funcionamento da ARGM, uma das instituições pioneiras do ensino náutico, bem como as ideias que Dantas Pereira tinha para esta, e as medidas que efetivamente aplicou. São vários os autores que afirmam que Dantas Pereira foi um exímio aluno tanto da ARM, como da ARGM, e de facto foram encontrados registos no AHM que comprovam tal hipótese. Isto levou a que se considerasse pertinente estudar a formação que era concedida nestas academias, por forma a tentar contextualizar o ambiente em que Dantas Pereira foi formado, bem como a bagagem científica que possuía.

Dantas Pereira marcou pela contínua procura do aperfeiçoamento do funcionamento da ARGM. Teve um papel de destaque como o Comandante que levou a Academia para o Brasil aquando da transferência da Corte para a colónia, sendo o protagonista do sucesso da transferência desta instituição.

1.1. A vida

Dantas Pereira dedicou-se de corpo e alma ao serviço da Marinha, de Portugal, e por consequência da época em que viveu, ao Brasil, tendo acompanhado a Família Real juntamente com a CGM. Pela análise que se realizou dos seus feitos, facilmente se



percebe a dedicação que este oficial teve pela Marinha, nomeadamente na formação do oficialato, e na produção científica desta instituição. Seja pelo seu trabalho na ARGM, pela rápida progressão na carreira, pelo teor da sua extensa bibliografia, ou ainda por outros feitos, é fácil afirmar que Dantas Pereira foi uma das pessoas mais produtivas da Marinha, e consequentemente do país, no final do século XVIII e no início do século XIX.

A sua vida profissional enquanto Comandante da CGM foi bem documentada, sendo de destacar os documentos presentes no fólio da ARGM presentes no AHM ou então nas cartas presentes na obra de Albuquerque, *Da Companhia de Guardas-Marinhas e Sua Real Academia à Escola Naval*¹⁰. No entanto, é estranho constatar a pouca quantidade de informação biográfica mais pessoal disponível sobre a vida de Dantas Pereira.

José Maria Dantas Pereira nasceu a 1 de outubro de 1772, filho de Vitorino António Dantas Pereira, porta-bandeira graduado do Corpo de Engenheiros, e de D. Quitéria Margarida de Andrade¹¹. Devemos mencionar que em algumas referências, nomeadamente os *Livros Mestre*, a sua autobiografia, e em posteriores apontamentos biográficos, é mencionado o apelido Andrade, sendo este de origem materna.

Conforme referido pelo próprio Dantas Pereira em *Notice Sur la Vie Et Les Oevres de Joseph-Marie Dantas Pereira de Andrade*, a sua família era relativamente pobre, “Malgré la petitesse de leurs moyens”¹². O seu pai tinha perdido a vista cinco anos anteriores ao seu nascimento, mas apesar desta incapacidade, graduou-se engenheiro e casou com a mulher que seria mãe de Dantas Pereira¹³. No mesmo documento, Dantas Pereira afirma que apesar da escassez financeira dos pais, estes sempre se esforçaram por conceder ao filho a melhor educação possível¹⁴.

Este esforço acabou por compensar, pois mais tarde viriam a comprovar as elevadas capacidades académicas do filho. Dantas Pereira começou a sua carreira militar e científica quando entrou para a ARM, instituição que será descrita mais adiante, tendo lhe sido concedidos todos os prémios que então eram entregues aos alunos por mérito, bem como um extraordinário, entregue pelo seu primeiro comandante¹⁵.

¹⁰ António Luiz Porto e Albuquerque, *Da Companhia de Guardas-Marinhas e Sua Real Academia à Escola Naval 1782-1982*, Rio de Janeiro, Xerox do Brasil, 1982.

¹¹ Inocêncio Francisco da Silva, *Diccionario bibliographico portuguez, Estudos de Innocencio Applicaveis a Portugal e ao Brasil*, Tomo V, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da moeda, 1860, p.29.

¹² J. M. D. Pereira, *Notice Sur la Vie...*, p.1.

¹³ *Ibidem*, p.1.

¹⁴ *Ibidem*, p.1.

¹⁵ *Ibidem*, p.1.



Estes prémios, que eram monetários, são comprovados pelas afirmações no seu resumo, no qual afirma que, já com a tenra idade de 15 anos, “tinha a felicidade” de poder ajudar financeiramente a sua casa paternal, “a eu le bonheur de pouvoir aider à soutenir la maison paternelle dès l’âge de quinze ans¹⁶.

Naquele período, conforme irá ser discutido mais adiante quando se falar da ARGM, era possível ser admitido nesta instituição por mérito obtido na ARM¹⁷. Ora, Dantas Pereira, que não tinha ascendência nobre, terá enveredado nesta academia por via deste mesmo mérito, fruto do esforço que os pais tiveram pela sua educação.

Através da pesquisa realizada no AHM, comprovamos que Dantas Pereira foi admitido como Aspirante-a-guarda-marinha a 10 de setembro de 1788, por proposta do então Comandante da Companhia, o Conde de S. Vicente¹⁸, que terá reconhecido o bom aproveitamento acadêmico que Dantas Pereira obtivera na ARM.

Foi Aspirante somente por quatro meses, pois o Conde de S. Vicente, novamente evidenciando as capacidades intelectuais de Dantas Pereira, voltou a propor a sua promoção a Guarda-marinha em janeiro de 1789, demonstrando assim que já no seu tempo, Dantas Pereira era reconhecido pelas suas excepcionais capacidades. Nessa proposta:

diz o conde que Dantas Pereira fora examinado pelos lentes e mestres de Aritmética, Geometria, Artilharia, Construção Naval, Aparelho e Manobra, Manejo de Armas, Esgrima, Gramática Portuguesa e Francesa, e de todas estas disciplinas tinha cultura superior à que normalmente era exigida para a promoção àquele posto¹⁹.

No *Livro Mestre* referido anteriormente, é referido que passou a “Guarda-Marinha por outro semelhante aviso do mesmo Ministro D’Estado de 18 de janeiro de 1789, e de igual proposta do mesmo Comandante”²⁰.

¹⁶ *Ibidem*, p.1. Traduzido em português: “Teve a felicidade de poder ajudar a sua casa paternal com a idade de 15 anos...”.

¹⁷ Antônio Luiz Porto e Albuquerque, “Transmigração da Família Real para o Brasil”, Ministério da Marinha, *História Naval Brasileira*, Segundo Volume Tomo II, Rio de Janeiro, Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1979, p.356.

¹⁸ AHM, *Livro Mestre* nº 378, p.37.

¹⁹ *Ibidem*, p.37.

²⁰ *Ibidem*, p.37.



Fruto do seu elevado conhecimento de matemática, demonstrado ao longo da sua formação, Dantas Pereira começou logo a ensinar esta matéria na ARGM²¹, sendo esta a razão encontrada como explicação da sua promoção “precoce” a Guarda-marinha²². Na verdade, Dantas Pereira destacou-se de tal maneira no seu desempenho nas avaliações, que o próprio Príncipe D. João nomeou este para mestre pessoal do próprio Infante D. Pedro Carlos de Bourbon, situação essa que irá ser explorada mais adiante.

Neste período, foi promovido a Tenente-do-mar a 17 de dezembro de 1789.

Entretanto, durante os primeiros anos de docência de Dantas Pereira, faleceu o então Comandante da CGM, o Conde de S. Vicente, a 8 de dezembro de 1795²³. A ARGM passou então a funcionar com diversos comandantes interinos²⁴, dos quais o próprio Dantas Pereira. Como consequência, passaram a existir várias ocorrências de indisciplina na Academia, e inclusive vários confrontos de autoridade²⁵. Face à situação, o Capitão-de-fragata²⁶ Dantas Pereira fez um pedido ao próprio Ministro da Marinha da altura, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, no qual propunha ser ele próprio o Comandante daquela instituição²⁷. Por autorização superior ficou a acumular o comando, com as funções de professor.

Através desta atitude, é possível afirmar que desde cedo, Dantas Pereira demonstra uma elevada preocupação pelo bom funcionamento desta instituição.

Por aviso de 21 de junho de 1800 foi nomeado comandante da Companhia de Guardas Marinhas²⁸.

Acerca desta tomada de comando, Fonseca afirma que: “imediatamente as suas qualidades de chefia se revelaram e a disciplina foi rapidamente restaurada.”²⁹ Começou rapidamente a influenciar positivamente a instituição, e instaurou logo algumas medidas concretas que Fonseca referiu no seu artigo: inaugurou novas salas de aula, tratou da reparação do navio-modelo existente na então Sala do Risco, e ordenou renovar a bateria

²¹ Alexandre da Fonseca, “Dantas Pereira – Comandante da Companhia de Guardas-Marinhas e Diretor da sua Academia em Portugal e no Brasil”, *Revista da Armada* n° 156, ano XIV, Lisboa, 1874, pp 10-11.

²² Os registos que documentam esta promoção, e respetiva aceitação de D. Maria, encontram-se na documentação da CGM existente no AHM.

²³ A. L. P. Albuquerque, *Da Companhia de Guardas-Marinhas...*, p.60.

²⁴ Segundo Ferreira, serviram como comandantes interinos da CGM no período de 1795 os seguintes: Joaquim José dos Santos Cassão, Eusébio Dias Azedo, António Pires da Silva Pontes Leme, e o próprio José Maria Dantas Pereira. Nuno Martins Ferreira, *A Institucionalização da Náutica em Portugal (1779-1807)*, Lisboa, Academia de Marinha, 2017, p.180.

²⁵ A. L. P. Albuquerque, *Da Companhia de Guardas-Marinhas...*, p.60.

²⁶ Esta promoção ocorreu a 11 de maio de 1797.

²⁷ A. L. P. Albuquerque, *Da Companhia de Guardas-Marinhas*, p.60.

²⁸ AHM, *Livro Mestre n° 378*, p.37.

²⁹ A. Fonseca, “Dantas Pereira...”, p. 10.



ali colocada para instrução de artilharia³⁰. Terá sido promovido a Capitão-de-mar-e-guerra a 12 de janeiro de 1801.

1.2.A constituição de família

Foi neste período, entre a tomada de posse de Comando da ARGM, e a futura partida para o Brasil, que o Comandante constituiu família. Esta terá sido uma das dimensões que suscitou mais dúvidas ao longo da nossa pesquisa, face à falta de fontes primárias relativas a este assunto, bem como discrepâncias existentes nas restantes fontes.

Na sua autobiografia, Dantas Pereira afirma que se casou com D. Maria Eugénia Cunha Pessoa³¹ no ano de 1803, enquanto comandante da ARGM. Esta informação vai contra aquilo que vem descrito na biografia de Dantas Pereira em *Portugal – Dicionário Histórico*, que data esta união 20 anos mais tarde, a 24 de junho de 1823³². No entanto temos registo do primogénito deste casal, Vitorino João Carlos Dantas Pereira, ter nascido a 2 de agosto de 1803³³, corroborando a data dada pelo autobiografado em questão. Após uma pesquisa no *Livro de registo de casamentos 1755/1911*, da paróquia de S. Nicolau, verificamos que de facto o casamento de Dantas Pereira foi celebrado a 24 de junho de 1803, nesta mesma paróquia³⁴.

Sobre a questão da sua descendência também surgiram algumas incoerências ao longo da pesquisa. Novamente recorrendo à autobiografia de Dantas Pereira, este indica que teve ao longo da sua vida 14 filhos, dos quais à data do documento, 1833, somente sete se encontravam com vida. No entanto, da pesquisa realizada, apenas foi possível tomar conhecimento de quatro³⁵. Destes, dois foram notáveis portugueses, que viriam a ser reconhecidos posteriormente. O primogénito, Vitorino João Carlos Dantas Pereira,

³⁰ *Ibidem*, p. 11.

³¹ Maria Eugénia Cunha Pessoa, esposa de Dantas Pereira, terá sido filha única do médico, e químico José Martins da Cunha Pessoa.

³² Esteves Pereira, Guilherme Rodrigues, “Dantas Pereira (José Maria)”, *Portugal – Dicionário histórico, corógrafo, heráldico, biográfico, bibliográfico, numismático e artístico*, vol. III, Lisboa, edição em papel de João Romano Torres, 1907, pp. 16-18, www.argnet.pt/dicionario/dantaspereirajm.html, edição eletrónica de Manuel Amaral (2000-2017), acedido em abril de 2018.

³³ *Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira*, vol. VIII, Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, [s.d.], p. 387.

³⁴ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Livro de Registo de Casamentos 1788/1852*, Paróquia de São Nicolau, p. 158 v., disponível em <https://digitalq.arquivos.pt/viewer?id=4820356>, consultado em maio de 2018.

³⁵ Foram estes: Vitorino João Carlos Dantas Pereira (1804 – sem informação); Maria Francisca da Cunha Dantas Pereira (sem informação); Mariana Augusta da Cunha Dantas Pereira (sem informação); e Pedro Maria Dantas Pereira (1826-1905). *Famílias de Leiria, Descendentes, ascendentes e colaterais de algumas famílias de Leiria*, p. 424, <http://www.familiasdeleiria.com/p424.htm#i4785>, acedido em dezembro de 2017.



viria a tornar-se um notório oficial de artilharia, tendo defendido a causa miguelista nas batalhas entre absolutistas e liberais nos Açores na década de 1830. Os seus padrinhos de batismo foram o príncipe regente D. João VI, e a princesa D. Carlota Joaquina, evidenciando, mais uma vez, a relação que Dantas Pereira havia estabelecido com a Família Real³⁶, evidenciando aqui, conforme anteriormente dito, a proximidade que Dantas Pereira estabeleceu com a nobreza.

Mais tarde, a 11 de novembro de 1826, nasceria Pedro Maria Dantas Pereira, que terá sido um ilustrado jornalista, escritor e agricultor, abordando assuntos como a religião, agricultura e política, tendo ainda exercido diversos cargos públicos ao longo da sua vida³⁷. Quanto à restante descendência de Dantas Pereira, não foram encontrados registos relevantes ao longo da nossa pesquisa. Na autobiografia de Dantas Pereira, nenhum deles é referido. Apenas notámos que aquele que demonstrou mais proximidade com Dantas Pereira terá sido Vitorino, que acompanhou o pai nos últimos tempos da sua vida, quando este se encontrava exilado em França.

No entanto, voltando ao início do século XIX, temos de constatar que Dantas Pereira viveu e de certa forma marcou uma das mais conturbadas épocas para a nação, a transição da Corte para o Brasil.

1.3.A partida para o Brasil

Em 1806 a França impôs o Bloqueio Continental, por forma a atingir a economia britânica. Portugal optou por não respeitar esta proibição imposta pela França, o que levou às invasões francesas em 1807.

Com a Família Real partiria a CGM comandada pelo então Capitão-de-mar-e-guerra Dantas Pereira.

Sempre determinado pela continuação da Academia e formação dos Guardas-Marinhas, colocou todos os seus esforços em embarcar todo o material possível para o Brasil por forma a garantir a continuação da formação dos futuros oficiais de marinha. “Levou consigo a Biblioteca, o Arquivo da Companhia e da Academia dos Guardas-

³⁶ E. Pereira, G. Rodrigues, *Portugal – “Dantas Pereira (José Maria) ...”*, pp.16-18.

³⁷ Esteves Pereira, Guilherme Rodrigues, “Dantas Pereira (Pedro Maria), *Portugal – Dicionário histórico, corógrafo, heráldico, biográfico, bibliográfico, numismático e artístico*, vol. III, Lisboa, edição em papel de João Romano Torres, 1907, pp. 18-19, <http://www.arqnet.pt/dicionario/dantaspereirapm.html>, edição eletrónica de Manuel Amaral (2000-2017), acedido em abril de 2018.



Marinhas, a bandeira da companhia e todos os instrumentos do Observatório aproveitáveis para o ensino e que teve tempo de acondicionar”³⁸.

A CGM embarcou na nau Conde D. Henrique, e largaram a 27 de novembro de 1807³⁹, acompanhados do seu Comandante, e corpo docente⁴⁰.

Segundo Albuquerque, o efetivo da Companhia era composto na altura por 25 discípulos, Aspirantes e Guardas-marinhas, sendo que apenas 14 embarcaram na nau conde *D. Henrique*. Explicar-se-á o porquê deste desfalque na Companhia na abordagem aos feitos de Dantas Pereira aquando da transição da Corte para o Brasil, no subcapítulo dedicado à sua carreira.

No entanto, foi possível achar as pessoas que embarcaram juntamente com Dantas Pereira e a CGM para o Brasil⁴¹.

A nau Conde *D. Henrique*, era comandada pelo Capitão-de-mar-e-guerra José Maria de Almeida, e seguiu com uma lotação de 753 homens⁴².

É curioso verificar que Dantas Pereira não embarcou no mesmo navio que a família. Sabemos que a sua esposa, e o seu primogénito terão acompanhado a Família Real para o Brasil⁴³, no entanto não conseguimos encontrar registos do navio onde embarcaram. Sabemos, através da pesquisa documental realizada por Esparteiro, que não embarcaram com Dantas Pereira. Esta separação da vida profissional da vida familiar poderá constituir um forte indício de um traço psicológico de Dantas Pereira, ligado ao profissionalismo com que este encarava a sua CGM.

É de destacar que esta transição de uma instituição de ensino superior foi única no país. Nenhuma outra realizou a transição transatlântica. A Universidade de Coimbra, a Aula do Comércio e a ARM ficaram todas no seu local de origem respetivo. Tal como Albuquerque observou na sua obra, isto leva à interrogação de qual terá sido a distinção da ARGM e da respetiva Companhia em relação a este assunto⁴⁴.

³⁸ Tancredo de Morais, *Os Primeiros Cem Anos da Escola Naval: 23-IV-1845 a 23-IV-1945*, Lisboa, Tipografia da União Gráfica, 1945, p.25.

³⁹ *Ibidem*, p.25.

⁴⁰ Quanto aos lentes que embarcaram juntamente com a Companhia, conseguimos recolher os nomes de João Martinho de Oliveira, e de Joaquim António Coelho.

⁴¹ António Marques Esparteiro, “Transmigração da Família Real para o Brasil”, Ministério da Marinha, *História Naval Brasileira*, Segundo Volume Tomo II, Rio de Janeiro, Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1979, pp.326-327.

⁴² António Esparteiro elabora um levantamento dos nomes dos oficiais que constituíam a guarnição do navio na sua obra. *Ibidem*, p.327.

⁴³ Esta informação encontra-se vertida no apontamento biográfico de Vitorino Dantas Pereira anteriormente referido. E. Pereira, G. Rodrigues, “Dantas Pereira (Pedro Maria) ...”, ..., pp.19-20.

⁴⁴ A. L. P. Albuquerque, *Da Companhia de Guardas-Marinhas...*, p. 14.



Após a chegada em 1808, foi promovido a Chefe-de-divisão a 8 de março, e continuou os seus esforços para recomençar o mais rapidamente possível a atividade da ARGM. Para tal efeito conseguiu que lhe fossem cedidas as instalações do Mosteiro de S. Bento⁴⁵. O documento que comprova a instalação da ARGM pode ser encontrado num Aviso de 5 de maio de 1808 presente na obra de Albuquerque⁴⁶.

Pertencente à Família Real, o Infante D. Pedro Carlos de Bourbon também partiu para o Brasil, e lá foi nomeado Almirante General da Armada. Dantas Pereira pertencia ao círculo próximo do infante, tendo sido mestre deste por um período de 13 anos, sugerindo, portanto, uma relação próxima entre os dois. Na verdade, uma das obras de Dantas Pereira consiste num elogio à memória do Infante D. Pedro Carlos, que ao assumir o posto de Almirante General da Armada, chamou este para ser seu mentor⁴⁷, função que Dantas Pereira rapidamente abandonaria, fruto das discussões entre D. Pedro Carlos e o Ministro da Marinha, o Visconde de Anadia⁴⁸ sobre a administração da Marinha.

Em vez disso, Dantas Pereira focou a sua energia na sua função original de Comandante da CGM, e a lecionar matemática na mesma até 1817, ano em que pediu a exoneração deste cargo. Neste ano foi promovido a Chefe-de-divisão-graduado a 15 de novembro. Albuquerque refere um ofício que data de 23 de novembro de 1817, onde se informa acerca da demissão do seu comando da CGM⁴⁹.

Tinha terminado a sua longa ligação com a formação dos oficiais de Marinha, e foi procedido pelo Chefe-de-divisão Francisco Maria Telles, que tinha sido Vice-Comandante da CGM⁵⁰.

Apesar de já não se encontrar no exercício como lente de Matemática na Academia, Dantas Pereira foi jubilado no desempenho desta função no dia 3 de abril de 1818⁵¹. Regressaria a Lisboa no ano de 1820, período agitado para Portugal. A partir daqui, começará a sua vida política, e produziria uma vasta quantidade de obra.

⁴⁵ Tancredo de Moraes, *Os Primeiros Cem Anos...*, p.26.

⁴⁶ A. L. P. Albuquerque, *Da Companhia de Guardas-Marinhas*, p.97.

⁴⁷ H. Boiteux, “O Chefe de Esquadra José Maria Dantas Pereira de Andrade...”, p. 322.

⁴⁸ *Ibidem*, p.322.

⁴⁹ A. L. P. Albuquerque, *Da Companhia de Guardas-Marinhas...*, p.204.

⁵⁰ *Ibidem*, p.204.

⁵¹ AHM, *Lista de Oficiais da Armada Nacional e Real Referida a 3-7-1821*, p.12.



1.4. A fase final

A 13 de maio de 1819, Dantas Pereira foi promovido a Chefe-de-esquadra efetivo, nomeado conselheiro do Almirantado, e agraciado com a condecoração de grau de comendador da Ordem de Cristo⁵². Este organismo exercia o comando da Marinha, e era sediado em Lisboa. Esta nomeação motivou o regresso de Dantas Pereira a Lisboa, tendo-o feito a bordo da charrua *Magnânimo*. Chegou a Lisboa a 28 de agosto de 1820⁵³, em plena revolução liberal⁵⁴, época atribulada para o país, e especialmente marcante para Dantas Pereira. Monárquico absolutista assumido, continuou a expressar, e a expor as suas opiniões políticas, assinando diversos textos com pseudónimos, e distribuindo-os gratuitamente pela Assembleia pelos seus contemporâneos⁵⁵.

Foi nomeado Conselheiro de Estado durante o período constitucional, de 1821 a 1823. Assinou a primeira ata deste conselho a 19 de outubro de 1821, juntamente com o Conde de Penafiel, Conde de Sampaio, João António Ferreira de Moura, Agostinho José Freire, Anselmo José Braancamp de Almeida Castelo Branco.

Em 1823 foi nomeado Secretário da ARCL, cargo que iria exercer até 1828. Abordaremos melhor esta questão no segundo capítulo da presente dissertação. Durante o seu secretariado seria ainda eleito membro da Sociedade Filosófica de Filadélfia⁵⁶.

⁵² Dantas Pereira já era cavaleiro da mesma ordem desde 1803. E. Pereira, G. Rodrigues, *Portugal* – “Dantas Pereira (José Maria) ...”, pp.16-18.

⁵³ AHM, *Lista de Oficiais da Armada Nacional e Real Referida a 3-7-1821*, p.12.

⁵⁴ A Revolução de 1820, na cidade do Porto, veio no seguimento do descontentamento que se sentia face à situação do país que advinha de diversos fatores, como a ausência do Rei D. João VI, que se encontrava no Brasil; a proclamação de independência do Brasil; a permanência de governadores ingleses no poder; e a abertura dos portos brasileiros a comércio com outras nações. Este descontentamento fomentou o surgimento de ideias liberais, que levaram à criação do Sinédrio em 1817, grupo secreto que planeava a revolução. A Revolução deu-se a 24 de agosto de 1820 no Porto, originando a Junta Provisional de Governo do Reino, que imediatamente exigiu o regresso do Rei, bem como eleições para as Cortes Constituintes, visando a criação da Constituição Portuguesa.

⁵⁵ As suas opiniões políticas foram muitas vezes vertidas para a sua bibliografia, tanto pessoal, como nos discursos que fez como Secretário da Academia Real das Ciências de Lisboa. Esta questão irá ser abordada na análise da sua obra.

⁵⁶ Segundo o *Dicionário Histórico*, esta nomeação ocorreu em 1827. E. Pereira, G. Rodrigues, *Portugal* – “Dantas Pereira (José Maria) ...”, pp.16-18.



Após a aclamação de D. Miguel em 1828⁵⁷, voltou a estar ligado ao governo, formando assento na Assembleia dos Três Estados⁵⁸, onde representava a nobreza. Foi também nomeado por várias ocasiões para comissões especiais, onde foi encarregue de lidar com os processos de presos políticos.

No entanto a disputa entre liberais e absolutistas estava longe de terminar, culminando num evento especialmente marcante para Dantas Pereira, a Guerra Civil

Esta guerra foi travada entre liberais constitucionalistas, liderados por D. Pedro IV, e os monárquicos absolutistas, apoiantes de D. Miguel, no período de 1832 a 1834, tendo terminado com a vitória dos liberais, com a assinatura da Convenção de Évora Monte⁵⁹. Ora, Dantas Pereira, um miguelista assumido⁶⁰, viu-se afetado com este desfecho, e à semelhança dos outros seguidores de D. Miguel, foi afastado de Portugal. Foi demitido por decreto de julho de 1834, e emigrou para Inglaterra. Não se encontraram informações sobre a sua permanência em solo britânico, no entanto sabe-se que depois mudou-se para França.

É possível notar a amargura com que Dantas Pereira se refere ao período da Guerra Civil na parte final da sua autobiografia:

Il n'a pas été et il ne sera jamais pour les horreurs de la guerre civile; jamais il ne conviendra que la violence soit le moyen d'étendre l'empire de la raison; jamais il ne sera pour ce mouvement désordonné qui dérange les fonctions vitales de la société au point de lui devenir mortel⁶¹.

Poderá se argumentar que este é um juízo de valor parcial, afetado pela derrota daquela que era a sua corrente política, no entanto, e como iremos observar, Dantas

⁵⁷ Após a morte de D. João VI, em 10 de março de 1826, o sucessor ao trono seria D. Pedro IV. No entanto, este encontrava-se no recém-independente Brasil, tendo abdicado o trono para a sua filha D. Maria II, noiva de D. Miguel. D. Maria era ainda uma criança, o que levou a que a sua tia, infanta D. Isabel Maria, assumisse a regência. Este governo foi atribulado, devido à discórdia existente entre as câmaras e ministros e, quando a infanta adoeceu, D. Pedro decidiu confiar o trono a D. Miguel, sendo este cargo decretado a 3 de julho de 1827. Assumiu o governo de Portugal a 26 de fevereiro de 1828, e foi aclamado como rei absoluto a 7 de julho do mesmo ano. E. Pereira, G. Rodrigues, "Miguel (D.)", *Portugal – Dicionário Histórico...*, Vol. IV, pp. 1099-1104.

⁵⁸ Assembleia formada pelos três estados do Reino, o Clero, a Nobreza, e o Povo, que em 1828 aclamaram D. Miguel como rei absoluto. ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, "A Monarquia Constitucional (1820-1910)", <https://www.parlamento.pt/Parlamento/Paginas/monarquia.aspx>, consultado em dezembro de 2017.

⁵⁹ Convenção assinada a 26 de maio de 1834, segundo a qual as tropas de D. Miguel foram obrigadas a recuar do combate, assinalando a derrota dos absolutistas. "Evoramonte (Convenção de)", *Portugal – Dicionário Histórico...*, p.234, www.arqnet.pt/dicionario/evoramontecoovencao.html, consultado em junho de 2018.

⁶⁰ I. F. da Silva, *Diccionario bibliographico portuguez...*, p.30.

⁶¹ J. M. D. Pereira, *Notice sur la vie...*, p.1.



Pereira foi um pensador progressista em muitos dos assuntos que tratou, mostrando sempre uma grande preocupação na difusão do conhecimento entre os seus compatriotas e camaradas, independentemente das suas ideias políticas. Não é de todo descabido considerar que Dantas Pereira, tal como ele afirma, fosse mais a favor da discussão através do discurso e da razão, do que por meios bélicos, apesar de ter pertencido à facção derrotada.

Quanto à data de óbito, apesar de se encontrar algumas divergências quanto ao local e dia⁶², optou-se por indicar a data de 23 de outubro de 1836, pois estes dados são os que mais recorrentemente surgiram durante as pesquisas, nomeadamente nos *Livros Mestre*⁶³. É afirmado na biografia do seu primogénito, Vitorino João Carlos Dantas Pereira, que este terá se reencontrado com o pai em Paris, onde este se encontrava “já velho, gravemente doente, e só”⁶⁴, tendo-o acompanhado para Montepellier⁶⁵, permanecendo ao seu lado nos últimos momentos.

Aspirante-a-guarda-marinha	10 de setembro de 1788
Guarda-marinha	18 de janeiro de 1789
Tenente-do-mar	17 de dezembro de 1789
Capitão-tenente	20 de outubro de 1796
Capitão-de-fragata	11 de maio de 1797
Capitão-de-mar-e-guerra	12 de janeiro de 1801
Chefe-de-divisão	8 de março de 1808
Chefe-de-esquadra-graduado	15 de novembro de 1817
Chefe-de-esquadra-efetivo	13 de maio de 1819

Quadro 1 - Datas de promoções de Dantas Pereira.

⁶² I. F. da Silva, *Diccionario bibliographico portuguez...*, p.30. Neste dicionário bibliográfico, o autor, para além de afirmar que Dantas Pereira faleceu em Montepellier, ainda refere que foi a 22 de outubro, e não a 23 de outubro, como indicam os *Livros Mestre*.

⁶³ AHM, *Livro Mestre n.º 380*, p. 3 ver.; AHM, *Livro Mestre n.º 378*, p.37.

⁶⁴ Esteves Pereira, Guilherme Rodrigues, “Vitorino João Carlos Dantas Pereira”, *Portugal – Dicionário histórico, corógrafo, heráldico, biográfico, bibliográfico, numismático e artístico*, vol. III, pp.19-20, edição em papel de João Romano Torres (1904-1915), <http://www.arqnet.pt/diccionario/dantaspereiravitorino.html>, edição eletrónica de Manuel Amaral (2000-2012), acedido em abril de 2018.

⁶⁵ O local de óbito é outra variável que suscita dúvidas, existindo fontes que afirmam que este terá falecido em Paris, e outras que afirmam que terá sido em Montepellier.



1.5.A Carreira de Marinha

1.5.1. O destaque na Academia Real de Marinha

A primeira instituição de ensino da qual se tem conhecimento que Dantas Pereira passou é a ARM. Por forma a contextualizar a relação desta com o ensino em Portugal, considerou-se pertinente realizar uma breve contextualização da mesma.

As primeiras medidas adotadas para regulamentar os oficiais de Marinha datam do século XVIII⁶⁶, quando o Marquês de Pombal, em 1761, decide criar a classe de Guarda-marinha, como forma de recrutamento para oficiais de Marinha.

Esta medida tornou-se oficial com o decreto de 2 de julho de 1762, que estabelecia a criação de 24 Guardas-marinhas, posto equivalente à graduação, e soldo, de Alferes do Exército.⁶⁷ Mais tarde, Dantas Pereira comenta o facto deste decreto não estabelecer “claramente pelo tocante ao ensino daquelles chamados Guardas-marinhas”⁶⁸, utilizando este argumento como a justificação pela prematura extinção destes, pelo decreto de 9 de julho de 1774, somente 12 anos depois.

As primeiras tentativas de estabelecer um ensino regular para aqueles que seriam os futuros oficiais caíram por terra, fruto do débil aproveitamento que os Guardas-Marinhas tinham⁶⁹.

No entanto não era tolerável que a formação dos oficiais de Marinha continuasse sem a organização adequada para a complexidade da própria, pelo que quem lançou bases fortes para a instrução naval em Portugal foi Martinho de Melo e Castro⁷⁰, tendo criado em 1779 a ARM, em Lisboa. Esta tinha o fim de estabelecer um quadro de estudos que desse a habilitação indispensável para ser oficial quer da marinha militar, quer da mercante.⁷¹

⁶⁶ Tancredo de Moraes, *Os Primeiros Cem Anos...*, p.15.

⁶⁷ José Maria Dantas Pereira, *Discurso recitado na Sessão de abertura da Real Academia dos Guardas marinhas em 1803, e retocado em 1828*, Lisboa, na Impressão Régia, 1828, p.4.

⁶⁸ *Ibidem*, p.4.

⁶⁹ A. L. P. Albuquerque, *Da Companhia de Guardas-Marinhas...*, p.24.

⁷⁰ Martinho de Melo e Castro (1716-1795) foi um diplomata português, que à semelhança de Dantas Pereira, fora um jovem prodígio a nível académico e tinha relações próximas com a Família Real. A nível político destacou-se pelas suas ações diplomáticas junto da corte inglesa nos meados do século XVIII, tendo sido um elemento chave na defesa do território português nesta época, alcançando, entre outros efeitos, o precioso auxílio dos ingleses durante a invasão espanhola. A sua relação direta com a Marinha começou em 1769, quando foi nomeado para Secretário de Estado da Marinha. Reformou exaustivamente a instituição, devendo ser destacado no âmbito desta dissertação para além da ARM, a criação da ARGM, onde o diplomata frequentava regularmente os exames realizados nesta. José Carlos Amado, “Martinho de Melo e Castro”, *Comemorações do Bicentário da Companhia de Guardas-Marinhas e da Sua Real Academia*, Lisboa, Instituto Hidrográfico, 1985, pp.141-150.

⁷¹ Tancredo de Moraes, *Os Primeiros Cem Anos...*, p.19



Esta Academia, foi criada com o “objetivo de dotar a Marinha de pilotos qualificados e capazes de servir o comércio marítimo com total segurança, situação que até então não se verificava”⁷².

No documento⁷³ que inaugura a ARM, é explícito o objetivo de formar os seus discípulos nas ciências exatas, com o intuito de melhorar particularmente a arte de navegar. A instituição começou a funcionar em 1780, conforme Aviso do Governo, de 26 de outubro de 1779⁷⁴.

Esta Academia assume particular importância no estudo da vida de Dantas Pereira, pois trata-se daquela que lhe concedeu a sua primeira formação científica de base. Torna-se relevante apresentar que matérias eram lecionadas aqui. Quanto à formação dada nesta instituição, podemos destacar três componentes essenciais. A matemática, a mecânica na parte aplicável ao aparelho dos navios de vela, e a náutica⁷⁵.

Segundo Albuquerque, na Academia ministravam-se “sólidos cursos matemáticos”⁷⁶, sendo que a duração, e conseqüente constituição teórica do curso, variava consoante fosse o destino dos discípulos no que toca à sua carreira futura. Os discípulos que pretendessem seguir pela carreira de piloto na marinha mercante, apenas teriam de atender aos primeiros dois anos do curso, e aqueles que ambicionassem uma carreira ligada à engenharia militar, ou como oficiais na Armada Real, teriam de completar os três anos completos do curso, sendo que a estes últimos acrescia ainda a condição de efetuarem dois anos de embarque após o curso.⁷⁷

O curso era, portanto, considerado matemático, e na sua modalidade mais extensa era dado em três anos, cada um com o seu respetivo lente. A tabela seguinte apresenta as matérias que compunham o curso matemático ministrado na Academia:

1.º ano	Aritmética, geometria, trigonometria plana e seu uso prático, princípios elementares de álgebra até às equações de 2.º grau
---------	---

⁷² Nuno Martins Ferreira, *A Institucionalização do Ensino da Náutica em Portugal (1779-1807)*, Lisboa, Academia de Marinha, 2017, p.143.

⁷³ Lei de 5 de agosto de 1779 que cria a Academia Real de Marinha, http://www.governodosoutros.ics.ul.pt/?menu=consulta&id_partes=109&acao=ver&pagina=254, consultado em junho de 2018.

⁷⁴ A. L. P. Albuquerque, “Transmigração da Família Real...”, p.356.

⁷⁵ Tancredo de Moraes, *Os Primeiros Cem Anos...*, p.19.

⁷⁶ A. L. Porto e Albuquerque, *Da Companhia de Guardas-Marinhas...*, p.12.

⁷⁷ *Ibidem*, p.12.



2.º ano	Álgebra aplicada à geometria, cálculo diferencial e integral, princípios de estática, dinâmica, hidrostática, hidráulica e ótica
3.º ano	Trigonometria esférica, arte de navegação teórica e prática

Quadro 2 - Curso ministrado na ARM, segundo a lei de 5 de agosto de 1779⁷⁸

Quanto às condições de admissão sabe-se que a idade mínima de admissão na ARM era de 14 anos. E antes de ser admitidos, todos os candidatos eram submetidos a provas perante o professor de geometria, por forma a comprovar que o seu domínio nas quatro operações fundamentais da aritmética.⁷⁹

Quanto ao espaço físico, a Academia funcionou no espaço destinado ao Colégio dos Nobres⁸⁰, conforme disposto na lei de 5 de agosto de 1779.

A ARM foi pioneira como instituição dedicada à formação científica, dos futuros oficiais de Marinha, apesar de não se dedicar exclusivamente a este nicho.

Analisando agora aquela que foi a passagem de Dantas Pereira por esta instituição, o primeiro obstáculo que se encontrou foi o de durante a pesquisa não se encontrar qualquer documento a respeito do ingresso deste na ARM. No entanto, o próprio afirma na sua breve autobiografia que terá sido discípulo em 1786⁸¹, facto que coincide com os restantes registos das suas promoções seguintes.

Sabemos através dos *Livros Mestre*, que Dantas Pereira assentou praça como Aspirante-a-guarda-marinha a 10 de setembro de 1788⁸². Podemos concluir que Dantas Pereira estudou durante dois anos na ARM, e apesar de não ter completado os três anos de curso necessários para ser oficial de Marinha, entrou para esta carreira através da ARGM, instituição para a qual entrou em 1788, fruto dos seus bons resultados académicos.

O próprio Comandante da ARGM, o Conde de S. Vicente é quem vai propor o ingresso de Dantas Pereira na Companhia⁸³ à Rainha D. Maria, dando para o efeito uma honorífica menção acerca do desempenho deste na ARM.

⁷⁸ Retirado de N. Ferreira, *A Institucionalização do Ensino da Náutica...*, p. 144.

⁷⁹ Tancredo de Moraes, *Os Primeiros Cem Anos...*, p.20.

⁸⁰ A. L. Porto e Albuquerque, *Da Companhia de Guardas-Marinhas...*, p.12.

⁸¹ J. M. D. Pereira, *Notice sur la vie...*, p.1.

⁸² AHM, *Lista dos Oficiais da Armada Nacional e Real Referida a 3-7-1821*.

⁸³ AHM, Companhia dos Guardas-Marinhas, cx. 115, pasta 6, doc. 288, 24/08/1788. Nesta proposta, o Conde propõe Dantas Pereira, juntamente com dois outros discípulos merecedores do seu elogio. Estas três propostas foram feitas com a intenção de completar as 24 vagas para a Companhia existentes nesse ano letivo.



...he um dos Discipulos mais distinctos que tem tido athe agora, a Real Academia de Marinha: obteve os partidos, que os Estatutos da Mesma Real Academia destinão para os mais applicados: mereceo as Certoens mais distinctas do Lente o Doutor João Angelo Brunelli, e do Substituto Manoel do Espirito Santo Limpo, ambos da sobredita Real Academia⁸⁴.

De facto, ao analisarmos o decreto de 14 de dezembro de 1782, no qual D. Maria cria a CGM⁸⁵, denotamos que para além das restantes modalidades de ingresso, existia ainda a possibilidade de “tambem ser admittidos aquelles Discipulos da Academia Real da Marinha, que houverem tido o partido, que Eu tenho estabelecido, para os que nos exames mostrarem maior applicação, e habilidade”⁸⁶.

A conclusão a que se chega é que foi o brilhantismo com que Dantas Pereira concluiu o seu curso na ARM, que lhe permitiu ingressar na ARGM, tendo o seu intellecto e disciplina aberto as portas da instituição militar à qual o jovem discípulo iria ficar associado mais de 30 anos.

1.5.2. A Academia Real de Guardas-Marinhas

Comecemos por igualmente contextualizar a ARGM, instituição que assumiu um papel central na carreira, e vida, de José Maria Dantas Pereira.

Por Decreto de 14 de dezembro de 1782, pela rainha D. Maria I, foram reinstituídos os Guardas-Marinhas, classe que, conforme dito anteriormente, tinha cessado de existir. Neste decreto, é criada a CGM⁸⁷.

Os estudos dos então Guardas-marinhas passaram, segundo Albuquerque, a realizar-se na altura apelidada de Academia da Companhia de Guardas-Marinhas⁸⁸.

“Os trabalhos académicos abriram-se em 24 de março de 1783, na Casa das Formas do Arsenal de Marinha, na antiga Ribeira das Naus, em Lisboa”⁸⁹.

⁸⁴ AHM, *Companhia dos Guardas-Marinhas*, cx. 115, pasta 5, doc. 288.

⁸⁵ A. L. P. Albuquerque, *Da Companhia de Guardas-Marinhas...*, p.24.

⁸⁶ Decreto de 14 de dezembro de 1782, que cria a Companhia dos Guardas-Marinhas. Este documento pode ser consultado em A. L. P. Albuquerque, *Da Companhia de Guardas-Marinhas...*, pp. 24-26.

⁸⁷ A. L. P. Albuquerque, *Da Companhia de Guardas-Marinhas...*, p.24.

⁸⁸ Segundo Albuquerque, foi a partir de 1790 que se consagrou o uso do nome Academia Real de Guardas-Marinhas, sendo que foi oficialmente reconhecido pela carta de lei de 1 de abril de 1796, onde foram descritos os seus estatutos.

⁸⁹ A. L. P. Albuquerque, *Da Companhia de Guardas-Marinhas...*, p.13.



Relembrando o capítulo anterior, sabemos que em 1761⁹⁰, já se tinha criado o posto de Guarda-marinha, também com o intuito de criar um corpo de oficiais destinados ao serviço da Marinha. No entanto, nesta altura, não havia instalações físicas próprias para o ensino. Morais⁹¹ deduziu que esta implementação, por parte do Marquês de Pombal, tinha seguido o modelo inglês de formação náutica, dando primazia à componente prática, visto que toda a formação se dava no embarque destes Guardas-marinhas. No entanto os resultados desta medida foram insatisfatórios, e resultaram na extinção do Corpo de Guardas-marinhas em 1774⁹².

No decreto de 14 de dezembro de 1782, de D. Maria I, é criada uma organização militar para aqueles que ambicionavam ser oficiais da Real Armada, a CGM, que era completamente separada da contemporânea ARM⁹³.

Ao analisarmos a bibliografia referente a este assunto, comprovamos que têm existido diferentes pontos de vista quanto ao início da atividade nesta Academia⁹⁴. Isto deve-se ao período que decorreu entre o decreto que cria a Academia, o decreto de 14 de dezembro de 1782, e o documento que a oficialmente regula, o decreto de 1 de abril de 1796. Ferreira na sua obra analisa as diferentes interpretações relativas a esta época. Segundo este autor “Nos autores que escreveram sobre a Academia, existiu a tendência de inaugurar a atividade letiva após a publicação dos estatutos, isto é, a partir de 1796”⁹⁵. No entanto, ao longo da sua investigação, apoiando-se nos documentos existentes no AHM concernentes à CGM, é atingida a conclusão de que o funcionamento da Companhia teve início antes da sua regulação pelos Estatutos de 1796: “a formação dos guardas marinhas foi sistematizada e posta a funcionar antes da sua regulamentação”⁹⁶.

Para corroborar esta informação, encontrou-se ainda um indício do funcionamento da ARGM antes da sua regulamentação nas próprias palavras de Dantas Pereira. No discurso que este proferiu na sessão de abertura da Academia em 1803, elabora um resumo da história desta mesma instituição.

Através da leitura deste documento corroboramos a conclusão de que a Academia já se encontrava em funcionamento previamente à regulação dos seus estatutos, bem

⁹⁰ Decreto 2 de julho de 1761, cria vinte e quatro guardas-marinhas, posto equivalente ao de alferes de infantaria, e regula a forma como os guardas-marinhas devem fazer o serviço a bordo dos navios de guerra.

⁹¹ Tancredo de Morais, *Os Primeiros Cem anos da Escola Naval...*, p. 17.

⁹² A. L. P. Albuquerque, *Da Companhia de Guardas-Marinhas...*, p. 24.

⁹³ *Ibidem*, p.24.

⁹⁴ N. Ferreira, *A Institucionalização do Ensino da Náutica...*, pp.182-184.

⁹⁵ *Ibidem*, p.182.

⁹⁶ *Ibidem*, p.184.



como retirar alguns detalhes acerca desta mesma. Começemos pelas primeiras aulas a ser lecionadas na Academia:

Matéria	Lente	Data de início	Data de fim
Matemática	1.º tenente José Pinto Rebello ⁹⁷	25 de junho de 1783	18 de janeiro 1791
Desenho e construção naval pratica	“o nosso actual primeiro construtor, meu mestre”	24 março de 1783	-
Manobra	Manoel dos Santos	24 de março de 1783	-
Francês	Francisco Mendonça de Sepulveda ⁹⁸	3 de julho de 1783	1796
Aritmética	Capitão tenente José Jacinto Leiria	agosto de 1783	-
Florete	Justino Pinaud	7 de janeiro de 1788	1 de maio de 1789
Manejo de armas	Sargento de mar e guerra Antonio Carvalho	24 de março de 1783	-

Quadro 3 - Resumo da lista de Docentes da ARGM elaborada por Dantas Pereira⁹⁹

Complementando a constituição do corpo docente, Dantas Pereira ainda faz referência aos oficiais que assistiam o Comandante da Companhia, Conde de S. Vicente, na direção desta, referindo os então Capitães-tenentes Pedro de Mariz de Sousa Sarmento, e Agostinho da Rosa Coelho¹⁰⁰.

1.5.3. O brilhante desempenho na ARGM

Revedo agora as condições de admissão, segundo o decreto de 14 de dezembro de 1782, os candidatos à CGM poderiam ser aqueles que cumprissem com as condições descritas no Alvará de 16 de março de 1757 para os Cadetes das Tropas de terra; ou caso contrário, teriam de ser rapazes com idades entre 14 e 18 anos, que cumprissem uma das seguintes premissas: ser filho de oficial de Marinha de Capitão-tenente ou postos acima; ser filho de Sargento-mor, ou postos acima para os oficiais do Exército; e como última, e aquela mais interessou para Dantas Pereira, poderiam ser admitidos aqueles discípulos da

⁹⁷ Casado com uma tia de Dantas Pereira, foi o primeiro Lente de Matemática da Academia por “gratificação” do seu serviço prestado. J. M. Dantas Pereira, *Discurso recitado na Sessão de abertura da Real Academia dos Guardas marinhas em 1803...*, p.7

⁹⁸ *Ibidem*, p.7. Este mestre concluiu o seu magistério brevemente após a publicação dos estatutos da Academia, tendo, segundo Dantas Pereira, sido o “primeiro e unico mestre da Companhia em quanto á lingua Francaza”. J. M. D. Pereira, “Notas Illustradores e comprovadoras do discurso recitado em 1803...”, nota 20.

⁹⁹ *Ibidem*, p. 8.

¹⁰⁰ J. M. D. Pereira, *Discurso recitado na Sessão...*, p.8.



ARM, que tivessem um excecional desempenho, e que mostrassem mais aplicação e habilidade nos exames¹⁰¹.

Esta admissão de Dantas Pereira revelou-se frutuosa, pois este alcançou consistentemente os melhores resultados nas suas provas. Façamos um levantamento dos registos que indicam isto:

No *Estado Actual da Companhia de Guardas Marinhas Officiaes e agregados e com exercicio nella*¹⁰² referente à semana de 5 a 11 de outubro de 1788, encontramos que realizou “magistralmente” os exames de “princípios gerais da mecânica e do equilíbrio dos fluidos e dos corpos mergulhados nelles”, e de “ aplicação dos principios gerais de mecânica, de equilíbrio e movimento das máquinas e da “aplicação dos sobreditos Principios as Questoens de Marinha”, tendo com este exímio desempenho merecido o acesso ao uso dos livros e instrumentos da Academia, algo que na época não era de utilização pública.

Num documento datado de 3 de janeiro de 1789 encontrámos registos sobre aquelas que foram as provas que Dantas Pereira realizou por forma a ser promovido a Guarda-marinha. Sobre estes exames, a sua prestação foi soberba, acrescida do facto de ter sido o primeiro aspirante a Guarda-marinha a realizá-los nesta estrutura¹⁰³, com apenas quatro meses e dois dias de ensino na ARGM¹⁰⁴.

As datas, conteúdos, duração e resultados dos respetivos exames encontram-se descritos no mesmo documento, a partir do qual conseguimos perceber a avaliação a que Dantas Pereira fora sujeito¹⁰⁵:

Dia	2 de janeiro		3 de janeiro		5 de janeiro		7 de janeiro	
Período	Manhã	Tarde	Manhã	Tarde	Manhã	Tarde	Manhã	Tarde

¹⁰¹ Decreto de 14 de dezembro de 1782, que voltou a criar a Companhia de Guardas-Marinhas, pela rainha D. Maria I.

¹⁰² Documento semanal, redigido pelo Comandante da Companhia, onde se registavam informações do funcionamento da Academia, como por exemplo os oficiais e grupos de serviço, matérias lecionadas, exames realizados e castigos aplicados.

¹⁰³ Numa carta datada de 28 de agosto de 1789, na qual Conde de S. Vicente propõe a exclusão do Aspirante António Feliciano, Aparicio Von Deck, o então Comandante da CGM descreve aquelas que eram as exigências académicas para estes. O Conde mandou principiar o estudo da Navegação por Bezout, e indicou quais os exames a que os Aspirantes teriam de ser sujeitos por forma a serem propostos a Guardas-marinhas. Estes exames seriam sobre as matérias de: Elementos de artilharia e geometria; prática de geometria no papel, prática de artilharia, manejo de armas brancas e de fogo, primeiras lições de esgrima, descrição das madeiras de construção, aparelho e velame, e gramática francesa, e poderiam ser realizados pelos aspirantes quando estes se sentissem preparados. AHM, caixa 115, pasta 6, doc. 332, 28/8/1789

¹⁰⁴ Os aspirantes que sucederam Dantas Pereira na realização destes exames foram dois, e realizaram com 11 meses de instrução na Academia. AHM, *Companhia dos Guardas-Marinhas*, caixa 115, pasta 6, doc. 332, 28/8/1789.

¹⁰⁵ AHM, *Companhia dos Guardas-Marinhas*, caixa 115, pasta 6, doc. 289, 3/01/1789.



Conteúdo	Aritmética e Geometria	Construção	Língua Portuguesa e Francesa	Manejo de armas brancas e de fogo	Artilharia prática ¹⁰⁶	Aparelho ¹⁰⁷	Exercício prático de artilharia a bordo	Princípios de esgrima
Duração	1 hora para quatro perguntas em cada matéria	40 minutos	45 minutos	20 minutos	31 minutos	28 minutos	Sem informação	Sem informação

Quadro 4 - Resumo dos exames que Dantas Pereira realizou aquando da sua promoção a Guarda-marinha.

Uma proposta da parte do Conde de S. Vicente para promover Dantas Pereira ao posto de Guarda-marinha¹⁰⁸, vem corroborar estas informações: o Conde faz um levantamento de todas as matérias que Dantas Pereira tinha dado provas de domínio, complementado que em várias delas tinha excedido aquilo que era exigido aos Aspirantes¹⁰⁹.

Dantas Pereira foi promovido a Guarda-marinha a 18 de janeiro de 1789, e continuou a destacar-se, e a desempenhar um papel relevante na vida da Academia.

Quando analisamos os registos que se referem ao aproveitamento académico dos alunos da Academia, vemos que Dantas Pereira se destaca em todos aqueles que é mencionado¹¹⁰.

Numa carta datada de 22 de junho de 1789, redigida pelo Conde de S. Vicente endereçada ao Ministro da Marinha Martinho de Melo e Castro, o Comandante da Companhia releva as qualidades pessoais e académicas do recente Guarda-marinha, solicitando que o soldo deste fosse aumentado, em virtude do trabalho deste em prol da

¹⁰⁶ “...analisando as partes da peça e carreta, vistidura, e atracadura, e contra-atracadura, ferragem, e outras couzas mais, que na Bateria se encontrão, (...) concluindo com o nome, uso e proporções das Armas, e Instrumentos para o serviço da Peça” AHM, *Companhia dos Guardas-Marinhas*, caixa 115, pasta 6, doc.229.

¹⁰⁷ “...panno redondo, d’entre os Mastros, e Triangular... repetio o nome dos cabos fixos e de laborar, e o uzo daquelles quanto à segurança da Mastreação; e o destes quanto à Practica da Manobra e a respeito do panno, repetio o seu nome, e o das partes onde enxerga..., AHM, *Companhia dos Guardas-Marinhas*, caixa 115, pasta 6, doc. 229.

¹⁰⁸ Esta proposta veio no seguimento do cumprimento do decreto de 14 de julho de 1788, onde D. Maria ordena que se promovam todos os aspirantes que se distinguiram nos estudos, concedendo 24 vagas para o efeito.

¹⁰⁹ Informação retirada de AHM, *Companhia dos Guardas-Marinhas*, caixa 115, pasta 6, doc.294, 12/01/1789.

¹¹⁰ Como evidências desta informação, temos o documento sobre o *Adiantamento e Atrazo da Companhia d’GGMM Quanto á Mathematica*, datado de 7 de fevereiro de 1789, onde de todos os alunos avaliados, Dantas Pereira foi o único que obteve *Excelente* na matéria de Navegação, e no documento *Estado de Situação da Companhia d’ GGMM até 10 de Março de 1789*, onde Dantas Pereira foi o único Guarda-marinha que obteve a classificação de Muito Bom, a todas as matérias mencionadas. A escala neste documento ia de “Pecimo” a “Muito Bom”, AHM, *Companhia de Guardas-Marinhas*, caixa 115, pasta 6, doc. 312.



instituição. O conde afirma que desde a promoção a Guarda-marinha, “toda a diferença tem sido em se distinguir cada vez mais”¹¹¹. De facto, para além da continua dedicação aos estudos na Academia, Dantas Pereira ainda executava as funções de Lente substituto de Matemática¹¹², na área da Aritmética, função essa que executava com brio, e eficácia¹¹³.

A prova seguinte da destreza de Dantas Pereira consistiu no exame vago do curso de matemática, a 10 de setembro de 1789, precisamente um ano após assentar praça de aspirante. Nesta, mais uma vez foi pioneiro:

fizeram Exame vago os seguintes Guardas Marinhas [...] Jozé Maria Dantas Pereira, na quarta secção de Navegação de Bezout, defficultozissima, e a primeira vez, que em Portugal se estudou publicamente [...]¹¹⁴.

A este exame assistiu, para além dos “mayores Mathematicos e Astronimos”, a própria Rainha, e o Príncipe Regente D. João VI. As elevadas capacidades que Dantas Pereira demonstrou nesta prova valeram-lhe a conclusão do curso matemático da ARGM, e concederam-lhe uma maior visibilidade junto da nobreza.

Após a conclusão do curso, o Conde de S. Vicente volta a propor a promoção de Dantas Pereira, mas com uma diferença. Desta vez, fruto da alta consideração que o Comandante possui do jovem Guarda-marinha, e de toda a dedicação do mesmo, o Conde propõe a promoção de Dantas Pereira não ao posto acima, mas sim dois postos, ou seja, a Tenente-do-mar: “Completo o curso mathematico de Bezout, e com grande distinção, igualmente lhe sucede o mesmo, em os exercícos diários e instrutivos da Real”¹¹⁵.

E assim foi promovido a Tenente-do-mar a 17 de dezembro de 1789, com 17 anos, pouco depois foi nomeado chefe da 3ª Brigada da CGM a 11 de janeiro de 1790¹¹⁶. Esta rápida progressão na sua carreira levantou sentimentos de inveja nos seus

¹¹¹ AHM, *Companhia dos Guardas Marinhas*, caixa 115, pasta 6, doc. 322.

¹¹² Este cargo era por vezes atribuído a Guardas-marinhas que se distinguissem nos seus estudos, fruto das dificuldades que se sentiam na Academia ligadas aos Lentos.

¹¹³ Na proposta do Conde de S. Vicente para Dantas Pereira ser promovido a Tenente-do-mar, este releva a sua atividade como professor: “Sendo quem destinei para ensinar aritmética o que tem executado com tanto aproveitamento” AHM, *Companhia dos Guardas-Marinha*, caixa 115, pasta 6, doc. 337, 21/11/1789.

¹¹⁴ AHM, *Companhia dos Guardas-Marinhas*, caixa 115, pasta 6, doc. 526.

¹¹⁵ AHM, *Companhia dos Guardas-Marinhas*, caixa 115, pasta 6, doc. 337, 21/11/1789.

¹¹⁶ AHM, *Livro mestre n.º 378*, p. 37. AHM, *Livro dos oficiais da Armada Nacional e Real Referida a 3-7-1821*, p.12. AHM, *Livro Mestre n.º 380*, p. 3 v.



contemporâneos camaradas, que se manifestaram posteriormente na sua vida¹¹⁷, tendo o próprio afirmado isto na sua breve autobiografia¹¹⁸.

A promoção a Tenente-de-mar veio acompanhada da condição de continuar ligado à Companhia e Academia de Guardas-Marinhas. Isto revela que desde muito cedo, os seus superiores tomaram consciência do potencial deste, e demonstraram vontade de preservá-lo.

Ainda neste ano, realizou a sua viagem de instrução. Embarcou a 9 de julho de 1790 na fragata *Cisne*, que tinha como função a instrução e ensino dos Guardas-marinhas e desembarcou a 29 de setembro do mesmo ano, em virtude do desarmamento da mesma.¹¹⁹ No seu discurso à CGM de 1803, faz um resumo daquela que foi a sua viagem de instrução:

[...] na qual nos dirigimos a Gibraltar, cujas fortificações inexpugnáveis nos forão patenteadas; a Algeiras, aonde vimos as linhas dos Hespanhoes; a Ceuta, onde saudosíssimas lembranças excitáram sobre maneira a minha sensibilidade; a Cadiz, onde nos franqueáram muito por miúdo a vista do seu Arsenal, superior ao nosso; e a do seu estabelecimento de Guardas-marinhas inferior, mas não quanto a mestres; a Lagos ultimamente onde só podemos admirar que sejam tão mesquinhos os restos daquelle porto, donde sahimos a dominar o Oceano; passando á conquista d’Africa occidental, da oriental, do Sueste d’America, e de todo o mar asiatico¹²⁰.

Pouco tempo após chegar da viagem de instrução, a 16 de outubro de 1790, é nomeado lente de matemática da ARGM. Iria vencer o soldo que já possuía de Tenente-de-mar com exercício de Chefe de Brigada¹²¹.

1.5.4. O Comandante da Companhia

Dantas Pereira é promovido a Capitão-tenente a 20 de outubro de 1796, com 24 anos, e novamente com a condição de ficar ligado à sua função de lente da ARGM¹²². Menos de um ano mais tarde é promovido a Capitão-de-fragata, a 11 de maio de 1797.

¹¹⁷ José António Rodrigues Pereira, “José Maria Dantas Pereira”, *200 anos da Companhia de Guardas Marinhas e da sua real academia*, Lisboa, Instituto Hidrográfico, 1985, p. 161.

¹¹⁸ J. M. Dantas Pereira, *Notice Sur la Vie...*, p.1.

¹¹⁹ AHM, *Lista dos Oficiais da Armada Nacional e Real Referida a 3-7-1821*, p.12.

¹²⁰ J. M. Dantas Pereira, *Discurso recitado na Sessão...*, p. 12.

¹²¹ AHM, *Livro Mestre n.º 378*, p. 37. AHM, *Livro Mestre n.º 380*, p. 3 v.

¹²² AHM, *Livro Mestre n.º 378*, p. 37.



Encontramo-nos agora no ano de 1800. Na ARGM, onde exerce funções de Lente de matemática, atravessa-se uma fase conturbada. O seu primeiro Comandante, o Conde de S. Vicente, tinha falecido em 8 de dezembro de 1795, e desde esse período que rege a indisciplina e desorganização na Academia. Na falta de um claro superior hierárquico, a CGM apenas teve comandantes interinos, dentre os quais Dantas Pereira.

Albuquerque na sua obra refere que conseguiu identificar dois anteriores ao nosso biografado, os quais o Sargento-mor Euzébio Dias Azedo, e o Capitão-de-fragata António Pires da Silva Pontes Lerne, ambos, tal como Dantas Pereira, lentes na Academia. Foi devido a este facto, o de não existir um Diretor oficial, que surgiam problemas de autoridade entre os lentes da Academia, e os sucessivos Comandantes da Companhia.

Tal como Albuquerque refere, os primeiros não consideravam que o Comandante possuía autoridade sobre estes¹²³. Foi aqui que Dantas Pereira interveio. Em 16 de junho de 1800, o Capitão-de-fragata¹²⁴ comete um ato pouco usual. Envia uma carta ao Ministro da Marinha D. Rodrigo de Sousa Coutinho, solicitando a este a sua nomeação para Comandante efetivo da CGM. Nesta carta, Dantas Pereira explica as razões pelas quais este deve ser alvo de tal nomeação.

Começa por explicar que devido ao facto de ser mais antigo que todos os restantes lentes da Academia, naturalmente estes seguiriam o seu comando:

Vendo que no estado atual da Companhia e Real Academia dos Guardas da Marinha, parece recair em mim o Commando da referida Companhia, por eu ser o mais antigo dos seus Officiaes Superiores que nella existem: notando quão naturalmente se podem evitar (...) e collisoens de autoridade¹²⁵.

E continua por afirmar que para além da sua antiguidade, Dantas Pereira ainda possui um vasto conhecimento da instituição e do seu funcionamento, bem como dos seus diversos serviços, isto devido à sua passagem por esta tanto como discípulo, bem como oficial e docente:

¹²³ A. L. P. Albuquerque, *Da Companhia de Guardas-Marinhas...*, p. 60.

¹²⁴ Foi promovido a este posto a 11 de maio de 1797.

¹²⁵ Carta de Dantas Pereira a Dom Rodrigo de Sousa Coutinho. Albuquerque, *Da Companhia de Guardas-Marinhas...*, p. 60.



reflectindo em que as minhas circunstancias actuays unidas á generalidade dos conhecimentos, que possuo dos diferentes ramos daqueles serviços por ter passado por todos os seus graus e diversos estados¹²⁶.

D. Rodrigo de Sousa Coutinho atende ao pedido de Dantas Pereira, e este é nomeado Comandante da CGM a 21 junho de 1800.

Esta atitude proativa de Dantas Pereira constitui um forte indício de alguns dos traços mais caraterísticos deste, a sua contínua procura pela melhoria do ensino e disciplina da Academia, a sua proatividade e iniciativa.

A 12 de janeiro de 1801, Dantas Pereira foi promovido a Capitão-de-mar-e-guerra com a idade de 29 anos.

Neste período, Dantas Pereira toma uma ação notória no que toca à sua participação ativa em assuntos nacionais. Encontrámo-nos no início do século XIX, período no qual nascem ideias liberais, que colidem com o Antigo Regime. Uma manifestação deste período conturbado em território nacional foi a *Guerra das Laranjas*, na qual resulta a perda da Praça de Olivença. Pinto refere no seu artigo que, devido à ameaça que estava presente no país, Dantas Pereira decide oferecer um dos seus soldos ao Príncipe Regente D. João VI, para assim custear o custo da guerra¹²⁷. Este ato, apesar de não ter sido aceite pela Corte, demonstra um sentimento de um sólido patriotismo associado a Dantas Pereira, o qual é reconhecido pelo próprio Príncipe.

“Dantas Pereira foi, e será sempre um leal defensor do seu País e do seu Rei.”¹²⁸

Um feito que deve ser destacado do início do seu percurso como Comandante da CGM é o da formação do “Depósito de Escritos Marítimos”, que seria a *Biblioteca para uso dos Guardas-Marinhas*¹²⁹.

Ao longo dos primeiros anos de Dantas Pereira, é possível inferir sobre o dinamismo e vontade deste, em melhorar o funcionamento da Academia, em prol da formação dos Guardas-marinhas.

¹²⁶ *Ibidem*, p. 60.

¹²⁷ José Luís Leiria Pinto, “Dantas Pereira e a Real Academia dos Guardas-Marinhas”, *Bicentenário da partida da Família Real para o Brasil 1807-2007*, Lisboa, Academia de Marinha, 2011.

¹²⁸ *Ibidem*, p.65.

¹²⁹ A. L. P. Albuquerque na sua obra apresenta o decreto referente à criação de uma “biblioteca para uso dos guardas-marinhas” por parte de Dantas Pereira. Albuquerque, *Da Companhia de Guardas-Marinhas ...*, p.63.



Temos como exemplo desta afirmação um ofício de 15 de maio de 1802, no qual Dantas Pereira apela ao Ministro da Marinha acerca da necessidade de uma corveta de ensino, destinada exclusivamente para o ensino dos Guardas-marinhas¹³⁰.

Até à data, os Guardas-marinhas embarcavam em navios que não eram apenas dedicados à instrução destes, mas sim, empenhados nas suas próprias missões¹³¹, facto que na opinião de Dantas Pereira, não era benéfico para a formação prática dos Guardas-marinhas. O conceito da corveta de ensino não era novo¹³², no entanto, nunca tinha sido posto em prática. O recém comandante da Companhia insistiu para colocar em prática este método, argumentando sobre as vantagens que tal medida teria na formação dos Guardas-marinhas¹³³.

No ano de 1802, um marco importante é dado na história da carreira de Dantas Pereira, e do ensino náutico. Inaugurada por decreto de 1 de abril de 1802, foi criado depósito de escritos marítimos de autores portugueses. Este depósito destinava-se a tornar acessível aos oficiais da Marinha uma coleção de manuais de conhecimento relevante para a sua carreira. Ferreira aponta na sua obra que Dantas Pereira anteriormente terá alertado para a falta de material de estudo na ARGM¹³⁴, revelando que o Comandante já antevira a necessidade da criação de tal organismo.

Este depósito de escritos marítimos, também conhecido com a *Biblioteca da Companhia dos Guardas-Marinhas*, foi dirigida pelo nosso biografado, que nas palavras de Carlos Silva, era rígido no seu controlo, condicionando o seu acesso, e até mesmo atribuindo multas monetárias a infrações como por exemplo o atraso na entrega dos livros¹³⁵.

¹³⁰ A. L. P. Albuquerque, *Da Companhia de Guardas-Marinhas...*, p.66.

¹³¹ *Ibidem*, p.66.

¹³² Este navio já vinha descrito como parte da formação dos Guardas-Marinhas no decreto de 13 de novembro de 1800.

¹³³ A. L. P. Albuquerque, *Da Companhia de Guardas-Marinhas...*, p. 63.

¹³⁴ Nuno Ferreira, *A Institucionalização da Náutica...*, p.287. Dantas Pereira apresentou uma proposta de reorganização da ARGM, onde um dos pontos que indicou foi a insuficiência do curso matemático para a formação dos oficiais. Nesta proposta chegou a incluir uma lista de manuais que considerava essenciais para o ensino ministrado na Academia.

¹³⁵ Para um estudo mais detalhado sobre a história desta biblioteca, os seus conteúdos, e o impacto que Dantas Pereira teve durante a sua criação e existência, veja-se: Carlos André Lopes da Silva, “A Biblioteca da Real Academia dos Guardas-Marinhas: A constituição e organização de um acervo especializado mediada pela formação profissional do oficialato militar-naval”, *Antíteses*, vol. 7, n.º 13, 2014, pp. 113-133.



Dantas Pereira trataria de, à semelhança do que fez ao restante material didático, empenhar-se em levar o máximo possível da Biblioteca para o Brasil, tendo elaborado um catálogo do que restava nesta em 1812¹³⁶.

Para além de algumas medidas que Dantas Pereira exortava para a melhoria da Academia, existe documentação acerca de aspetos que não agradavam ao então Capitão de-mar-e-guerra.

A 3 de agosto de 1802, Dantas Pereira protesta ao Príncipe Regente, acerca de alguns abusos relacionados com a já referida questão da idade de admissão na CGM. Conforme dito anteriormente, a idade mínima era muitas vezes desrespeitada, e este facto não passou ao lado de Dantas Pereira. São mencionados neste documento 12 casos de Guardas-marinhas, e Aspirantes, que possuíam idade inferior a 15 anos, aquela que estava estabelecida nos seus regulamentos. Também são mencionados casos de Guardas-marinhas que não tinham passado pelo posto de Aspirante, bem como de Segundos-tenentes que não tinham passado pela CGM.

Ainda é feita uma observação por Dantas Pereira acerca dos discípulos da ARM, que não foram premiados pelos seus resultados académicos. Caso tivessem sido, teriam tido a oportunidade, tal como Dantas Pereira, de completar o curso na ARGM como Guardas-marinhas extraordinários, e continuado uma carreira na Armada¹³⁷.

Através desta menção, o Comandante da Companhia demonstra uma possível preocupação com aqueles que deveriam ser admitidos na ARGM, demonstrando preferência àqueles que já traziam formação da ARM, bem como a idade adequada para pertencer à Companhia.

Sempre preocupado com a qualidade do ensino, e proativo na exposição de propostas para reformas deste, apresenta em 1802, uma nova proposta para o ciclo de estudos nesta.

O Comandante da Companhia decide propor um novo plano de estudos, argumentando que, face ao que acontecia na Universidade de Coimbra, onde o curso matemático era dado em 4 anos, e com menos carga académica do que na ARGM¹³⁸, era

¹³⁶ José Maria Dantas Pereira, *Catalogo Systematico da Biblioteca da Companhia dos Real dos Guardas Marinhas*, Rio de Janeiro, [n.p.], 1812.

¹³⁷ A. L. P. Albuquerque, *Da Companhia de Guardas-Marinhas...*, pp.72-76.

¹³⁸ Na ARGM, para além da componente académica, era também ministrada a componente militar-naval, nas matérias de aparelho e manobra, construção naval prática, desenho, tática naval, artilharia. Os Guardas-marinhas ainda tinham acrescido o serviço militar inerente à instituição. AHM, *Companhia dos Guardas-Marinhas*, caixa 116, pasta 1, doc. 113, 19/08/1802.



perceptível que o curso matemático ministrado não tinha as condições necessárias para a sua correta aprendizagem. Como proposta para solucionar isto, Dantas Pereira propõe¹³⁹:

Anos	1.º	2.º	3.º	4.º
1.ª Hora e meia	Arithmetica; Geometria elementar; Álgebra até às equações de 2.ª grau;	Trigonometria retilínea; Resto de Álgebra; Cálculo;	Estática; Dinâmica; Hidroestática; Óptica; Tática Naval;	Trigonometria Esférica; Navegação;
2.ª Hora e meia	Aparelho e Manobra	Desenho e Construção Naval Prática		Teoria e Prática de Artilharia

Quadro 5 - Proposta de reformulação do curso da ARGM elaborada por Dantas Pereira.

Acrescenta ainda a esta proposta, a sugestão de principiar o embarque antes do início do curso matemático, embarque esse, que como vimos, estava previsto para o final do 1.º ano. Com esta medida, os discípulos teriam benefícios na medida em que habituariam-se melhor ao mar, face a serem mais novos; teriam uma melhor noção da carreira para onde ingressariam, tendo logo a oportunidade de desistir caso não correspondesse às suas expectativas; destituir-se-iam os discípulos que não fossem aptos para o mar logo à partida; e o embarque deixaria de ter influência negativa nos seus estudos, influência essa que Dantas Pereira critica severamente ao longo da sua carreira¹⁴⁰.

Apesar de, nem o plano de estudos, nem a alteração da data do embarque terem sido aprovados superiormente, é curiosa a semelhança da linha de pensamento de Dantas Pereira, com algumas medidas contemporâneas, como a posterior instauração da viagem de adaptação, que atualmente todos os cadetes têm de fazer como prova de ingresso na Escola Naval.

1.5.5. A partida para o Brasil

Sem dúvida que o evento mais marcante na carreira de Dantas Pereira enquanto Comandante da CGM foi a transição da respetiva Academia para o Brasil. Foi nesta transição que Dantas Pereira impôs o seu cunho pessoal, através do seu esforço e dedicação pessoal, naquela que foi das emigrações de maior relevância para o país.

¹³⁹ AHM, *Companhia dos Guardas-Marinhas*, caixa 116, pasta 1, doc. 113, 19/08/1802.

¹⁴⁰ AHM, *Companhia dos Guardas-Marinhas*, caixa 116, pasta 1, doc. 113, 19/08/1802.



A 29 de novembro de 1807¹⁴¹, a CGM parte para o Brasil, integrada numa esquadra de 23 navios de guerra, e 31 navios mercantes, acompanhada pelo seu Comandante, Dantas Pereira, para o Brasil, a bordo da nau *Conde D. Henrique*¹⁴².

Face ao tema que se aflora aqui, não entraremos em detalhes acerca dos motivos que levaram a emigração da Corte para o Brasil, ou dos preparativos por parte dos outros elementos do governo que se realizaram. Façamos antes um breve enquadramento por forma a situar este marco.

A decisão final da transferência da Corte para o Brasil foi tomada em outubro de 1807¹⁴³, devido à invasão francesa por parte das tropas do General Junot¹⁴⁴. Os planos para uma eventual transferência da corte já tinham sido considerados pelo governo anteriormente, pelo que a transferência da Corte não terá sido uma ação tomada repentinamente. De todas as instituições de ensino superior do país, esta foi a única que embarcou com a Corte para a colónia.

Obtém-se informação acerca desta partida através do Aviso de 5 de maio de 1808:

Tendo assomado a fatal epocha em que o Reino de Portugal foi envolvido na geral catástrofe que tinha soffrido quasi toda a Europa, o Comandante então da Companhia dos Guardas-Marinhas José Maria Dantas Pereira acompanhando a Côrte, foi por aviso d'esta data estabelecer no Rio de Janeiro esta Academia no Hospício do Mosteiro de S. Bento, servindo-se dos instrumentos, livros, modelos, machinas, cartas e planos com os quaes estava montada esta Academia em Lisboa¹⁴⁵.

O sucesso da transferência da Academia para o Brasil deveu-se em grande parte ao dinamismo e ação de Dantas Pereira. Albuquerque na sua obra analisa dois documentos que comprovam tal afirmação. O primeiro trata-se de um ofício de 29 de

¹⁴¹ A CGM já tinha iniciado o seu embarque a bordo da nau *Conde D. Henrique* a 27 de outubro do mesmo ano.

¹⁴² O percurso que fizeram, portos que praticaram, e mais alguns elementos notáveis da viagem, encontram-se descritos no texto de Rodrigues Pereira, apresentado na Academia de Marinha em 27 de novembro de 2007, nas comemorações do bicentenário da transferência da corte para o Brasil. José António Rodrigues Pereira, "A transferência da Corte para o Brasil. Uma operação naval de grande envergadura", *Bicentenário da partida da Família Real para o Brasil*, Lisboa, Academia de Marinha, 2011, pp.42-52, e em António Marques Esparteiro et. al., "Transmigração da Família Real para o Brasil", *História Naval Brasileira*, Vol. II, Tomo II, Rio de Janeiro, Ministério da Marinha, 1999, pp.325-336.

¹⁴³ António Luiz Porto e Albuquerque, *Perspectiva Histórica da Escola Naval do Brasil, 200 anos da Companhia de Guardas-Marinhas e da sua Real Academia*, p. 46.

¹⁴⁴ J. A. R. Pereira, "A transferência da Corte para o Brasil...", p. 42.

¹⁴⁵ Este aviso pode ser consultado em A. L. P., Albuquerque, *Da Companhia dos Guardas-Marinhas...*, p.97.



outubro de 1807, enviado ao Ministro da Marinha e Ultramar, à altura o Visconde de Anadia, no qual o nosso biografado participa o embarque da CGM, bem como de dois lentes para o Brasil.¹⁴⁶

Sabe-se através deste ofício, que aquando do embarque da Companhia para o Brasil, esta possuía um efetivo de 25 Guardas-marinhas e Aspirantes, dos quais 14 embarcaram na nau *Conde D. Henrique*, chefiados pelo Guarda-marinha Henrique Evaristo Lobo¹⁴⁷. As razões apontadas para a Companhia não ter embarcado na sua totalidade são várias, das quais alguns discípulos encontrarem-se no estrangeiro, alguns serem menores, como apontado já anteriormente por Dantas Pereira, e alguns devido à doença¹⁴⁸. Dos alunos sabe-se que cinco já tinham concluído o curso, dos quais três ou quatro dirigiram-se para o Brasil acompanhando os pais noutros navios¹⁴⁹.

O documento seguinte que Albuquerque analisa, presente no AHM¹⁵⁰, é de considerável importância no que toca ao impacto que Dantas Pereira teria mais tarde. Trata-se, novamente, de um ofício de Dantas Pereira dirigido ao Ministro da Marinha, lembrando este a existência de cartas marítimas, topográficas e geográficas na SRM¹⁵¹. Dantas Pereira, preocupado com a preservação de todo o trabalho e esforço nacional dedicado a esta ciência tomou medidas, fazendo questão de dedicar-se à preservação do trabalho cartográfico produzido pela Sociedade. Iremos abordar a participação de Dantas Pereira na SRM em subcapítulo próprio.

A preservação deste espólio de cartas revelou-se da maior importância a nível cultural, pois se não fosse pela preocupação de Dantas Pereira, muito provavelmente este produto de origem nacional, fruto da preocupação crescente com o atraso da cartografia em Portugal, teria sido perdido para a mão dos franceses. Foi graças aos esforços de Dantas Pereira que atualmente no Brasil se encontram.

No entanto, foi possível comprovar, graças à exaustiva pesquisa documental de Albuquerque, que apesar dos esforços do Comandante da Companhia, nem todo o material da ARGM foi embarcado para o Brasil em 1807, tendo este autor encontrado provas de uma segunda remessa transferida a bordo da nau *S. João Magnânimo*.¹⁵²

¹⁴⁶ A. L. P. Albuquerque, *Da Companhia dos Guardas-Marinhas...*, p. 82.

¹⁴⁷ A. L. P. Albuquerque, *Perspectiva Histórica da Escola Naval do Brasil, 200 anos da Companhia de Guardas-Marinhas e da sua Real Academia*, p. 46.

¹⁴⁸ *Ibidem*, p.46.

¹⁴⁹ *Ibidem*, p.46

¹⁵⁰ Albuquerque, *Da Companhia de Guardas-Marinhas...*, p. 86.

¹⁵¹ Albuquerque, *Perspectiva Histórica da Escola Naval...*, p. 46.

¹⁵² A. L. P. Albuquerque, *Da Companhia de Guardas-Marinhas...*, p. 141.



1.5.6. A Academia no Brasil

“O seu entusiasmo porém não media embarços; procurava dar a vida a um corpo que esperava a morte para acabar de morrer”¹⁵³.

Esta afirmação do Almirante Boiteux, a respeito de Dantas Pereira e à sua atuação à chegada no Brasil da Companhia dos Guardas-Marinhas transmite aqueles que foram os seus esforços do Comandante na colônia.

Em 1808, apresenta os seus *Apontamentos concernentes à regulação de huma nova Academia destinada ao ensino das Mathematicas em geral e das Artes e Sciencias Náuticas em particular, vindo portanto a equivaler em certo modo às Reais Academias de Marinha e dos Guardas-Marinhas estabelecidas na cidade de Lisboa e à Faculdade de Mathematica da Universidade de Coimbra*. Este documento é-nos apresentado na obra de Albuquerque, onde este descreve detalhadamente o conteúdo deste. Dantas Pereira volta a propor reformas para o ensino, nomeadamente o aumento do tempo de curso, como tinha proposto anteriormente, a criação de uma nova aula de “Mecanurgia”, revelando a preocupação com o acompanhamento da Revolução Industrial, e ainda a redação de um periódico destinado a difundir o conhecimento científico pelo Brasil. Ainda nestes *Apontamentos*, são dadas informações acerca das primeiras medidas tomadas por Dantas Pereira para o funcionamento da Academia como por exemplo aquisição de livros e abertura de concursos para professores. É também registada uma ideia de Dantas Pereira, referente à criação daquela que Albuquerque apelidou de “primeira universidade brasileira”, a *Academia Militar, Náutica e Econômica*¹⁵⁴.

1.5.7. A Sociedade Naval

Em julho de 1810, finda a instalação da Academia para os Guardas-marinhas, Dantas Pereira convoca o oficialato português para uma reunião com o objetivo da criação da Sociedade Naval. Nesta reunião profere uma oração¹⁵⁵, na qual exprime o seu desejo

¹⁵³ H. Boiteux, “O Chefe de Esquadra José Maria Dantas Pereira de Andrade...”, p.322.

¹⁵⁴ A. L. P. Albuquerque, *Da Companhia de Guardas-Marinhas...*, pp. 102-134. Nos primeiros anos da ARGM no Brasil, Dantas Pereira ainda emitiu, e deu o parecer sobre outras medidas de caráter orgânico para a Companhia, como por exemplo a formação de alunos civis. Os documentos onde se podem observar estas diligências estão todos descritos graças à exaustiva pesquisa de Albuquerque, referentes à instalação da ARGM no Brasil.

¹⁵⁵ José Maria Dantas Pereira, “Oração recitada em 16 de Julho, quando procurei instituir no Rio de Janeiro huma Sociedade naval a bem do serviço e progresso da nossa marinha”, *Escritos marítimos e académicos, a bem do progresso dos conhecimentos úteis, e mormente da nossa marinha, industria e agricultura*, Lisboa, na Impressão Régia, 1828.

de compilar o conhecimento naval existente na altura, tornando este acessível aos oficiais de Marinha, e possibilitando a sucessiva inclusão dos novos conhecimentos que se iam gerando:

Em huma palavra, façamos (se tanto podermos conseguir) que todos os seculos passados se reduzão a hum só anno; e que todos os homens notaveis entre os nossos antecessores possam ser abrangidos por cada hum daquelles que vierem a succeder-nos¹⁵⁶.

Esta iniciativa surge como uma forma de combater a já mencionada decadência pela qual a Marinha estava a passar¹⁵⁷.

1810, Junho, 23.

Quadro synoptico da Bibliotheca do official de mar e guerra.

Graos de Instrucção ou Elementos da Bibliotheca			Total de cada parte da Bibliotheca, e dos seus 27 volumes
1. ^o em 11 vol.	2. ^o em 9 vol.	3. ^o em 7 vol.	
Arithmetica e Algeb. infer.	Algebra superior	Elementos Physico-Chymicos e Nat. hist. Botanicos	1. Arith. univers. . 1 v.
Geometria elementar	Applicação da Alg. á Geomet.		2. Geom. element. . 1 v.
Trigonometrias	Secções conicas	Meios de produzir, empregar, conserv. reprod. e substituir os grandes artefactos navaes	3. Alg. superior . . } 4. Ap. d' Alg. á Geo. } 1 v. 5. Secções conicas
Hydrographia e Pilotage	Calcul. e applic. á Geom. e Naveg.		6. Trig. e Taboas . 1 v.
Mechanica inferior	Mech. sup. Opt. Perspect. Astr.		7. Hydr. e nav. ordin. 1 v.
Construcção naval pratica	Architect. nav. e Desenho	Navegaç. aerostatic. e submarina	8. Calc. e suas applic. 1 v.
Apparelho	Hydraulica applicada		9. Mech. e dito. } 10. Nav. aer. e sub. } 5 v.
Principios de manobra	Manobra super. e Tactica	Commercio e Pesca	11. Arch. nav. e desen. 2 v.
Noções d' Fortif. Artilh. e Artif.	Fortif. e Artilh. superior		12. Hydraul. applicad. 1 v.
Principios de Hist. nav. milit.	Grandes operaç. e administraç.	Roteir. Cart. Hist. nav.	13. Aparelh. e manobr. 1 v.
Escritur. govern. econ. sign. etc.	Hygien. marit. Lazar. quarent.		14. Man. sup. e Tact. 1 v.
		Cod. naval e Dir. d' gent.	15. Fortif. e Artilh. etc. 2 v.
			16. Hist. nav. e applic. 3 v.
			17. Escrit. Leg. etc. } 18. Hygi., quarent. } 2 v.
			19. Elem. Phys. Chy. &. 2 v.
			20. Comm. e Pesca 1 v.
			21. Codig. naval etc. 1 v.

Figura 1- Quadro synoptico da Bibliotheca do official de mar e guerra.

Como forma de organizar este processo, Dantas Pereira sugere a reforma da então Biblioteca da Companhia, convertendo-a na *Bibliotheca do Official de mar e guerra*, por forma a disponibilizar estes conhecimentos em três graus de instrução militar: o primeiro, dedicado aos oficiais subalternos, onde estão disponíveis os livros que tratam da formação científica de base, como a matemática, física, correspondentes derivados, e formação marinheira; o segundo grau para os oficiais superiores, onde as matérias consistem na aplicação dos conhecimentos anteriores à prática, como a navegação, tática, e a

¹⁵⁶ *Ibidem*, p.4.

¹⁵⁷ Imagem retirada de: *Ibidem*, p. 8.



arquitetura naval; e a terceira parte aos restantes conhecimentos que não tenham sido tratados nas duas primeiras, abrangendo uma vasta poligrafia: a físico-química, a botânica, o comércio, navegação submarina e aerostática¹⁵⁸, história naval e hidrografia.

Lamentavelmente, tal como outras iniciativas progressistas de Dantas Pereira, esta não vingou, facto gravemente condenado por Henrique Boiteux no seu apontamento biográfico do Comandante da Companhia. Este autor atribui este insucesso às inimizades que Dantas Pereira criara com os conventos devido a “ter feito a apologia do Marquês de Pombal”¹⁵⁹, bem como a “malquerença dos orgulhosos e enfatuados cascas-grossas rebelados contra quem queria que êles, cheios de anos de serviços e de experiências, fossem aprender nos livros como faziam os seus alunos da Academia”¹⁶⁰, referindo-se aos oficiais de Marinha contemporâneos de Dantas Pereira.

Os esforços de Dantas Pereira, os discursos que proferiu, as tentativas de reformas pedagógicas e organizacionais no Brasil, tiveram um enorme impacto na formação do oficialato de Marinha que na opinião de autores como Boiteux, passou despercebido durante demasiado tempo. Foi graças ao dinamismo e esforço de Dantas Pereira que se institucionalizou no Brasil um dos primeiros estabelecimentos de ensino superior.

¹⁵⁸ Boiteux atenta no seu texto, que o facto de, no início do século XIX, Dantas Pereira já desejar incluir conhecimentos sobre a navegação aerostática, ou hipotalástica, constitui uma clara evidência do contínuo acompanhamento que este efetuava às inovações científicas, fruto da sua associação à ARCL. No seu apontamento biográfico, Boiteux louva exaustivamente esta iniciativa de Dantas Pereira. H. Boiteux, “O Chefe de Esquadra José Maria Dantas Pereira de Andrade...”, p. 324.

¹⁵⁹ H. Boiteux, “O Chefe de Esquadra José Maria Dantas Pereira de Andrade...”, p. 324.

¹⁶⁰ *Ibidem*, p. 324.



2. A obra

Durante a investigação realizada, rapidamente se constatou que ao longo da sua vida, Dantas Pereira publicou uma extensa quantidade de obras. O objetivo principal neste capítulo é o de fazer um levantamento sucinto das obras que este escreveu ao longo da sua vida, procurando mostrar os contributos do Comandante da CGM para a Marinha, ciência, e cultura portuguesa, bem como a abrangência dos temas que abordou. Visto que Dantas Pereira teve um papel significativo nas instituições científicas da sua época, considerou-se igualmente pertinente estudar quais foram os seus contributos para estas, dedicando subcapítulos destinados a dar a conhecer o seu impacto na SRM e na ARCL.

O primeiro desafio que se levanta na execução desta tarefa consiste na organização, e tipificação das obras que se irão analisar. Dantas Pereira, com o espírito pragmático, metucioso e organizado, como temos vindo a observar ao longo desta investigação, tratou de deixar para a história vários catálogos durante a sua vida, contendo os trabalhos que foi publicando. O último que publicou foi na sua própria autobiografia, *Notice sur la vie et oeuvre de Joseph-Marie Dantas Pereira de Andrade*, onde Dantas Pereira divide as obras que publicou em quatro áreas principais, a Matemática, a Marinha, a Literatura, e os seus manuscritos¹⁶¹. Para além disto, na sua autobiografia Dantas Pereira faz uso de um determinado sistema de sinais que antecedem os títulos de cada obra, dando informações acerca das obras que publicou à sua custa, das obras que distribuiu gratuitamente, das obras publicadas pela ARCL, das obras impressas à custa do governo, e daquelas que foram publicadas no *Jornal de Coimbra*. Da sua autobiografia, escrita em 1833 constam 37 obras publicadas à sua custa, 31 distribuídas gratuitamente, e 23 relativas à Marinha.

Termina a exposição do seu trabalho bibliográfico com notas acerca de algumas obras que escreveu, e assim, dando informações úteis para refletir sobre os conteúdos destas.

Inocêncio Francisco da Silva utilizou este catálogo como a fonte principal aquando do seu apontamento biográfico¹⁶² sobre Dantas Pereira, tendo apenas referido as obras de Dantas Pereira que encontrou, e transcrito os títulos destas para português. O bibliógrafo optou por omitir aquelas com as quais não teve contacto.

¹⁶¹ J. M. Dantas Pereira, *Notice sur la vie...*, p. 2.

¹⁶² I. F. Silva, *Diccionario bibliográfico portuguez...*, p. 30.



Em *Portugal - Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico*¹⁶³, é também realizado um levantamento bibliográfico de Dantas Pereira, onde à semelhança do *Dicionário bibliográfico* de Inocêncio Silva, as obras foram divididas segundo a tipologia definida por Dantas Pereira¹⁶⁴.

Como objetivo principal deste capítulo pretende-se dar a conhecer aqueles que foram os contributos de Dantas Pereira nas diferentes áreas que estudou. Por forma a analisar a extensa obra do matemático, teve-se como principal trabalho correlacionar as diferentes fontes onde estas foram catalogadas, para depois realizar uma tipificação das obras que este escreveu.

Para realizar isto, considerou-se algumas formas de realizar esta tarefa. Ferreira, na sua sucinta nota biográfica sobre Dantas Pereira, organizou as obras que este escreveu por ordem cronológica¹⁶⁵. Inicialmente, pensou-se em optar por este esquema, por forma a tentar relacionar as ideias que Dantas Pereira transparecia nos seus escritos com a época que estava a viver. No entanto, tendo em conta o objetivo deste capítulo, optou-se por, ao contrário do que Dantas Pereira fez na sua autobiografia, dividir os seus trabalhos por áreas mais específicas, por forma a demonstrar os diversos temas que este tratou ao longo da sua vida. Reservaram-se ainda dois capítulos para expor os textos que Dantas Pereira publicou sob pseudónimos. Visto que o que se pretende neste capítulo é de dar a conhecer aqueles que foram alguns dos contributos de Dantas Pereira nas diferentes áreas onde gerou conhecimento através dos seus trabalhos, considerou-se esta a ordenação mais lógica por forma a resumir os conteúdos presentes nas obras de Dantas Pereira, colocando as obras que este escolheu nas áreas de: Matemática; Obras náuticas, na quais fizemos a distinção entre aquelas ligadas à Legislação Naval, Navegação, Tática Naval, Política de Marinha, Hidrografia; assim como referindo os seus Estudos Históricos, e Assuntos Diversos¹⁶⁶; bem com os textos que este publicou no anonimato, com recurso a pseudónimos. Será ainda abordado o impacto que Dantas Pereira teve na SRM e na ARCL.

¹⁶³ Esteves Pereira, Guilherme Rodrigues, “Dantas Pereira (José Maria)”, *Portugal – Dicionário histórico, corógrafo, heráldico, biográfico, bibliográfico, numismático e artístico*, vol. III, Lisboa, edição em papel de João Romano Torres, 1907, pp. 16-18, www.argnet.pt/dicionario/dantaspereirajm.html, edição eletrónica de Manuel Amaral (2000-2017), acedido em abril de 2018.

¹⁶⁴ I. F. Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez...*, pp. 29-33.

¹⁶⁵ N. M. Ferreira, *A Institucionalização do Ensino da Náutica...*, pp. 381-383.

¹⁶⁶ Atribuímos aqui o subtítulo *Assuntos Diversos*, às temáticas que Dantas Pereira não abordou com tanta frequência na sua vida, e que no nosso ponto de vista, menos se relacionaram com a sua profissão.



2.1.A Matemática

Conforme analisado no capítulo anterior, Dantas Pereira destacou-se logo desde muito novo como um perito na área da matemática. Vimos que tinha uma aptidão inata para esta ciência através dos resultados académicos que obteve tanto na ARM, como na ARGM, tendo inclusive principiado a ensinar a disciplina de aritmética aos camaradas no mês em que ingressou nesta¹⁶⁷. Isto refletiu-se naturalmente nas suas obras, tendo publicado várias nesta área.

De entre as obras das quais foi possível precisar a data de publicação, a mais antiga teve um relevante interesse para o início do estudo de uma área particular da matemática, o Cálculo Atuarial. Traduziu no ano de 1797 *Cálculo das pensões vitalícias por Saint-Cyran*, acrescentada de um apêndice sobre a teoria e prática das rendas, descontos e anuidades. Esta obra foi de grande importância para o estudo desta temática em Portugal, pois trata-se da primeira obra em português sobre esta questão¹⁶⁸. Dantas Pereira traduziu esta obra cerca de duas décadas depois do original, fazendo que com passasse a existir um texto em português que ensinava a teoria de Saint-Cyran para o cálculo das pensões vitalícias, obra que revelou ser de grande interesse para as companhias de seguros da época¹⁶⁹.

Dantas Pereira decidiu traduzir a obra de Saint-Cyran no seguimento da elaboração de uma obra requisitada pelo Príncipe D. João de Bragança, *Curso de estudos para uso do commercio e fazenda*. Através da tradução de uma obra deste género, Dantas Pereira demonstra uma vontade de transmitir conhecimento sobre esta área, que o próprio considerava ser da maior utilidade¹⁷⁰.

No ano seguinte, em 1798, o Capitão-de-fragata publica a obra anteriormente referida, *Curso de estudos para uso do commercio e fazenda. Primeiro Compendio Que trata da Arithmetica universal*. Esta obra foi-lhe encomendada pelo Príncipe D. João de Bragança, sendo que nas páginas iniciais Dantas Pereira escreve-lhe uma dedicatória¹⁷¹.

¹⁶⁷ Dantas Pereira principiou a ensinar aritmética na ARGM na manhã em que realizou os exames desta matéria, de geometria, e trigonometria retilínea. O conde de S. Vicente acrescentou que realizou estes exames “magistralmente”: AHM, *Companhia dos Guardas-Marinhas*, caixa 115, pasta 6, doc. 486, 27/09/1788.

¹⁶⁸ Ana Patrícia Morais da Fonseca Martins, *Daniel Augusto da Silva e o Cálculo Actuarial*, Tese apresentada na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa para obtenção do grau de Doutor em História e Filosofia das Ciências, Lisboa, 2012, p.208.

¹⁶⁹ *Ibidem*, p.234.

¹⁷⁰ *Ibidem*, p.234.

¹⁷¹ José Maria Dantas Pereira, *Curso de estudos para uso do commercio e fazenda. Primeiro Compendio que trata da arithmetica universal*, Lisboa, Regia Officina Typographica, 1798.



Escreveu esta obra no período de novembro de 1796, a novembro de 1797, ao mesmo tempo que era Lente de uma cadeira diária, que realizava trabalhos destinados à criação de Cartas Marítimas, e enquanto dava instrução ao D. Pedro Carlos¹⁷². Também revela que a parte inicial do livro, até à página 244 foi redigida por Francisco Garção Stockler, sendo que Dantas Pereira acrescentou alguns “pequenos parágrafos” da sua autoria, na forma de observações¹⁷³. No prólogo ainda acrescenta aquele que aparenta ser o seu parecer sobre a necessidade desta obra em Portugal, transcreve-se o seguinte:

Lembraria ainda produzir algumas razões sobre a precisão, e por consequência sobre a utilidade de huma obra semelhante em Portugal; porém o seu Título, e a falta absoluta della, mostram ambas as cousas tão evidentemente, que pertencer provallas, fora diminuir-lhes a evidencia: por tanto só me fica lugar á seguinte reflexão: He possível que no estado actual da Europa ainda não haja em toda ella hum curso completo de Estudos para os Commerciantes, e Financeiros!¹⁷⁴.

Algumas das investigações que Dantas Pereira perseguiu poderão ter tido início aquando da sua função enquanto mestre do Infante D. Pedro Carlos. Sabemos que Dantas Pereira, por vontade própria, redigia os compêndios¹⁷⁵ por onde o Infante seguia as suas lições:

...escrevendo eu mesmo sistemática, uniforme, e apropriadamente os compêndios por onde Vossa Alteza Real tem aprendido, e isto a ponto de até me ver com muita singularidade unísono em um deles com estrangeiros célebres, todos estes ponderosos motivos não me desculparão de ousar oferecer a Vossa Alteza Real o fruto de alguns momentos que, durante os diversos e penosos, mas

¹⁷² *Ibidem*, prólogo.

¹⁷³ *Ibidem*, prólogo.

¹⁷⁴ *Ibidem*, prólogo.

¹⁷⁵ Curado na sua edição da *Memória de 1800 de Dantas Pereira*, afirmou que nenhum destes compêndios terá sido publicado, nem sobreviveu, no entanto estão provavelmente na origem de muitas investigações académicas que o mestre terá efetuado, dando os exemplos de *Memória sobre certas somações sucessivas dos termos das séries aritméticas, aplicadas às soluções de diversas questões algébricas*, de 1799; da *Memória sobre o cálculo da latitude, onde se dá o modo de fazer o dito cálculo*, de 1799; da *Memória relativa ao cálculo dos eclipses das estrelas, Sol, e mais planetas, pela Lua*, de 1799; das *Tábuas que contêm os logaritmos dos números naturais desde 1 até 43200 calculados até à sétima casa decimal e precedidas pela sua explicação correspondente*, de 1804. Manuel Curado, “A memória de 1800 de Dantas Pereira”, *Revista Diacrítica, Filosofia e Cultura*, Braga, Universidade do Minho – Centro de Estudos Humanísticos, 2004, p. 287, nota 7.



honradores e apeteceíveis, cuidados da instrução de Vossa Alteza Real pude todavia distrair para meditações de outra espécie?¹⁷⁶

Quanto a meditações de outra espécie, temos o exemplo da pasigrafia, assunto sobre o qual publicou uma *Memória*, que iremos analisar mais detalhadamente no capítulo seguinte da presente dissertação.

Ainda em relação à matemática, no ano de 1804 Dantas Pereira traduziu para português a obra de Condorcet *Moyens d'apprendre a compter surement et avec facilité*, obra essa que segundo o próprio Pereira, mandou imprimir à sua custa. A escolha desta obra para tradução é curiosa. Condorcet, um escritor, político, filósofo e ilustre matemático francês, que atravessou a Revolução Francesa, foi um liberal convicto que assumiu um importante papel na renovação científica a que os ideais da revolução se propuseram. A reorganização do ensino foi um fulcral objeto de reflexão por Condorcet¹⁷⁷. O matemático publica esta obra quando se encontrava refugiado¹⁷⁸, juntamente com outras obras de renome. A obra destinava-se a servir de um livro de aritmética elementar para apoiar as lições das escolas da República.

Ora, conforme referido anteriormente, Dantas Pereira era politicamente absolutista. Isto não o impediu de apreciar o valor da obra do liberal Condorcet, traduzindo-a no período em que ainda lecionava Matemática na ARGM. Isto poderá suportar a hipótese de que Dantas Pereira punha o valor do conhecimento científico e da difusão deste, acima das disputas políticas, tão presentes naquela época.

No que toca às restantes obras que tratam de Matemática, publicou em 1804, as suas *Taboas que contém os logarithmos dos numeros naturaes desde 1 até 43200 calculados até à sétima casa decimal*¹⁷⁹; as suas *Reflexões sobre certas sommações sucessivas dos termos das series arithmeticas, applicadas ás soluções de diversas questões algébricas*¹⁸⁰; e mais tarde na sua vida, publica em 1827 a *Memoria sobre os princípios*

¹⁷⁶ J. M. Curado, “A Memória de 1800 de Dantas Pereira...”, p. 287.

¹⁷⁷ Condorcet esteve envolvido em vários estudos que trataram da reforma do ensino: trabalhou para a *Bibliothèque d l'homme public*, de 1790 a 1791, publicou quatro memórias sobre a instrução pública, das crianças, e para as profissões e fez parte do Comitê de Instrução Pública, que tinha a incumbência de elaborar um plano geral de instrução para o país.

¹⁷⁸ Condorcet refugiou-se devido às acusações que se seguiram à publicação de uma brochura de sua autoria, onde comenta o projeto de constituição de 24 de junho, criticando este quanto à eleição do seu conselho executivo, e afirmando que conduz a reimplantação da Monarquia.

¹⁷⁹ José Maria Dantas Pereira, *Taboas que contém os logarithmos dos numeros naturaes desde 1 até 43200 calculados até à sétima casa decimal e precedidos pela sua explicação correspondente*, Lisboa, Typografia da Academia Real das Ciências de Lisboa, 1804.

¹⁸⁰ José Maria Dantas Pereira, “Reflexões sobre certas sommações sucessivas dos termos das séries aritméticas, applicadas ás soluções de diversas questões algébricas”, *Memórias de Mathematica e Phisica*



do cálculo superior, e sobre algumas de suas applicações¹⁸¹; e em 1830 a *Memoria sobre a nomenclatura ou linguagem mathematica, menos bem tractada pelo habilíssimo auctor do Ensaio de Psychologia (Silvestre Pinheiro Ferreira)*¹⁸².

2.2. Obras Náuticas

A Marinha, e as ciências que a acompanham, como a hidrografia, meteorologia, navegação, entre outras, terão sido, a par da matemática, o outro grande objeto de interesse, investigação e de reflexão por Dantas Pereira. Isto, tendo em conta o passado profissional de Dantas Pereira, é de certa forma natural. Dantas Pereira, para além de académico reconhecido, era oficial de Marinha, e como tal, procurou encontrar soluções para aqueles que considerava ser os principais problemas da Marinha do seu tempo.

Não nos devemos esquecer que Dantas Pereira atravessou uma fase de grandes reformas e reestruturações para a Marinha, o final do século XIX.

O último quartel do século XVIII é um período de ressurgimento da Marinha de Guerra através da acção persistente do Secretário de Estado Martinho de Melo e Castro, que ocupou o lugar durante 25 anos, e do seu sucessor D. Rodrigo de Sousa Coutinho¹⁸³.

Dantas Pereira terá assistido a importantes reformas a nível do pessoal, material, e infraestruturas da Marinha, reformas essas que o próprio refere, comenta, e questiona ao longo dos seus trabalhos ligados à Marinha. Dedicou também grande parte dos seus esforços a contribuir para a resolução de certos problemas no âmbito operacional e tático dos navios, fazendo muitas vezes uso da matemática para a resolução de alguns assuntos relacionados com a navegação ou a tática.

da *Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo II, Lisboa, Typografia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1799, pp. 168-186.

¹⁸¹ José Maria Dantas Pereira, “Memoria sobre os princípios do cálculo superior, e sobre algumas de suas applicações”, *Jornal de Coimbra*, Num. XXXI, parte I, Lisboa, Impressão Régia, pp. 1-10.

¹⁸² José Maria Dantas Pereira, “Memoria sobre a nomenclatura ou linguagem mathematica, menos bem tractada pelo habilíssimo auctor do Ensaio de Psychologia (Silvestre Pinheiro Ferreira)”, *Historia e Memorias da Academia R. Das Sciencias de Lisboa*, tomo X, parte II, Lisboa, Typografia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, pp. 197-208.

¹⁸³ J. A. R. Pereira, “A transferência da corte para o Brasil...”, p.35.

2.2.1. A Legislação Naval

Um dos contributos de Dantas Pereira para a Marinha no que toca às suas obras consiste nas *Noções da legislação naval portuguesa até o anno de 1820, dispostas chronologico-systematicamente; e a adicionadas com algumas da historia respectiva, e dos nossos escritos maritimos*, publicada em Lisboa, no ano de 1824 pela Impressão Régia.

Nesta obra, Dantas Pereira registou toda a legislação naval dividindo-a em secções com o intuito de facilitar a pesquisa desta. O autor considera pertinente a exposição desta informação, face à “vital importância para o estudo das várias organizações que a marinha teve ao longo dos tempos”¹⁸⁴.

A legislação foi organizada da seguinte forma¹⁸⁵:

Partes		Secções	
N.º	Objecto	N.º	Objecto
1. ^a	Marinha em geral e variedades	1. ^a	Authority Suprema.
2. ^a	Parte militar.	2. ^a	Capellães e Polymathia.
3. ^a	Parte científica e nautica	3. ^a	Corpo da Armada Real.
4. ^a	Parte fabril . .	4. ^a	Brigada Real da Marinha.
5. ^a	Parte administrativa	5. ^a	Academias, Observatorio, e Sociedade Real da Marinha.
6. ^a	Parte Judicial	6. ^a	Pilotagem, Pilotos, e Praticos.
		7. ^a	Arsenal e Cordoaria.
		8. ^a	Marinhagem e seus Officiaes.
		9. ^a	Saude e seus Officiaes.
		10. ^a	Fazenda e seus Officiaes.
		11. ^a	Auditoria, Executoria, Fiscalisação, e Conselhos de Guerra.
		12. ^a	Conselho de Justiça.

O B S E R V A Ç Ã O.

Na ultima parte inclui os artigos Foro militar, Deserções, Prezas, e Neutralidade.

Figura 2 – Organização geral para as *Noções de legislação de Dantas Pereira*

¹⁸⁴ J. A. R. Pereira, “José Maria Dantas Pereira...”, p. 173.

¹⁸⁵ Imagem retirada de José Maria Dantas Pereira, *Noções da legislação naval portuguesa até o anno de 1820, dispostas chronologico-systematicamente; e a adicionadas com algumas da historia respectiva, e dos nossos escritos maritimos*, Lisboa, na Impressão Régia, 1824, Índice.



Dantas Pereira compilou e redigiu estas *Noções*, com o intuito de providenciar uma fonte de investigação para a regulação da Marinha ao longo dos tempos, afirmando que:

Espero que estas noções sirvão de sufficiente ponto de partida a quem quizer chegar, ou a conhecer o que temos sido em quanto ao objecto dellas, ou a formar collecção dos nossos escritos respectivos¹⁸⁶.

Mas revela também a importância que tem a difusão do conhecimento pelos seus contemporâneos, que à sua semelhança, pretendam reformar o desempenho na sua profissão de Marinha: “e tambem aos empregados nesta repartição que aspirarem ao conhecimento e desempenho do que devem praticar”¹⁸⁷

É notável ainda a incessante pesquisa bibliográfica que o Comandante realizou, documentando toda a bibliografia que utilizou¹⁸⁸.

Sempre preocupado com o seu trabalho e a sua contínua melhoria, Dantas Pereira focou-se na melhoria, e na divulgação do conhecimento presentes nestas *Noções*. Estas contêm informação preciosa, no que toca a catálogos e obras presentes na nossa Marinha, a qual Dantas Pereira se terá preocupado em documentar e divulgar a sua existência. Nas *Noções*¹⁸⁹, o autor incluiu a “indicação dos escritos, que parecem mais notaveis entre aqueles que, sendo concernentes a estas noções, ou li, ou me forão noticiados”¹⁹⁰ onde indica na primeira parte 36 obras que considera de referência para o estudo destas noções, e onde fazem parte obras como *Arte da guerra do mar* por Fernando Oliveira; na segunda parte, indica, que extraiu do catálogo de manuscritos que deixou no Depósito criado pelo decreto de 1 de Abril de 1802, referindo-se àquele que deu origem à biblioteca dos Guardas-marinhas; e na terceira parte indica os “manuscritos que tenho visto, relativos

¹⁸⁶ José Maria Dantas Pereira, *Noções da legislação naval portugueza até o anno de 1820, dispostas chronologico-systematicamente; e a adicionadas com algumas da historia respectiva, e dos nossos escritos maritimos*, Impressão Régia, 1824, preâmbulo.

¹⁸⁷ *Ibidem*, preâmbulo.

¹⁸⁸ As fontes que Dantas Pereira utilizou vêm descritas na capa da obra, e foram: “A Ordenação do Reino, e a collecção das Leis extravagantes; o Systema dos Regimentos, e a Synopsis chronologica; os Indices de João Pedro Ribeiro, Manoel Borges Carneiro, e Antonio Joaquim de Gouvêa Pinto; a Bibliotheca Lusitana, e a histórica portugueza; a collecção de Verissimo Antonio Ferreira; outra de Leis publicadas no Rio de Janeiro, e outra de Leis avulso relativas á Marinha ao Exercito, e á Fazenda; as noticias de Portugal escritas por Severin; a historia trágico-maritima de Brito, e outras impressas que gozão da reputação mais distincta, como por ex. as de Barros, Couto, e as dos dois Freires: hum autografo de Antonio Ribeiro dos Santos; o cartório da Companhia dos Guardas-Marinhas, e o deposito de escritos maritimos; as memorias e o cartório da Academia Real das Ciencias, varios manuscritos de distinctos Officiaes da Armada Real; os registos do extincto Conselho de Almirantado, e o Regulamento provisional da Marinha”, *Ibidem*, capa.

¹⁸⁹ *Ibidem*, p.54.

¹⁹⁰ *Ibidem*, p.54.



mais ou menos á marinha de guerra: não entrando alguns que ficáero na Secretaria do Almirantado General”¹⁹¹.

Termina esta obra com a referência aos feitos dos “Portuguezes que mais havião sobresahido no mar entre aquelles maiores”¹⁹², invocando, e descrito as proezas de Vasco Fernandes Cesar, Diogo Botelho, António da Silveira, D. João de Castro, Nuno Alvares Botelho, João Rodrigues de Sá, Vasco da Gama, Duarte Pacheco, Afonso de Albuquerque, e Pedro Nunes¹⁹³.

Dantas Pereira voltaria a aperfeiçoar o seu compêndio em 1826, com as *Emendas, retoques, e novos Additamentos ás Noções de Legislação naval Portugueza publicadas*¹⁹⁴.

Por forma a complementar a exposição do registo da legislação portuguesa, elaborou em 1824, um manuscrito contendo um *Quadro sistemático da Legislação criminal portuguesa*.

2.2.2. Navegação

Comecemos por expor os trabalhos que Dantas Pereira realizou a respeito da navegação com um dos seus contributos mais reconhecidos para a comunidade científica, *As Ephemerides Nauticas*¹⁹⁵.

Como membro da ARCL, contribuiu com muitos dos seus estudos para esta instituição. Organizou as *Efemérides Náuticas* para os anos de 1796, 1797 e 1798, tendo recebido esta tarefa de Custódio Gomes de Villas Boas, que a executou de 1789 a 1795¹⁹⁶.

Nas *Ephemerides* de 1796, publicou a sua *Memoria sobre o Calculo da Latitude por duas Alturas de hum mesmo Astro Tomadas fora do Meridiano*. Aqui propõe-se a explicar um método alternativo para o cálculo da latitude. O comum para os pilotos

¹⁹¹ *Ibidem*, p.58.

¹⁹² *Ibidem*, p.58.

¹⁹³ *Ibidem*, p. 63.

¹⁹⁴ José Maria Dantas Pereira, *Emendas, retoques, e novos Additamentos ás Noções de Legislação naval Portugueza*, Lisboa, Impressão Imperial e Real, 1826.

¹⁹⁵ As *Ephemerides Nauticas ou Diario Astronomico* foram um conjunto de obras publicadas pela ARCL no período de 1788 a 1824. Destinavam-se a fornecer informações necessárias para a navegação, que na época baseava-se principalmente em métodos astronómicos. Para estas mesmas obras contribuíram para além de Dantas Pereira, outros insignes matemáticos, como por exemplo Custódio Gomes Villas-Boas e Monteiro da Rocha. Nestas *Ephemerides*, para além das previsões astronómicas necessárias para os cálculos, ainda se inseriam a respetiva explicação dos mesmos, bem como memórias escritas pelos organizadores, destinadas a transmitir os mais recentes conhecimentos a respeito da navegação.

¹⁹⁶ Custodio Gomes de Villas-Boas, *Ephemerides náuticas, ou diário astronómico para 1789-95*, Lisboa, Oficina da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1788-1796.

naquela altura seria o de utilizar a altura meridiana dos astros, particularmente o sol. Nesta obra, Dantas Pereira explica que este método apesar de eficaz, por vezes é inviável face aos obstáculos que poderão bloquear os astros à passagem no meridiano. Aqui faz um levantamento das soluções possíveis dadas por Bezout¹⁹⁷, Rome, Borda¹⁹⁸, e Dowes, detalhando e explicando o método desenvolvido pelos dois últimos¹⁹⁹.

Nas que dizem respeito ao ano de 1797, publicou a *II Memoria sobre o Calculo da Latitude*²⁰⁰. Esta, segundo o autor, consiste essencialmente numa melhoria ao método proposto na *Memória* anterior referente ao cálculo da latitude. Resumidamente, aqui Dantas Pereira apresenta várias formas de calcular a latitude quando o navegador tem acesso a mais do que duas alturas de um determinado astro.

No prólogo das *Ephemerides* de 1798, Dantas Pereira afirma que realizou algumas modificações às efemérides de 1796 e 1797, com o objetivo de facilitar os cálculos realizados com recursos a estas. Acrescentou ainda diversos aditamentos, contendo os métodos, e os instrumentos que utilizou para o seu cálculo, oferecendo alguns deles pela primeira vez em português, isto com o objetivo de “promover a curiosidade dos nossos Pilotos”²⁰¹. Dantas Pereira pretendeu com estas modificações atualizar o conhecimento da época quanto à determinação da posição geográfica do navio. O matemático decide substituir um artigo, o das longitudes e das latitudes dos planetas, devido ao raro uso que estes tinham a bordo, e decide acrescentar o método das ascensões retas da lua, método que “sem o qual se praticará o terceiro modo que M. de Bordá ensina para se determinar a Longitude por meio das distancias do Centro da Lua ás Estrellas”²⁰².

Inseriu algumas alterações por tornar mais expedita a utilização das efemérides: colocou a previsão das fases da lua em tempo astronómico para “maior uniformidade”;

¹⁹⁷ Étienne Bezout (1730 – 1783), foi um célebre matemático francês, reconhecido pelos seus trabalhos na álgebra e aritmética.

¹⁹⁸ Jean-Charles de Borda (1733 – 1799), foi um oficial da Marinha francesa que à semelhança de Dantas Pereira, destacou-se em vários campos científicos, como a matemática e a física; tendo inclusive sido eleito para Academia das Ciências francesa.

¹⁹⁹ José Maria Dantas Pereira, “Memoria sobre o Calculo da Latitude por duas alturas de hum mesmo astro tomadas fora do meridiano”, *Ephemerides Nauticas ou Diario Astronomico para o anno de 1796*, Lisboa, na Officina da mesma Academia, 1795, p.128-137. Dantas Pereira faz referência na sua autobiografia as memórias que adicionou aos seus trabalhos nas Efemérides Náuticas de 1795, 1796, 1797 e 1798, afirmando que calcula a latitude, primeiro pelo método de Dowes, através das projeções ortográficas; e segundo pelo método de Borda, método que foi impresso em Portugal pela primeira vez pela sua autoria. José Maria Dantas Pereira, *Notice sur la vie...*, p. 2.

²⁰⁰ José Maria Dantas Pereira, “II Memoria sobre o Calculo da Latitude”, *Ephemerides Nauticas ou Diario Astronomico para o anno de 1797*, Lisboa, na Officina da mesma Academia, 1796, pp. 3-15.

²⁰¹ José Maria Dantas Pereira, *Ephemerides Nauticas, ou Diario Astronomico para o anno 1798. Calculado para o meridiano de Lisboa*, Lisboa, Officina da Academia Real das Sciencias, 1797, prólogo.

²⁰² *Ibidem*, prólogo.

introduziu na publicação o movimento horário do Sol, variável indispensável para a utilização dos Eclipses Solares, Lunares, e na determinação das Longitudes por distâncias da Lua às Estrelas; e acrescentou nos aditamentos a resolução teórica e prática do *problema das Longitudes*²⁰³.

Um dos contributos mais importantes que esta obra deu foi precisamente a explicação do problema das longitudes. Na introdução ao problema das longitudes, de forma a contextualizar os leitores, Dantas Pereira faz uma introdução histórica ao mesmo, explicando as causas que tornaram este problema tão célebre, e traduzindo para português as várias soluções que autores ingleses e franceses apresentaram para a resolução em diferentes épocas. Na demonstração e cálculo prático, Dantas Pereira explica pela primeira vez em português, o método de Jean Borda²⁰⁴, por ser o método preferido dos pilotos, e por ser mais prático. Não obstante, Dantas Pereira ainda inclui uma análise realizada por si próprio por forma a dar a conhecer o grau de confiança que este método acarreta, por forma a deixar para os leitores as ferramentas para a sua própria análise crítica.

Intitulou esta de *Memoria Relativa ao Calculo dos Eclipses das Estrellas, Sol, e mais Planetas Pela Lua*, onde propõe simplificar o cálculo da longitude através dos eclipses das estrelas, planetas ou outros fenómenos astronómicos, visto que estes métodos “naõ tem sido empregados tambem pela dificuldade do seu Calculo, o que requer dos Pilotos conhecimentos superiores aos ordinarios”²⁰⁵. Deixou ainda uma *Explicação e uso das Principaes cousas que contem nestas* e publica ainda *Cálculo da longitude pelo Methode de Mr. De Bordá*.

As *Ephemerides Nauticas* de Dantas Pereira constituíram uma obra importante para a história da navegação astronómica portuguesa, na medida em que, para além de darem continuidade a um prodigioso esforço da parte da ARCL de proporcionar aos navegadores portugueses as ferramentas necessárias para a prática de navegação.

²⁰³ Segundo Dantas Pereira, este era um problema que apesar de ser mais complexo que o da determinação das latitudes, ainda existiam poucos escritos a explicá-lo, pelo que considerou “que o melhor serviço, que em taes circunstancias podia fazer ao Público, era justamente tratar da solução Theorica, e Prática do referido”. *Ibidem*, Prólogo.

²⁰⁴ Jean-Charles de Borda (1733-1799) foi um matemático, físico e astrónomo francês, que foi reconhecido pelos seus trabalhos no estudo da navegação astronómica. Para além desta matéria, foi notável nos seus estudos de mecânica de fluídos, da forma e tamanho da terra, bem como no desenvolvimento de instrumentos para a navegação e geodesia.

²⁰⁵ José Maria Dantas Pereira, “Memoria Relativa ao Calculo dos Eclipses das Estrellas, Sol, e mais Planetas pela Lua”, *Ephemerides Nauticas, ou Diario Astronomico para o anno 1798, Calculado para o meridiano de Lisboa*, p.137.

<i>Memoria sobre o Calculo da Latitude por duas Alturas de hum mesmo Astro Tomadas fora do Meridiano</i>	1796
<i>II Memoria sobre o Calculo da Latitude</i>	1797
<i>Memoria Relativa ao Calculo dos Eclipses das Estrellas, Sol, e mais Planetas Pela Lua</i>	1798

Quadro 6 - Memórias publicadas por Dantas Pereira nas *Efemérides Náuticas*.

Dantas Pereira, para além de ilustre matemático, e difusor de conhecimento nesta área, era ainda oficial de Marinha, e entre outras especialidades, exímio navegador, como podemos observar pelos registos da ARGM. Portanto, torna-se natural notar que Dantas Pereira utilizou os seus vastos conhecimentos matemáticos na resolução dos problemas correntes da época relacionados com a prática da navegação, e os meios para esta se guiar.

Podemos comprovar a opinião deste quanto à publicação de obras de tal espécie: “Proporcionar os meios aos fins he o primeiro dever de todo aquelle que compõe, ou propõe, com verdadeira intenção de ser útil”²⁰⁶.

Através da investigação realizada acerca dos trabalhos relativos à navegação, verificamos que Dantas Pereira começou a investigar os problemas ligados a esta área durante os seus primeiros anos de professor na ARGM. A anteriormente referida, *Memória sobre o Calculo da Latitude*, das *Ephemerides* de 1796, terá sido lida numa sessão particular da ARGM a 9 de novembro de 1791. Encontramos ainda a *Memória sobre os instrumentos de reflexão*, inserta no tomo II, das *Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*. Apesar de ter sido publicada em 1799, esta *Memória* foi lida na sessão pública da Academia a 18 de abril de 1792, e trata-se de uma análise realizada por Dantas Pereira acerca do estado da arte destes mesmos instrumentos, detalhando em particular um desenvolvido por de Borda²⁰⁷.

Fora do contexto das *Ephemerides*, o matemático português também publicou outras obras dedicadas à navegação. Em 1807 Dantas Pereira publica um exemplo do

²⁰⁶ José Maria Dantas Pereira, *Memoria que trata de humas novas taboas mathematicas, e dos usos que ellas podem ter tanto nas applicações da sciencia em geral, como na navegação alta em particular*, Lisboa, Impressão Régia, 1807, p. 3.

²⁰⁷ José Maria Dantas Pereira, “Memória sobre os instrumentos de reflexão”, *Memórias de Mathematica e Phisica da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Lisboa, Typografia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1799, p. 159.



pragmatismo de que este era tão adepto na utilização da matemática para a esta ciência, *Memoria que Trata de Humas Novas Taboas Mathematicas e dos usos que ellas podem ter tanto nas applicações da sciencia em geral, como na navegação alta em particular.*

As tábuas matemáticas, ou logarítmicas, eram utilizadas para efeitos de posicionamento dos navios no mar. A simplificação da utilização das tábuas, era um objetivo já ambicionado por diversos matemáticos. Dantas Pereira refere na sua obra Cristovão de Mendosa, que já tinha cumprido a artificiosa tarefa de “reduzir a hum só volume todas as taboas, que o bom navegante deve manejar a bordo”²⁰⁸, e que o seu próprio objetivo com esta obra seria o de “emprehender a simplificação daquellas taboas, reduzindo todo o cálculo nautico ao uso de humas únicas o mais possível que fosse”²⁰⁹. Para além disto, é logo indicado na capa que, para além das novas tábuas náuticas, a obra:

Ao mesmo tempo indica as mais vantajosas soluções dos mais interessantes Problemas daquela Navegação, com o intuito de patentear, simplificar, rectificar, ampliar sem superfluidade, e tornar menos dispendiosa, além de mais universal, e adequada aos seus fins, a pratica dos respectivos utilíssimos cálculos²¹⁰.

Ainda sobre a navegação, Dantas Pereira publicou em 1819 no *Jornal de Coimbra*, vol. XIV, parte I, os *Escritos Marítimos do Chefe d’ Esquadra José Maria Dantas Pereira, Parte II, que contem Memorias sobre a Navegação e Polygrafia Nautica*, onde escreveu novamente uma “Memória sobre a Latitude”.

Em 1826, fase tumultosa em Portugal, onde Dantas Pereira já se encontrava inserido no círculo político, tendo publicado algumas obras desta natureza, conforme iremos referir adiante, o objetivo da simplificação do uso da matemática na navegação não tinha sido esquecido. O matemático ainda publica *Memoria sobre o problema das Longitudes*, obra de 24 páginas, em Lisboa, já pela Impressão Imperial e Real. Aqui, Dantas Pereira não se propõe a criar nada de novo, ou a simplificar algum método anterior. Faz sim, um levantamento dos métodos que eram utilizados para o cálculo da longitude: utilização do cronómetro aliado às tábuas náuticas; redução das distâncias lunares, para após este levantamento, dar a sua opinião, justificando através dos cálculos matemáticos, qual o melhor método a utilizar para a obtenção desta variável.

²⁰⁸ J. M. Dantas Pereira, *Memoria que trata de umas novas taboas...*, p. 3.

²⁰⁹ *Ibidem*, p. 4.

²¹⁰ *Ibidem*, capa.

2.2.3. Tática Naval

A respeito da tática naval, Dantas Pereira publicou uma vasta obra a respeito desta arte inerente à Marinha. Destacamos no que toca a conhecimento naval, os *Escritos de José Maria Dantas Pereira. Parte I. Escritos Marítimos Volume I. Que contem a Secção I da Parte I. ou Memórias sobre a Tactica e hum Systema de signaes*²¹¹, publicado no Rio de Janeiro em 1816 pela Imprensa Régia. Este compêndio é composto por uma *Primeira Memoria. Sobre hum novo systema de Tactica Naval*, onde apresentando uma nova maneira de ordenar os navios em combate, afirma que obteve:

a satisfação de ter apresentado huma nova ordem naval, que sendo simples, além de única, para quaesquer operações de huma armada, produz a consequente facilidade, rapidez, e diminuição, já na comunicação e numero das ordens; já na quantidade, e na execução das evoluções; as quaes se fundão quasi todas em tão expeditos quão singelos movimentos de flanco e frente, combinados (quando muito) com algumas conversões effectuadas quasi sempre ao redor do centro, e em metade do tempo agora empregado na sua execução²¹².

De seguida apresenta a *Segunda Memoria. Sobre a Tactica Naval*, onde apresenta as suas reflexões sobre a forma dos navios procederem em situações específicas de combate naval, tal como o combate de sotavento na ordem profunda, ou os ataques de barlavento, bem como um apêndice que trata da formatura para o combate fundeado. A *Terceira Memoria. Sobre a Tactica Naval* “tem por objecto os movimentos rotatórios, ou de conversão, effectuados para mudar de alinhamento, ou restabelecer as formaturas”²¹³.

Apresenta ainda neste compêndio a *Memoria Auxiliar ás de Tactica Naval*, que contém diversas maneiras de calcular a distância do navegador a qualquer objeto no mar, bem como o tamanho deste, e a sua marcha. Aqui, Dantas Pereira afirma ser importante este cálculo pois “conhecer no mar a distancia que nos separa de hum objecto he problema realmente importante para qualquer navegador, e mais ainda para o militar”²¹⁴, apresentando para o efeito dez problemas distintos, com as respectivas soluções.

²¹¹ José Maria Dantas Pereira, *Systema de Signaes para a Comunicação dos navios entre si, e com a terra, em qualquer lugar, e tempo, e seja qual for a ordem naval adoptada*, Rio de Janeiro, Na Imprensa Régia, 1817.

²¹² José Maria Dantas Pereira, “Primeira Memoria. Sobre hum novo systema de Tactica Naval” *Escritos de José Maria Dantas Pereira. Parte I. Escritos Marítimos Volume I. Que contem a Secção I da Parte I. ou Memórias sobre a Tactica e hum Systema de signaes*, Rio de Janeiro, Imprensa Régia, p. 12.

²¹³ *Ibidem*, p.24.

²¹⁴ *Ibidem*, p. 40.



O sistema de sinais referido no título dos *Escritos Marítimos*, será abordado com mais detalhe no capítulo seguinte.

Ainda sobre o assunto da tática naval, Dantas Pereira viria a introduzir um opúsculo intitulado de *Memória para a defesa do Porto do Rio de Janeiro*, na sua obra *Escritos marítimos e académicos, a bem do progresso dos conhecimentos úteis, e mormente da nossa marinha, industria e agricultura*, Lisboa, 1828; e em 1832, introduziria também em forma de opúsculo uma *Memoria sobre a defesa do Tejo*, na *Continuação dos aditamentos ás Noções de legislação naval portuguesa*.

2.2.4. Política de Marinha

Ainda no assunto de obras relacionadas com a Marinha, encontrámos registos da publicação de outros textos em relação à organização e à chefia existente naquela altura na Marinha.

Mais tarde acabaria por oferecer uma vasta quantidade deste textos à ARCL, tendo contribuído com obras tal como: *Memoria sobre a precisão de se concluir a composição da Ordenança Naval, com a maior brevidade possível; Reflexões sobre hum parecer ácerca da competência do Real Conselho da Marinha; Quadro comparativo da Despeza da Marinha Portuguesa em 1826, conforme o que a este respeito existe impresso; Appendice á Memória sobre a precisão de se concluir a Ordenança Naval; Ensaio sobre huma comparação das Marinhas Portuguesa, e Sueca; e ainda uma Carta demonstrativa, de que felizmente ainda basta por combinar a melhor receita com a melhor despeza, para conseguirmos aniquilar as dividas publicas de todas as classes*²¹⁵.

Segundo a pesquisa bibliográfica efetuada por Inocêncio da Silva, ainda sobre este assunto Dantas Pereira publicou a *Demonstração de quanto deve convir a composição da ordenança naval portuguesa, incumbida cumulativamente ao conselho do Almirantado*,

²¹⁵ Estes contributos foram encontrados nas Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa. Na mesma referência aos contributos de Dantas Pereira, ainda se acrescenta a esta lista de obras: *Escritos Marítimos e Académicos, a bem do progresso dos conhecimentos uteis, e mormente da nossa Marinha, Industria, e Agricultura; Additamentos ás noções de Legislação Naval Portuguesa; e a Memoria sobre as Longitudes*. ARCL, *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo X, parte II, Lisboa, Typografia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, p. XXXII.

a uma comissão especial, e ao conselho da Marinha²¹⁶, a Primeira memoria a bem da restauração da marinha portugueza²¹⁷, e ainda um apêndice a esta última.

Mais tarde, em 1828, publicou um conjunto de escritos seus sobre assuntos ligados à Marinha, mas também à indústria e agricultura. Entitulou de *Esquivos maritimos e academicos, a bem do progresso dos conhecimentos uteis, e mormente da nossa marinha, industria e agricultura*, e terá sido impressa em Lisboa pela Imprensa Régia. A hipótese que se coloca para a elevada quantidade de obras publicadas por Dantas Pereira neste período prende-se com o facto de quem nesta altura estava a governar Portugal era D. Miguel. Ora, isto levava a que o nosso biografado, monárquico absolutista, estivesse de acordo com o regime em vigor²¹⁸, possibilitando-lhe desta forma mais liberdade para publicar os seus trabalhos, discursos e opiniões. Aqui decide apresentar e fornecer ao público muitos dos seus trabalhos anteriores, como o seu discurso da abertura à SRM; os discursos dados à CGM nas aberturas dos anos letivos; assim como alguns dos seus trabalhos efetuados durante a permanência no Brasil. Nesta coletânea dos *Esquivos Maritimos*, Dantas Pereira publicou os seguintes trabalhos²¹⁹: *Oração lida em 22 de Dezembro de 1798, dia da abertura da Sociedade Real Maritima, Oração lida á Companhia dos Guardas-marinhas em 30 de Septembro de 1800, Oração recitada na abertura da R. Academia dos Guardas marinhas em o 1.º de Outubro de 1801, Discurso lido no dia da abertura da mesma R. Academia em 1802, Discurso recitado na abertura da mesma Academia em 1803, e Notas ao mesma, Oração recitada no Rio de Janeiro em 1810, na instituição de uma sociedade naval, Memoria lida em continuação á oração precedente, Esboço de um mappa commercial do Rio de Janeiro, Defeza do porto do Rio de Janeiro, Proposição feita na comissão da Ordenança naval, Cartas a bem do progresso da nossa marinha, Ensaio de um panegyrico do senhor D. João VI, Reflexões sobre o progresso da agricultura portugueza, e Discurso para ser recitado na sessão publica, que devia celebrar-se em Outubro de 1827.*

²¹⁶ José Maria Dantas Pereira, *Demonstração de quanto deve convir a composição da ordenança naval portugueza, incumbida cumulativamente ao conselho do Almirantado, a uma comissão especial, e ao conselho da Marinha*, Lisboa, Imprensa Imperial e Real, 1826. Esta obra terá sido distribuída gratuitamente pelo seu autor, de forma anónima.

²¹⁷ José Maria Dantas Pereira, *Primeira memoria a bem da restauração da marinha portugueza*, Lisboa, Imprensa Imperial e Real, 1826.

²¹⁸ Conforme referido anteriormente, Dantas Pereira nesta altura, 1828, tomara assento na Assembleia dos Três Estados, onde se inseriu na parte ligada à nobreza.

²¹⁹ Títulos retirados de Inocêncio da Silva, *Diccionario Bibliographico...*, pp.31-32.

2.2.5. Hidrografia

No que toca a hidrografia, publicou *Memoria com quatro appensos em dois volumes: tendo por objecto principal a Hydrographia do Brasil, e o conceito que corresponde aos trabalhos respectivos de Mr. Roussin em maio de 1830*²²⁰. Aqui, Dantas Pereira faz um breve resumo histórico da descoberta, e exploração cartográfica da costa do Brasil pelos Portugueses. O objetivo da memória prende-se, no entanto, com a comparação de dois métodos utilizados por cartógrafos diferentes, por forma a retirar conclusões da exatidão destas medições. As medições que compara são as de Manoel Travassos da Costa, que foram insertas na *Ephemeride Conimbrense*, e a parte correspondente do roteiro de Roussin.

Esta obra foi inserta na *História e Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*²²¹, publicação onde se afirma que esta obra foi “fructo de sua infatigavel applicação e zelo Academico, e não menos do seu patriotismo em querer reinvidicar a reputação dos trabalhos dos nossos astrónomos e navegadores”²²².

Ainda sobre a hidrografia, convém destacar o contributo de Dantas Pereira para a SRM, tema esse que irá ser abordado em subcapítulo próprio mais adiante.

2.3. Estudos Históricos

O lente da ARGM contribuiu ainda para um legado na transmissão de conhecimentos históricos, tanto nacionais como internacionais. Para além das várias referências a figuras insignes que podemos observar nos seus discursos à ARGM, desde Marco Aurélio ao Lord Nelson, onde Dantas Pereira mostra uma vasta cultura histórica e militar, o Comandante da Companhia ainda se dedicou a publicar obras dedicadas a figuras portuguesas, enaltecendo-as, e transmitindo para o futuro as suas virtudes e feitos.

Aos discursos transmitidos na ARGM, onde Dantas Pereira invocava por várias vezes as figuras mais insignes da História Naval, bem como a própria História da Academia; devemos ainda acrescentar os discursos históricos que Dantas Pereira recitou

²²⁰ José Maria Dantas Pereira, “Memoria com quatro apensos em dois volumes: tendo por objecto principal a Hydrographia do Brazil, e o conceito que corresponde aos trabalhos respectivos de Mr. Roussin”, *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo x, Parte II, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1830, pp.229-242.

²²¹ ARCL, *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo x, Parte II, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1830, p. XLIII.

²²² *Ibidem*, p. XLIII.



nas sessões públicas da ARCL nos anos de 1823 e 1824, que iremos discutir adiante no subcapítulo dedicado esta academia.

Temos como exemplo desta sua veia histórica a obra anteriormente referida de 1813, *Elogio Histórico de D. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança, Almirante General da Armada Portuguesa*, onde para além de uma detalhada biografia do almirante general D. Pedro Carlos, ainda contextualiza toda a sua vida e feitos, social e politicamente, fornecendo assim várias pistas para a história da Marinha. Mais tarde viria a publicar *Elogio do P. Theodoro de Almeida*²²³ em 1831, obra impressa nas *Memórias da Academia*, tomo XI, parte I, com 12 páginas.

No ano seguinte, decide publicar uma *Memória* a enaltecer as ações do Marquês de Pombal no que toca às reformas que este implantou na Marinha. Deu-lhe o título de *Memoria para a historia do grande Marquez de Pombal, no concernente á Marinha: Sendo a de guerra o principal objecto considerado*.

Encontrou-se ainda registos da publicação de um manuscrito intitulado de *Ensaio de um Panegyrico do Senhor D. João VI*, de 6 páginas, que se encontra inserido na obra *Esriptos maritimos e academicos a bem do progresso dos conhecimentos uteis, e mormente da nossa marinha, industria e agricultura*, e de outro manuscrito, *Memoria histórica acerca do P. João Chevalier, da congregação do Oratorio, etc., etc.*

2.4. Assuntos Diversos

Ao analisar o conjunto de trabalhos que Dantas Pereira classificou como de literatura, podemos comprovar a versatilidade do matemático português em refletir e escrever sobre diversos assuntos, distintos entre si. A maior parte destas obras carecem por si só de estudos isolados, no entanto tendo em conta a abrangência do nosso tema, focar-nos-emos em transmitir os assuntos, e informações de teor bibliográfico das mesmas.

²²³ Teodoro de Almeida (1722-1804) foi um sacerdote escritor e filósofo, membro da Congregação do Oratório, que contribuiu em grande parte para a divulgação científica em Portugal, tendo sido um dos organizadores da criação da Academia das Ciências de Lisboa. Da sua obra destaca-se *Recreação Filosófica*, onde são abordados temas como a Filosofia Natural, a Lógica, Ética, e Moral. Francisco Contente Domingues, “Teodoro de Almeida, divulgador da Filosofia Natural”, *Ciência em Portugal, Personagens e Episódios*, Lisboa, Instituto Camões, 2004, <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p47.html>, acedido em março de 2018.



O *Bosquejo de um quadro synoptico civil, mediante o qual poderemos conhecer e avaliar os homens, e as nações com acerto e facilidade*²²⁴, publicado no Rio de Janeiro, pela Impressão Régia em 1814, consiste em duas páginas, onde Dantas Pereira propõe um método a partir do qual consegue dividir a sociedade em diferentes tipos de pessoa, através de uma tabela. A tabela apresenta quatro títulos: *Cristão, Hipócrita, Desabusado, e Ignorante*; e as linhas apresentam 18 tipos, dos quais: *Nobre, Plebeu, Rico, Pobre, Casado, Solteiro, Magistrado, Cortesão, Potentado, Gente de pena e fazenda, Eclesiástico, Soldado, Lavrador, Assalariado ou jornaleiro, Negociante, Ignorante, e Sábio*²²⁵. À combinação do cabeçalho da coluna, com o tipo na linha, atribui as características das pessoas que se inserem nessa classificação²²⁶.

Dantas Pereira justifica este quadro com o objetivo de “estimular os que mais sabem do que eu, para que com efeito dem á luz alguns quadros melhores”²²⁷. O matemático queria resolver, ou dar as bases para tal, o problema da caracterização da sociedade. Para tal efeito, catalogou as pessoas de acordo com o seu contexto social e profissional.

Apesar desta generalização contestada, e até polémica, podemos ver através do raciocínio em que se apoia, e da introdução presente no quadro, o pragmatismo com que enfrenta o problema de tentar definir as pessoas através das suas personalidades.

À semelhança de outras obras apresentadas pelo matemático, nomeadamente a que trata de pasigrafia, que iremos detalhar adiante, Dantas Pereira faz aqui recurso da combinatória. Devido ao âmbito da presente dissertação não iremos elaborar sobre de que forma empregou a combinatória na solução dos problemas científicos da sua época, no entanto, devemos referir que este assunto foi detalhadamente abordado na obra de Claudio Nipoti, *Possibilidades Combinatórias da Condução da Leitura em uma Biblioteca*, onde o autor, para além do quadro sinótico, ainda estuda outros exemplos da combinatória de Dantas Pereira, como por exemplo o catálogo sistemático da biblioteca, e a própria pasigrafia²²⁸.

²²⁴ Desta obra, Inocêncio da Silva à data só conseguiu achar um exemplar. I. F. Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez...*, p. 33.

²²⁵ Ver apêndice 3.

²²⁶ Claudio de Nipoti, “Possibilidades Combinatórias da Condução da Leitura em um Biblioteca, José Maria Dantas Pereira e o “Catálogo Sistemático da Biblioteca da Companhia dos Guardas-Marinhas”, *Revista Acervo*, vol. 26, n. °2, Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 2013, p. 137.

²²⁷ José Maria Dantas Pereira, *Bosquejo de um quadro synoptico civil, mediante o qual poderemos conhecer e avaliar os homens, e as nações com acerto e facilidade*, Rio de Janeiro, Impressão Régia, 1814, p.1.

²²⁸ Claudio de Nipoti, “Possibilidades Combinatórias...”, p.137.



A *Memoria Sobre o resumo da Geographia politica de Portugal* escrito por Mr. Bory de Saint-Vicent²²⁹, foi composta, e apresentada por Dantas Pereira, estando inserta na *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tomo X, parte I, de 1827, nas páginas 251 até 273. Nesta obra, faz uma crítica severa ao trabalho de Saint-Vicent, no que toca à sua descrição do reino de Portugal.

Fazendo-me pois especial impressão, não tanto os erros do seu resumo geográfico relativos a Portugal, mas sim a muita extraordinaria injustiça com que trata este meu preclaro ninho paterno, saio a campo segundo posso, e julgo que devo: desejando todavia que mais bem aparada penna evidencêe melhor aquelles erros, e esta injustiça²³⁰.

Dantas Pereira dedica-se então a enumerar segundo a ordem da obra original, todos os erros que Saint-Vicent cometeu na sua obra no que toca a Portugal, apresentando respetivamente para cada um deles, os factos verdadeiros. Dantas Pereira mostra nesta obra um vasto conhecimento histórico, demográfico, político, e geográfico, abordando temas tal como a densidade da população, o estabelecimento de instituições académicas, as exportações e importações, a arte em Portugal, a economia, passando por assuntos de carácter mais técnico, como o estado dos levantamentos geodésicos em território nacional, ou até mesmo o estado de aprontamento dos nossos navios de guerra.

Mas Dantas Pereira não se limitou apenas a escrever sobre assuntos de cariz profissional, tendo também escrito em 1824 as *Diversões metricas e dramaticas, de J. M. D. P.*, em Lisboa. Aqui apresentou uma obra de 328 páginas, onde estão incluídos 48 sonetos, duas epístolas, três elegias, cinco apólogos, e várias peças teatrais traduzidas de Horacio, Marcial, Fenelon, Panard, das quais uma tragédia, *A morte de Cesar*, e três comédias, *Espelho de uma parte do mundo; O tribunal da verdade; e O duque de Borgonha*.²³¹ Ofereceu estas diversões à ARCL em 1830, acompanhada do seu *Catalogo*

²²⁹ Jean Baptiste George Marie (1780-1846) foi um naturalista francês, expedicionário, e editor do *Dictionnaire classique d'histoire naturelle*, entre muitas outras obras publicadas isoladamente, tendo como principais assuntos a zoologia, a geografia, e a obra em particular que Dantas Pereira comenta, *Résumé de la géographie de la Péninsule* de 1838. Hugh Chislom, (ed. 1911), “Bory de Saint-Vincent, Jean Baptiste George Marie”, *Encyclopaedia Britannica*, 11ª edição, Cambridge, Cambridge University Press, p. 276, disponível em https://en.wikisource.org/wiki/1911_Encyclopædia_Britannica/Bory_de_Saint-Vincent,_Jean_Baptiste_George_Marie, acedido em março de 2018.

²³⁰ José Maria Dantas Pereira, “Memoria sobre o Resumo da Geografia política de Portugal, escrito por Mr. Bory de Saint-Vincent”, *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo X, parte I, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1827, p.251.

²³¹ I. F. Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez...*, p.33.



*Systematico da Bibliotheca da Companhia dos Guardas Marinhas e a Lista dos mappas, cartas, planos e desenhos pertencentes à mesma Companhia*²³².

No mesmo ano publicou os respetivos aditamentos às mesmas *Diversões Métricas*, que intitulou de *Appendice ás Diversões metricas e dramaticas, ou o Beneficio anonymo*, na mesma Imprensa, composta com 88 páginas.

2.5. Religião

No dicionário bibliográfico de Inocêncio é mencionado uma obra coordenada por Dantas Pereira, que se trata de um compêndio de saltérios traduzidos para português por mão de vários contemporâneos ilustres, e pelo próprio. Escreveu *Os três psalterios a saber: Hymnos e psalmos do officio de Nossa Senhora: Psalterio de quinta, sexta e sabbado da semana sancta; e Psalmos pennintenciaes: traduzidos por varios portuguezes, e coordenados por J. M. D. P.*, obra publicada em Lisboa pela Impressão Régia no ano de 1830. Inclui os saltérios traduzidos por António Pereira de Sousa Caldas, José Jacinto Nunes de Mello, Frei Francisco de Jesus Maria Sarmiento, Francisco de Borja Garção e Domingos Maximiano Torres, vindo acompanhado uma dedicatória litografada para a sua esposa. Publicou um aditamento a esta obra no ano seguinte com 69 páginas²³³.

2.6. O Justicola

Um dos aspetos mais interessantes ao rever os textos de Dantas Pereira foi o facto de descobrir que este utilizou o pseudónimo *Justicola* em algumas das obras que publicou. Por forma a tentar encontrar uma justificação da parte de Dantas Pereira para este nome, começaremos primeiro por encontrar as referências a obras publicadas sob este pseudónimo.

Segundo o *Dicionário Histórico*²³⁴, Dantas Pereira publicou três obras com a assinatura de *Justicola*. Estas foram: *Esboço de organização e regime da marinha, conforme convém aos ditames da razão, e ás nossas actuais circunstâncias*, Lisboa, 1821; *Reflexões sobre a marinha, ou discurso demonstrativo do Esboço de organização e regimen da Repartição Naval portugueza*, Lisboa, 1821; e *Bosquejo analítico, relativo ao decreto da extinção do conselho do Almirantado*, publicada em Lisboa, no ano de

²³² ARCL, *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo X, parte I, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1827, p. LI.

²³³ I. F. Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez...*, p.33.

²³⁴ E. Pereira, G. Rodrigues, “Dantas Pereira (José Maria) ...”, p.18.



1823. Segundo a autobiografia do autor, estas três obras foram impressas à custa deste, e distribuídas gratuitamente²³⁵.

O primeiro aspeto que pressupõe alguma justificação por trás desta anonimidade na publicação das obras é relacionado com as datas destas. Estas obras foram publicadas nos anos de 1821 e 1823.

Ora, isto acontece em plena situação de instabilidade política, face à então recente Revolução de 1820. O país estava sob a alçada de um governo provisório, a Junta Provisional de Governo Supremo do Reino. Dantas Pereira, a favor da monarquia absolutista como já referido anteriormente, não estava de acordo com a corrente política em que se vivia no período de 1821 a 1823. A instabilidade política, aliada à irreverência das ideias publicadas nestas obras, poderão ser a explicação pelo anonimato com que as obras são publicadas.

Não obstante o oposto regime político pelo qual passava, o *Justicola* decide na mesma dar o seu parecer sobre aquela que era a organização da Marinha na altura. No *Esboço da Organização e Regime da Marinha conforme convem aos dictames da razão e ás nossas actuaes circunstancias*, texto de 1821, proclama, ao longo de 24 páginas, aquelas que deveriam ser as reformas que a Marinha deveria sofrer, no que toca à organização, regime, instrução e parte fabril, apresentando no final as contas relativas a estas mesmas reformas.

A 15 de março do mesmo ano, o *Justicola* dá à luz as suas *Reflexões sobre a Marinha ou Discurso Demonstrativo do Esboço da Organização e Regime da Repartição Naval Portuguesa*, obra de 47 páginas, impressa em Lisboa pela Imprensa Nacional, com licença da Comissão de Censura. Aqui à semelhança da anterior são abordados temas como o funcionamento da Marinha no que toca à poupança na parte fabril, debatendo os gastos com o Arsenal e a Cordoaria. É proposto um “modo de proporcionar na marinha a despesa com as forças da nação, ou com a receita correspondente”²³⁶, a “Educação e instrução”²³⁷ dos alunos, e a administração militar naval.

Quanto ao *Bosquejo analítico, relativo ao decreto da extinção do conselho do Almirantado*, não nos foi possível achar a obra na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), Biblioteca Central de Marinha (BCM), nem nos arquivos on-line. No entanto,

²³⁵ J. M. Dantas Pereira, *Notice et oeuvre...*, p.3.

²³⁶ José Maria Dantas Pereira, *Reflexões sobre a Marinha ou Discurso Demonstrativo do Esboço da Organização e Regime da Repartição Naval Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1821, p.10.

²³⁷ *Ibidem*, p. 25.



encontramos um texto datado de 2 de abril de 1821, com a própria assinatura de José Maria Dantas Pereira, que trata precisamente de uma breve reflexão sobre a pertinência da extinção do Conselho do Almirantado. Intitulou o texto de *Reflexões sobre a organização da Suprema Authoridade Naval Portugueza*²³⁸, e aqui, ao longo de quatro páginas, dá o seu parecer sobre a importância deste Conselho para a Marinha.

Encontramos ainda no dicionário bibliográfico de Inocêncio Silva, ainda outro texto do *Justicola*, que veio mais tarde em 1827, em formato de fôlio de duas páginas, as *Reflexões sobre o parecer da comissão da Câmara dos srs. Deputados acerca de competir ao Real Conselho de Marinha a ultima instancia dos negocios, cuja decisão depende de conhecimentos navaes*, impresso na Impressão Régia.

2.7.O Lusitano Filantropo

Dantas Pereira ainda adotou outro pseudónimo na sua obra literária, o *Lusitano Filantropo*²³⁹. Para além da referência a este pseudónimo no dicionário bibliográfico de Silva²⁴⁰, encontramos ainda referências a este pseudónimo na obra de António Manuel Hespanha, *Guiando a mão invisível. Direitos, Estado e Lei no liberalismo monárquico português*. Aqui o autor afirma que este “militar-político revela a sua atracção pelas questões políticas constitucionais”²⁴¹, tendo apresentado para o efeito sob o pseudónimo de *Lusitano Filantropo* as *Fantasia constitucionais, seguidas por algumas reflexões da razão e da experiência* (Lisboa, 1821); e ainda *Memórias para a história da regeneração portuguesa em 1820* (Lisboa, Impressão Régia, 1823). Esta última é composta por cinco memórias: 1.^a *Reflexões sobre a constituição de 1822*; 2.^a *Diálogo entre um liberal, um corcunda e um empenado*; 3.^a *Traços para o quadro comparativo das revoluções franceza e portugueza*; 4.^a *Os vivos, e o manifesto comparados com o estado presente de Portugal*; 5.^a *O conselho d’Estado*.²⁴²

Através destes comentários políticos de Dantas Pereira, Curado observou a tendência que Dantas Pereira tinha para a corrente mais conservadora a nível da política, afirmando no entanto, que este conservadorismo não era extremo, mas antes, “apenas uma

²³⁸ José Maria Dantas Pereira, *Reflexões sobre a organização da suprema autoridade naval portugueza*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1821.

²³⁹ Encontramos referências a este pseudónimo em: Adriano da Guerra Andrade, *Dicionário de pseudónimos e iniciais de escritores portugueses*, Lisboa, Biblioteca Nacional Portugal, 1999, p. 173 e p. 298.

²⁴⁰ I. F. Silva, *Dicionário Bibliográfico...*, p. 33.

²⁴¹ António Manuel Hespanha, *Guiando a Mão Invisível, Direitos, Estado e Lei no Liberalismo Monárquico Português*, Coimbra, Livraria Almedina, 2004, p. 74, nota 309.

²⁴² I. F. Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez...*, p. 33.

atitude típica dos momentos históricos colectivos em que os indivíduos e os povos têm que optar perante caminhos ainda pouco conhecidos”²⁴³, dando a título de exemplo, uma transcrição das *Memórias para a Historia da Regeneração Portuguesa em 1820*, onde Dantas Pereira expressa a sua opinião sobre a representatividade política:

...mas o que sobre se me apresenta mais notavel he commetter-se a eleição dos Deputados directamente á maioria da Nação, que sendo a parte mais ignorante e pobre, he a mais iludivel e seductivel²⁴⁴.

Dantas Pereira deixou ainda em 1824 um manuscrito contendo o seu testamento político²⁴⁵.

2.8.O Trabalho na Sociedade Real Marítima

Uma das sociedades para a qual Dantas Pereira contribuiu de forma mais marcante, tanto pelas suas ações administrativas, bem como pelo seu contributo literário foi a *Sociedade Real Marítima, Militar e Geográfica para o Desenho, Gravura, e Impressão das Cartas Hydrograficas, Geograficas e Militares*, comumente apelidada pela sua forma abreviada, Sociedade Real Marítima.

Considerou-se pertinente dedicar uma secção própria para tratar dos trabalhos de Dantas Pereira nesta instituição, principalmente por três razões; o facto de ter sido o principal preservador do valioso espólio nacional de conhecimento científico que a SRM produziu; pela quantidade de trabalhos que publicou ao abrigo desta, e por ter sido o primeiro historiador da produção científica da Sociedade²⁴⁶. Começamos por efetuar um breve enquadramento histórico da SRM.

A SRM surge no ano de 1798 por iniciativa de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, como forma de resposta ao crescente atraso científico que se verificava na Marinha, especialmente nas áreas da cartografia náutica.

Recorrendo ao Alvará que cria a Sociedade²⁴⁷, conseguimos ter uma perceção dos motivos que levaram a esta criação. Neste, é explicada a necessidade de uma sociedade

²⁴³ Manuel Curado, *O mito da tradução automática*, Braga, Centro de Estudos Humanísticos, 2000, p. 108, nota 73.

²⁴⁴ J. M. Dantas Pereira, *Memórias para a História da Regeneração Portuguesa...*, p.4.

²⁴⁵ E. Pereira, G. Rodrigues, “Dantas Pereira (José Maria) ...”, p.18.

²⁴⁶ A. T. Mota, *Acerca da recente devolução a Portugal...*, p.241.

²⁴⁷ *Alvará de 30 de junho de 1798*. O Alvará era dividido em sete partes, onde eram dispostas as instruções relativamente à sua organização, composição, classes das cartas hidrográficas, geográficas, militares, bem como recompensas, atividades, e a administração. J. A. R. Pereira, “José Maria Dantas Pereira...”, p.163.



que tenha o objetivo de “ampliar e favorecer aquellos uteis conhecimentos”²⁴⁸, tratando-se dos conhecimentos náuticos. As razões apontadas no documento remetem para os problemas que os navegadores portugueses, tanto da Armada, como da Marinha Mercante, encontravam no que toca à cartografia. Devido ao atraso da cartografia portuguesa, os navegadores tinham por várias vezes de recorrer às cartas náuticas provenientes de nações estrangeiras, estando portanto sujeitos aos perigos derivados dos erros contidos nestas.

A outra razão apontada foca-se na necessidade de Portugal, como nação marítima reconhecida, de estar a par dos conhecimentos náuticos da época. Maria de Fátima Nunes, na sua obra, *O Liberalismo Português: Ideários e Ciências*, expõe o contexto científico da época como um dos fatores que impulsionou esta sociedade. Para além das exigências científicas na área da náutica anteriormente referidas, a autora ainda refere que a sociedade “resultou também da aproximação de várias personalidades detentoras de uma cultura de ponta, renovada e inovadora”²⁴⁹, estando inserido nestas personalidades Dantas Pereira.

A SRM era presidida pelos quatro Ministros de Estado, e como membros efetivos tinha os lentes das respetivas academias militares: a ARM; a ARGM; e da Academia Militar do Exército; bem como dois lentes da Universidade de Coimbra e elementos da Faculdade de Matemática²⁵⁰. Incluía-se, portanto, o nosso biografado no conjunto de membros que constituía a sociedade.

Sobre a intervenção de Dantas Pereira na Sociedade, encontramos várias provas acerca dos feitos deste. Rodrigues Pereira, nas suas notas biográficas sobre o Comandante da Companhia, transcreve as palavras proferidas por D. Rodrigo de Sousa Coutinho na abertura solene da Sociedade, onde este afirma que os primeiros trabalhos relativos à instituição seriam expostos por um dos seus “Sábios Membros”. Este membro tratava-se do nosso biografado, que no seu discurso expôs o seu parecer quanto à necessidade desta sociedade, e ainda opina sobre aquelas que devem ser as boas práticas relativas à cartografia, bem como quais as áreas prioritárias a cartografar, apontando para o efeito uma “divisão dos mares mais frequentados pelo commercio em onze cartas”²⁵¹.

²⁴⁸ Alvará de 30 de junho de 1798, *Ibidem*, p.163.

²⁴⁹ Maria de Fátima Nunes, *O liberalismo português: Ideários e Ciências*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986, p. 35.

²⁵⁰ A. T. Mota, *Acerca da recente devolução a Portugal...*, p. 238.

²⁵¹ José Maria Dantas Pereira, “Oração lida em 22 de Dezembro de 1798, dia da Abertura da Sociedade Real Maritima, e retocada em 1828”, *Escritos Maritimos e Academicos a Bem do Progresso dos*



Dantas Pereira terá sido um dos membros mais importantes para a sociedade. Foi o primeiro historiador da instituição, tendo catalogado todas as obras apresentadas à sociedade desde 1799 a 1805, onde acrescentou a lista dos sócios fundadores²⁵². Em *Acerca da recente devolução a Portugal, pelo Brasil, de manuscritos da Sociedade Real Marítima, Militar e Geográfica (1798-1807)*, onde Mota realiza um levantamento do trabalho científico produzido pela sociedade durante o seu funcionamento, afirma o autor que se apoiou em grande parte no catálogo pioneiro elaborado por Dantas Pereira, bem como de outros posteriores que este viria a publicar²⁵³.

A atividade da SRM terminou com as invasões francesas de 1807. Novamente nesta época, Dantas Pereira terá realizado aquele que considerado o seu feito mais importante na Sociedade. O Comandante da Companhia, para além de embarcar toda a CGM, e o respetivo material didático da ARGM, empenhou os seus esforços em embarcar todo o material produzido pela sociedade, para evitar que este caísse nas mãos dos franceses. Albuquerque encontrou registos deste esforço de Dantas Pereira, num ofício datado de 26 de novembro de 1807²⁵⁴. Após um mês embarcado na nau *Conde D. Henrique*, Dantas Pereira escreve ao Ministro da Marinha, lembrando este da importância dos trabalhos presentes na sociedade, e a necessidade de conservar estes, propondo levar estes para o Brasil. “Dantas Pereira havia salvo e transportado para o Brasil o valioso espólio cartográfico da referida Sociedade, entregando-o no «arquivo central» militar”²⁵⁵.

Entregou o material da sociedade ao Coronel graduado João Manoel da Silva, conservando-o no Arquivo Militar do Rio de Janeiro. Segundo o relatório do próprio, tinha entregue “mais de mil cartas e planos, em mil e duzentas folhas de 58 várias perspectivas e dois Atlas tudo dos melhores autores e do que naqueles dias era mais

Conhecimentos Uteis e Mormente da Nossa Marinha, Industria e Agricultura, Lisboa, Na Impressão Régia, 1828, p. 1.

²⁵² *Ibidem*, p. 238. Dantas Pereira apresentou esta informação em 1832, na *Memória* que dedicou à história do Marquês de Pombal.

²⁵³ Para além do exaustivo catálogo apresentado na *Memória ao Marquês de Pombal*, Dantas Pereira viria ainda a contribuir para esta investigação através de outras obras, nomeadamente o *Catálogo systematico da Bibliotheca da Companhia dos GG MM feito de ordem do Inspector respectivo em 1812*, bem como na *Memória... tendo por objecto principal a Hydrografia do Brasil, e o conceito que corresponde aos trabalhos respectivos de Mr. Roussin*.

²⁵⁴ A. L. P. Albuquerque, *Da Companhia de Guardas-Marinhas...*, p. 86.

²⁵⁵ A. T. Mota, *Acerca da recente devolução a Portugal...*, p. 240.



moderno”²⁵⁶. A descrição detalhada do material que Dantas Pereira entregara no Rio de Janeiro pode ser encontrada nas obras de Rodrigues Pereira²⁵⁷, e do Almirante Boiteux²⁵⁸.

Título	Ano
<i>Memória sobre a divisão hidrográfica do Globo, atendendo ao comércio em geral e mais particularmente ao comércio nacional</i>	1799
<i>Memória sobre as divisões hidrográficas do globo que parecem mais conformes aos usos náuticos, segundo os princípios do útil e do agradável que lhes podem servir de base, e considerações sobre nove diferentes sistemas de divisão que se oferecem</i>	1800
<i>Memória sobre a aplicação do método das alturas correspondentes à indagação das longitudes e latitudes geográficas</i>	1800
<i>Regimento de sinais marítimos</i>	1802
<i>Memória sobre a composição de um periódico enciclopédico marítimo</i>	1802
<i>Informação sobre o cálculo de longitude de Joaquim Bento Fonseca</i>	1802
<i>Regras, exemplos para o cálculo das observações astronómicas mais vulgares, e precisas a bordo, com tábuas para se acrescentarem às nossas chamadas auxiliares, extraindo tudo dos escritos de Mr. Bordá</i>	1802
<i>Informação sobre as Cartas do Brazil, e Catalogo de posições de José Fernandes Portugal</i>	1802
<i>Aditamento à memória sobre os sinais marítimos</i>	1803
<i>Censura sobre a memória de António de Araújo Travassos relativa à economia das matérias combustíveis</i>	1804
<i>Informação sobre os avisos para levantar pequenos planos hidrográficos</i>	s.d.
<i>Sobre uma memória concernente às costas da América Meridional</i>	s.d.
<i>Informação sobre um cálculo da longitude sem observação da distância</i>	s.d.
<i>Sobre uma nova tática naval</i>	s.d.
<i>Informação sobre vários papéis de Luís António Araújo</i>	s.d.

Quadro 7 - Lista de textos elaborados por Dantas Pereira ao abrigo da SRM.

2.9.A Academia Real das Ciências de Lisboa

Ao longo do capítulo tem-se vindo a referir por várias ocasiões as obras que Dantas Pereira publicou ao abrigo da ARCL. Isto deve-se à longa ligação que o Comandante estabeleceu com esta instituição científica. Foi admitido como sócio correspondente em 1791²⁵⁹, tendo contribuído com discursos para as sessões particulares

²⁵⁶ J. A. R. Pereira, “José Maria Dantas Pereira...”, p. 167.

²⁵⁷ *Ibidem*, pp.166-167.

²⁵⁸ H. Boiteux, “O Chefe de Esquadra José Maria Dantas Pereira de Andrade...”, pp. 320-321.

²⁵⁹ Inocêncio no seu *Dicionário Bibliográfico* aponta para o ano de 1793, no entanto, conseguimos encontrar referência à admissão de Dantas Pereira na Academia nas *Histórias e Memórias da Academia* do ano de 1839, no discurso recitado pelo então Secretário Joaquim José da Costa de Macedo, onde este faz um breve resumo dos contributos de Dantas Pereira para a instituição, e indica o ano de 1791 como o ano de admissão

e públicas, e obras para as *Memórias* da mesma. Serviu como Secretário no período de 1823 a 1833. Isto levou a interrogação de quais teriam sido as causas que levaram a esta associação de Dantas Pereira com a insigne Academia. Considerou-se, portanto, dedicar um subcapítulo, onde exploraremos brevemente a história da ARCL, correlacionando com a nomeação de Dantas Pereira para seu Secretário, e realizando um levantamento dos trabalhos que este apresentou e publicou na mesma.

Devemos salientar que existiram em Portugal instituições ligadas ao cultivo do conhecimento previamente à ARCL²⁶⁰. No entanto, por forma a contextualizar aquela com que Dantas Pereira esteve diretamente ligado, começaremos pela Academia das Ciências de Lisboa.

A Academia das Ciências de Lisboa deve-se aos esforços do Duque de Lafões D. João de Bragança²⁶¹, aliado ao trabalho de José Correia da Serra²⁶². Foi fundada em 1779²⁶³, no seguimento da tendência europeia na criação de estabelecimentos científicos nas várias nações, com o objetivo de promover o desenvolvimento científico, e a difusão deste conhecimento pelas respetivas nações²⁶⁴.

Os objetivos da Academia, que estipulados nos seus Estatutos de 1780²⁶⁵, estavam intimamente ligados à procura e aperfeiçoamento do conhecimento científico nacional, afirmando Fernando Reis, que

do matemático. *História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*, tomo XII, parte II, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1839, p. XXVIII.

²⁶⁰ Estas eram normalmente associadas ao estudo das letras, tendo por vezes algumas ligações com a ciência. Temos o exemplo da Academia dos Generosos (1647-1667); a Academia Portuguesa (fundada em 1717); e a Academia Real da História Portuguesa (fundada em 1720). Fernando Reis, “Academia das Ciências de Lisboa”, *Ciência em Portugal, Personagens e Episódios*, <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/e31.html>, acedido em abril de 2018. Nas sucessivas referências a este artigo de Fernando Reis não é mencionada a página utilizada, devido a tratar-se de um artigo *on-line* que não as indica.

²⁶¹ Na *História dos estabelecimentos científicos literários e artísticos de Portugal* é referida a vasta experiência que o Duque adquiriu ao longo de várias viagens pela Europa, pois nestas “cultivou grandemente a sua inteligência, e mais e mais se fortificou no amor das letras e das sciencias”. O autor atribui a esta erudição do Duque uma grande importância, no que toca aos seus esforços para a criação da Academia. José Silvestre Ribeiro, *História dos estabelecimentos científicos literários e artísticos de Portugal nos sucessivos reinados da monarchia*, tomo II, Lisboa, Typografia da Academia Real das Ciências, p. 37.

²⁶² José Correia da Silva terá estado envolvido em várias iniciativas da criação da Academia. Foi o responsável pela divisão dos trabalhos da Academia em três classes académicas; os primeiros programas desta; o projeto de estatutos original; e pelo estabelecimento do seu Museu. *Ibidem*, p.38.

²⁶³ Os seus estatutos iniciais datam deste mesmo ano, tendo sido aprovados regamente no dia 24 de dezembro, Fernando Reis, “Academia das Ciências de Lisboa...”.

²⁶⁴ Fernando Reis dá os exemplos da *Accademia dei Lincei*, em 1603, e da *Accademia del Cimento* em 1657 na cidade Florença; da *Royal Society* de 1660 em Londres; da *Académie des Sciences* em 1666 em Paris; e da Academia das Ciências de Berlim de 1770. *Ibidem*.

²⁶⁵ Este corresponde ao Plano de Estatutos onde se continham os primeiros sócios da Academia. J. S. Ribeiro, *História dos estabelecimentos científicos...*, p. 37.



a criação da Academia correspondia a uma tentativa de incentivar o desenvolvimento científico e cultural do país, e de divulgar os conhecimentos científicos e técnicos de forma a que pudessem ser aplicados no desenvolvimento cultural e económico do país²⁶⁶.

Aliado a isto, o mesmo autor ainda afirma que um dos objetivos principais da Academia seria o aprimoramento da educação²⁶⁷.

A utilidade pública da Academia viria a ser reconhecida a 13 de maio de 1783, data a partir da qual passaria a designar-se por ARCL, e passou a usufruir de diversos privilégios concedidos pela nobreza, tal como a liberdade de transporte das obras da Academia pelo país, o término da censura das mesmas, e o livre acesso aos arquivos do reino²⁶⁸.

A Academia foi estruturada em três classes, a primeira consistia nas Ciências de Observação²⁶⁹, a segunda era a Classe de Ciências de Cálculo²⁷⁰, e a terceira de Belas Artes²⁷¹. A cada uma delas estavam atribuídos oito sócios efetivos, aos quais ainda poderíamos acrescentar as categorias de sócios honorários, estrangeiros, correspondentes, e supranumerários²⁷².

Quanto ao enquadramento de Dantas Pereira na Academia, este terá sido eleito sócio correspondente no ano de 1791. Quanto às disposições existentes sobre os sócios correspondentes, destacaremos quais eram os critérios para a admissão destes. O número de sócios correspondentes foi determinado nos Estatutos de 1780 como 100. No posterior assento de 27 de março de 1790, é estabelecido que “ninguém podia ser correspondente do numero, sem ter feito alguma obra notavel, ou apresentado á academia memorias que ella approvasse”²⁷³.

²⁶⁶ Fernando Reis, “Academia das Ciências de Lisboa...”.

²⁶⁷ *Ibidem*.

²⁶⁸ *Ibidem*.

²⁶⁹ Acerca desta Classe os Estatutos referem que corresponde à investigação das “leis e propriedades dos corpos por meio da observação e da analyse, os efeitos e novas propriedades que resultão da combinação de huns com outros, e o *como* e *porque* dos fenomenos naturaes”, ficando aqui incluídas as áreas da Meteorologia, Química, Anatomia, Botânica e História Natural de todos os corpos. J. S. Ribeiro, *op. História dos estabelecimentos scientificos...*, p. 39.

²⁷⁰ Para esta Classe ficaria reservado o levantamento dos fenómenos naturais, “as relações e propriedades da grandeza, tanto em geral como em particular”, associando-se as matérias da Aritmética, Geometria, Mecânica e Astronomia. *Ibidem*, p. 39.

²⁷¹ Esta Classe trataria do estudo dos vários ramos da Literatura Portuguesa. *Ibidem*, p. 40.

²⁷² *Plano de Estatutos em que conviêrão os primeiros Socios da Academia das Sciencias de Lisboa, com beneplácito de S. M. Lisboa, 1780*. O excerto deste documento que consultamos está presente em J. S. Ribeiro, *História dos estabelecimentos scientificos...*, pp. 39-56.

²⁷³ *Ibidem*, p. 48.

A partir desta disposição, podemos reforçar as evidências encontradas acerca das qualidades académicas de Dantas Pereira. Conforme vimos anteriormente, este tinha concluído prestigiosamente o curso da ARGM em 1790, a par dos seus primeiros passos como professor de matemática na mesma instituição, e conseguiu no mesmo período dar provas do seu talento tendo sido nomeado sócio correspondente da ARCL em 1791²⁷⁴.

Ao analisar as *Memórias* da Academia, encontramos a primeira referência a Dantas Pereira no segundo tomo das *Memorias de Mathematica e Phisica da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, onde se encontra a *Memoria sobre os instrumentos de reflexão* de Dantas Pereira, que terá sido apresentada a 18 de abril de 1792²⁷⁵; e as suas *Reflexões sobre certas sommações sucessivas dos termos das series aritmeticas, applicadas ás soluções de diversas questões algébricas*, apresentadas a 8 de janeiro de 1794²⁷⁶. No final das *Memórias*, era usual incluir-se um índice das obras publicadas pela Academia, e desde esta obra de 1799 que encontrámos que as *Ephemerides Nauticas* de Dantas Pereira vinham a ser comercializadas pela mesma.

No terceiro tomo das *Memorias de Mathematica e Phisica*, do ano de 1812, encontramos registos que indicam que a Academia também teria publicado as *Taboas logarithmicas, calculadas até á sétima casa decimal*, de Dantas Pereira. No entanto, nas sucessivas publicações até ao ano de 1823 não encontramos memórias apresentadas pelo nosso biografado. Isto provavelmente deve-se ao facto de este se encontrar no Brasil nesta época. Não obstante a sua ausência nas sessões da Academia, o Comandante da CGM continuou a contribuir para a distinta Academia.

Encontramos no terceiro tomo das *Memorias de Mathematica e Phisica*, do ano de 1812, novo exemplo: “O Sr. José Maria Dantas remetteo do Rio de Janeiro hum Opusculo intitulado *Reflexões sobre o Commercio dos Seguros* impresso naquella Corte”²⁷⁷. Temos ainda o exemplo posterior do quarto tomo²⁷⁸ onde remeteu do Rio de Janeiro para a Academia o seu *Elogio Histórico a D. Pedro Carlos*.

²⁷⁴ Encontramos anteriormente evidências de uma apresentação ministrada por Dantas Pereira em 1791, numa sessão particular da Academia, acerca da sua *Memoria sobre o Calculo da Latitude por duas Alturas de hum mesmo Astro Tomadas fora do Meridiano*, publicada nas *Ephemerides Nauticas* de 1796.

²⁷⁵ ARCL, *Memorias de Mathematica e Phisica da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tomo II, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1799, pp. 159-168.

²⁷⁶ *Ibidem*, pp. 168-187.

²⁷⁷ ARCL, *Memorias de Mathematica e Phisica da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tomo III, parte II, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1814, p. LXXI.

²⁷⁸ ARCL, *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tomo IV, parte I, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1815, p. XXII.

Não conseguimos precisar a data em que Dantas Pereira foi promovido a sócio efetivo da Academia, mas a primeira vez que este é inserto nesta categoria data de 1817, no quinto tomo da *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*²⁷⁹, encontrando-se ainda no Rio de Janeiro.

Através do discurso do então Secretário da Academia, Francisco Villela Barbosa, retiramos que Dantas Pereira ainda terá enviado os seus escritos marítimos do Rio de Janeiro para a Academia: “O Snr José Maria Dantas Pereira, obsequiou-nos com alguns opúsculos, que publicára ácerca de diferentes objectos marítimos”²⁸⁰.

Passando agora para a eleição de Dantas Pereira para secretário da Academia, não podemos colocar de parte a tumultuosa atividade política que se passava no país, podendo encontrar nas *Memórias* da Academia vestígios da sua influência. Ao ler o discurso introdutório da segunda parte do oitavo tomo das *Memórias* da Academia do ano de 1823, ficamos a saber que foi eleito como presidente D. Miguel. Nesta época, a facção absolutista estava a ganhar força²⁸¹, e influenciou o rumo da Academia, que segundo os discursos presentes nas suas memórias vinha ser prejudicada face ao desinteresse do governo pela ciência no país²⁸². “No dia 17 de julho de 1821 comprimimentou a academia o infante D. Miguel, como presidente da mesma academia, por ocasião da chegada de sua alteza a Portugal”²⁸³.

As razões que levaram a esta eleição poderão estar relacionadas com o forte laço entre a nobreza e a Academia²⁸⁴. Durante a presidência do Infante, Dantas Pereira foi eleito secretário da instituição em 1823. São várias as evidências acerca das preferências

²⁷⁹ ARCL, *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tomo v, parte I, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1815, p. XLIX. Esta situação repete-se no sexto tomo da publicação, dos anos 1819 e 1820, e no sétimo tomo, de 1821. No oitavo tomo, de 1823, Dantas Pereira ainda continuava como sócio efetivo, mas já a residir em Lisboa.

²⁸⁰ Francisco Villela Barbosa, “Discurso histórico recitado na sessão pública de 24 de junho de 1821”, *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tomo VIII, parte I, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1823, p. XIII.

²⁸¹ Nesta época, conforme referido anteriormente, Portugal estaria a passar pelo rescaldo da Revolução de 1820. D. João regressou ao país em 1821, favorecendo assim o apoio monárquico que os sócios da Academia exerciam.

²⁸² Dantas Pereira viria a comentar isto nos seus discursos de 1823 enquanto Secretário. É certo que, sendo um convicto absolutista, poderemos considerar que estaria a atuar em sua própria causa, no entanto, não deixa de apresentar os factos concretos, tal como a redução do orçamento para a Academia durante o governo liberal. José Maria Dantas Pereira, “Discurso Histórico Recitado na sessão pública de 27 de Junho de 1823”, *Historias e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tomo IX, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1825, p. III.

²⁸³ J. S. Ribeiro, *História dos estabelecimentos scientificos...*, p. 350. As circunstâncias da eleição de D. Miguel para presidente da instituição encontram-se detalhadas.

²⁸⁴ Devemos salientar aqui que a Academia já teria contado anteriormente com nobres a presidi-la, nomeadamente o seu fundador, o Duque de Lafões, e o aluno de Dantas Pereira, D. Pedro Carlos. J. S. Ribeiro, *História dos estabelecimentos scientificos...*, p. 370.



políticas do nosso biografado ao longo dos discursos que este proferiu nas assembleias da Academia. No nono tomo das *Memórias* da Academia, foram publicados seis discursos proferidos pelo Secretário da Academia, onde este, para além dos formalismos normais que incluíam indicar o programa da Academia, e realizar as respetivas menções aos Sócios que tinham contribuído para esta, ainda se dedicou a enaltecer a posição de D. Miguel e da monarquia quanto à melhoria do conhecimento em Portugal e da pátria.

O décimo tomo das *Memórias* terá sido aquele onde a obra de Dantas Pereira terá sido proeminente. Aqui foram publicadas as memórias já anteriormente referidas: *Memória sobre o resumo da Geographia Politica de Portugal, escrito por Mr. De Bory de Saint Vicent*²⁸⁵, *Memoria sobre a nomenclatura, ou lingoagem mathematica, menos bem tratada pelo habilíssimo auctor do Ensaio de Psychologia*²⁸⁶, *Memoria com quatro apensos em dois volumes: tendo por objecto principal a Hydrographia do Brazil, e o conceito que corresponde aos trabalhos respectivos de Mr. Roussin*²⁸⁷, e ainda *Memoria sobre a precisão de reformar o Roteiro de Pimentel*²⁸⁸.

Obtivemos ainda conhecimento através deste tomo que Dantas Pereira terá oferecido à Academia exemplares das suas *Diversões Metricas e Dramaticas*, do seu *Catalogo Systematico da Bibliotheca da Companhia dos Guardas-Marinhas*, e da *Lista dos mapas, cartas e planos pertencentes á mesma companhia*.

Os contributos de Dantas Pereira não passavam despercebidos pelos restantes sócios da Academia. Temos testemunho disto através do discurso do Vice-Secretário Manoel José Maria da Costa e Sá, em 1829, que menciona os trabalhos que foram dedicados para a Classe das Ciências do Cálculo, indicando tanto obras que conseguimos encontrar, bem como algumas que não conseguimos:

Da infatigável applicação do Sr. José Maria Dantas Pereira tivemos: Reflexões sobre o celebre Problema da coroa de Hieron: Memoria sobre a solução do problema das longitudes no mar: Huma servindo de revindicação à execução da nomenclatura em lingoagem mathematica; outra sobre o cabrestante aplicado às noras chamadas mouriscas; e finalmente huma, que temos a

²⁸⁵ ARCL, *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tomo x, parte I, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1827, pp. 251-274.

²⁸⁶ ARCL, *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tomo x, parte II, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1830, pp. 197-207.

²⁸⁷ *Ibidem*, pp. 229-242.

²⁸⁸ *Ibidem*, pp. 221-228.



vantagem de ouvir ler a seu proprio Author, sobre a precisão de refundir o Roteiro do nosso Pimentel”²⁸⁹.

Ainda neste discurso, sabemos que Dantas Pereira terá realizado um Exame do Mappa da America Meridional seguindo as observações de Spix e Martius, e que terá redigido uma Memoria sobre a posse pacifica do Rio da Prata, pelos Portuguezes des que o descobrirão em 1511 até à invasão Hespanhola em 1580²⁹⁰.

O décimo primeiro tomo terá sido o último publicado durante o seu secretariado, e neste vem impresso o discurso recitado por Dantas Pereira na sessão pública de 19 de dezembro de 1831, bem como o seu *Elogio do Padre Theodoro de Almeida*²⁹¹.

Conforme referido anteriormente, em 1834, por razões políticas, Dantas Pereira exilou-se em França, rompendo abruptamente a sua relação com a insigne Academia. No entanto, o seu nome não deixou de ser mencionado posteriormente nos seguintes tomos. Em 1838, no discurso proferido pelo então Secretário da Academia, Joaquim José da Costa de Macedo, a vida e trabalho de Dantas Pereira na Academia são elogiados, reafirmando a dedicação que este teve pela Academia, e pela ciência em Portugal:

Perdemos também o Senhor José Maria Dantas Pereira, Chefe d’Esquadra da Armada Real. Nascido de pais que nada tiverão de agradecer à fortuna, deveu só a si tudo quanto foi. Admittido na Academia em 1791, passou por todos os grãos Académicos, tendo sido o ultimo secretario della antes da sua reorganização. O estudo foi a sua paixão desd’ os mais tenros annos; indefesso no trabalho, commeteu muitos ramos das Sciencias; e não desacompanhando nunca o amor das Lettras, e da Academia, ainda lhe fez serviços fóra da pátria, onde circunstâncias políticas o levarão, e onde terminou a carreira da vida²⁹².

²⁸⁹ *Ibidem*, pp. X-XI.

²⁹⁰ *Ibidem*, p.XII.

²⁹¹ ARCL, *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tomo XI, parte I, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1831, pp. XIII-XXIV.

²⁹² Joaquim José da Costa de Macedo, “Discurso Recitado na Sessão Pública de 15 de Maio de 1838”, *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tomo XII, parte II, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1839, p. XXVII.

3. Um projeto de Pasigrafia

Como se tem vindo a demonstrar, Dantas Pereira interessou-se, investigou e escreveu sobre um vasto leque de temas, alguns deles fruto do contexto onde se inseriu, outros revolucionadores para o seu tempo. Um tema que se considerou relevante explorar foi a pasigrafia, ou por outras palavras, um sistema de escrita universal a todos os povos. Sobre este assunto, Dantas Pereira redigiu *Memória sobre um projeto de Pasigrafia, composta e dedicada ao Sereníssimo*²⁹³ *Senhor Infante D. Pedro Carlos*²⁹⁴.

De entre as principais razões que levaram à escolha desta obra como tema de um capítulo próprio, devemos destacar a particularidade deste assunto em relação àqueles que normalmente achamos associados a Dantas Pereira, e sobre os quais este mais obras escreveu, como a matemática ou as ciências náuticas; bem como a originalidade deste tema. Na verdade, à semelhança do que aconteceu em diversos trabalhos que publicou²⁹⁵, foi o primeiro português de que se tem conhecimento que tenha elaborado um plano para uma pasigrafia.

Começaremos por explicar o conceito de pasigrafia, situando historicamente o aparecimento deste, bem como as razões para a sua larga divulgação na época de Dantas Pereira. Para tal efeito, devemos referir a bibliografia utilizada para estudar o assunto, que iremos mencionar adiante, e irá ser dado um exemplo atual deste conceito. Passaremos por demonstrar aquele que foi o modelo proposto por Dantas Pereira, procurando identificar as fontes utilizadas pelo nosso biografado, bem como procurar aquele que foi o impacto que a sua obra teve posteriormente.

Um aspeto importante a referir sobre a escolha deste tema para um aprofundado desenvolvimento relaciona-se com uma descoberta realizada ao longo da investigação deste problema. Inicialmente considerou-se que dentro da bibliografia de Dantas Pereira,

²⁹³ Curado afirma no seu artigo que se desconhecem as razões para este título, mas avança com a hipótese da relação com a morte precoce dos pais e avô paterno do infante (D. Carlos III, rei de Espanha), quando este tinha apenas dois anos de idade. J. M. Curado, “A Memória de 1800...”, p.286, disponível em <http://hdl.handle.net/1822/12521>, consultado em janeiro de 2018. Conforme foi dito anteriormente, Dantas Pereira foi mestre do Infante durante 15 anos. Esta longa relação entre os dois poderá estar na origem do adjetivo utilizado por Dantas Pereira, sendo que existem provas da afinidade que este adquiriu pelo jovem infante, como por exemplo na *Memória* que Dantas Pereira dedicou a este aquando da morte do infante.

²⁹⁴ José Maria Dantas Pereira, *Memória sobre um projeto de Pasigrafia, composta e dedicada ao Sereníssimo Senhor Infante D. Pedro Carlos*, Lisboa, Na Oficina da Casa Literária do Arco do Cego, 1800.

²⁹⁵ Devemos destacar os casos conspícuos anteriormente referidos do cálculo atuarial, do problema das longitudes resolvido por Borda, do quadro sinóptico que elaborou acerca da sociedade portuguesa, da própria catalogação das obras publicadas na SRM, do seu Catálogo sistemático da Biblioteca da Companhia dos Guardas-Marinhas, e inclusive a sua proposta pioneira tanto para a unificação do ensino superior no Brasil, como da criação de uma Sociedade Naval; isto tudo aliado aos progressos que introduziu ligados às ciências náuticas, e matemática, nomeadamente na Aritmética e na Álgebra, publicados pelas instituições científicas da época, a SRM, a ARCL, e o *Jornal de Coimbra*.



esta *Memória* seria um estudo isolado que este realizara acerca da pasigrafia. Verificámos exatamente o oposto, pois o Comandante da Companhia voltaria a dedicar-se ao estudo de um método pasigráfico posteriormente, tendo publicado um Código de Sinais pasigráfico²⁹⁶, dedicado exclusivamente para o uso a bordo dos navios, e inclusivamente, no seu penúltimo ano de vida, já exilado em França, publicou um modelo de um dicionário pasigráfico, revelando que a perspetiva de uma comunicação internacional simples não terá desvanecido ao longo da sua vida.

À luz destes factos, considerou-se ainda mais pertinente estudar este tópico da continuidade do estudo da pasigrafia por Dantas Pereira, dedicando ainda os respetivos subcapítulos a estas duas obras complementares, de forma a expor os seus conteúdos, e possível relação que poderão ter tido com a *Memória* original.

3.1.A procura por uma linguagem universal

Dediquemos este capítulo à exposição da investigação realizada sobre este assunto. Ao procurarmos a definição do conceito de pasigrafia, cruzámo-nos diretamente com uma citação que o próprio Dantas Pereira utilizou na sua *Memória*, retirada do *Annual Register*²⁹⁷:

Pasigraphy, or the first elements of the new artificial science of writing and printing in one language, in such a manner as to be read and understood in any other language, without translation, etc. Is a truly ingenious and curious publication, which displays the author's extensive acquaintance with the philosophy of language, and suggests remarks and hints which the grammarian may convert to valuable purposes²⁹⁸.

Bem como um excerto retirado do vigésimo quarto volume alargado do *Monthly Review*:

²⁹⁶ José Maria Dantas Pereira, *Systema de Signaes para a Comunicação dos navios entre si, e com a terra, em qualquer lugar, e tempo, e seja qual for a ordem naval adoptada*, Rio de Janeiro, Na Impressão Régia, 1817.

²⁹⁷ O *Annual Register*, fundado em 1758, trata-se de uma publicação científica de referência, que ao longo dos tempos foi publicando um vasto número de artigos concernentes a várias matérias, como por exemplo matemática, assuntos militares, política, economia, história natural, poesia, linguística, entre diversos outros. Joseph Sablé, *Centre d'études du 19e siècle français*, https://web.archive.org/web/20070703231820/http://www.chass.utoronto.ca/french/sable/recherche/catalogues/annual_register/history.htm, consultado em abril de 2018.

²⁹⁸ "Foreign Literature of the Year 1797", *The new Annual Register or General Repository for History, Politics, and Literature for the year 1797*, London, [n.p.], 1798, p.319.



Pasigraphie, &c. i. e. Pasigraphy, or First Elements of the new Artificial-Science [*Art-Science*] of writing and printing in a Language which may be read and understood in every other Language, without Translation²⁹⁹.

Estas passagens não correspondem a uma definição concreta daquilo que é pasigrafia, tratam-se, pois, daquelas onde Dantas Pereira terá tido pela primeira vez contato com este conceito. Tratam de uma obra composta por Joseph de Maimieux, que será abordada adiante.

Um facto importante a referir acerca destas passagens na sua obra, é que, à data que escreveu a *Memória*, o matemático afirma que não teria conhecimento de quem seria o autor deste projeto pasigráfico, pois o próprio admite que ainda não teria tido acesso ao mesmo. Mas ao mesmo tempo, encontrar estas referências no texto de Dantas Pereira revela-nos outro facto interessante: o nosso biografado encontrava-se a par das novas tendências na ciência europeia. Isto poderá ser explicado através do vasto acesso à informação que Dantas Pereira terá adquirido através das suas associações tanto à Sociedade Real Marítima, como à Academia Real das Ciências de Lisboa³⁰⁰, das quais já seria sócio, à data da *Memória*.

Voltando à questão da pasigrafia, ao guiarmo-nos pela referência que Dantas Pereira retirou do *Monthly Review*, conseguimos retirar o objetivo principal desta, comunicação internacional de forma simples.

Veja-se também aquilo que Couturat afirma sobre a pasigrafia:

On appelle *pasigraphie* une langue universelle exclusivement écrite, un système de signes écrits (ou plus généralement de signes optiques) destine à exprimer et à transmettre la pensée³⁰¹.

²⁹⁹ *The Monthly Review or Literary Journal Enlarged*, Vol. XXIV, London, [n.p], 1797, p.562, disponível em <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=hvd.hxjga6:view=1up:seq=576>, consultado em maio de 2018.

³⁰⁰ Relembremos aqui a importância que estas duas instituições tiveram para a sociabilidade científica, e ligação do conhecimento internacional. Conforme já mencionado anteriormente, estas instituições tiveram um grande impacto para o nosso biografado, tanto pelo convívio regular com os restantes cientistas nacionais, bem com pelo acesso ao restante conhecimento europeu. As razões para esta influência são bem detalhadas por Maria de Fátima Nunes, na sua obra, quando esta também trata de explicitar o impacto que ambas as instituições tiveram no igualmente ilustre contemporâneo de Dantas Pereira, Marino Miguel Franzini. Maria de Fátima Antunes, *O Liberalismo Português: Ideários e Ciências. O Universo de Marino Miguel Franzini*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1988, pp.33-39.

³⁰¹ L. Couturat, L. Leau, *Histoire de la langue universelle*, Paris, Librairie Hachette, p.1, <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k86025d>, acedido a 24 de fevereiro de 2018.



Tal como Umberto Eco referiu, a procura de uma linguagem universal é um sonho da Humanidade que já conta com mais de dois mil anos de existência³⁰². Este assunto, não estando inserido no tema da presente dissertação, não irá ser desenvolvido com mais pormenor do que aquele considerado necessário para enquadrar aquela que foi a contribuição de Dantas Pereira na construção de uma pasigrafia. No entanto, torna-se necessário procurar explorar quais as origens que levaram a este trabalho de Dantas Pereira.

É importante ressaltar que este assunto é de uma vasta complexidade, abrangendo não só historicamente várias etapas do conhecimento humano, bem como geograficamente várias regiões que não só a Europa. Eco, numa análise crítica da obra de Borst³⁰³, afirma o seguinte:

The dream of a perfect language did not only obsess European culture. The story of the confusion of tongues, and of the attempt to redeem its loss through the rediscovery or invention of a language common to all humanity, can be found in every culture³⁰⁴.

Podemos afirmar que a linguagem universal é uma questão que tem vindo a ser tratada muito antes da época de Dantas Pereira. Temos o exemplo do século XVII, no qual pensadores católicos, como Boheme, Kircher, e Caramuel, interrogaram-se sobre a linguagem original, aquela criada por Deus, e entregue a Adão no Paraíso. As preocupações destes trabalhos focavam-se em identificar a língua original, primitiva, que todos os homens falavam³⁰⁵.

Não obstante a profunda reflexão e discussão que este tema poderia suscitar, seja pelo impacto que teve na história da filosofia, linguística, ciência, e do pensamento humano em geral, foi necessário restringir o escopo que se iria analisar. A decisão de delimitar esta tarefa não foi fácil nem supérflua.

³⁰² U. Eco, *The Search for the Perfect Language...*, p. 5.

³⁰³ Arno Borst, *Der Turmbau von Babel, Geschichte der Meinungen über Ursprung und Vielfalt der Sprachen und Völker*, Stuttgart, Hiersemann, 1957-1963.

³⁰⁴ “O sonho da linguagem perfeita não obcecou apenas a cultura Europeia. A história da confusão das línguas, e da tentativa para se redimir da sua perda através da redescoberta ou invenção de uma língua comum a toda a humanidade, pode ser encontrada em todas as culturas”. (Tradução do autor) U. Eco, *The Search for the Perfect Language...*, p.1.

³⁰⁵ José Cepedal, “Lengua universal, lengua francesa y «patois» durante la revolución francesa”, *El Basilisco*, 2ª época, nº1, 1989, p.3, <http://filosofia.org/rev/bas/bas20103.htm>, acedido em 24 de fevereiro de 2018.



Para contextualizar a questão da pasigrafia foram de elevada importância os diversos estudos já realizados sobre as tentativas de criação da linguagem universal. Fazemos o levantamento daqueles que foram as principais fontes para este capítulo, e para a análise dos contributos de Dantas Pereira nesta matéria.

A obra de Umberto Eco, *The Search for The Perfect Language*, trata da história da origem da linguagem, bem como dos estudos realizados ao longo do tempo sobre esta. Na parte mais relevante para o que se estudou, devemos destacar que Eco procura explorar aqueles que foram os projetos relativos à redescoberta das linguagens como “postuladas como originais, ou miticamente perfeitas – como o hebreu, egípcio ou chinês”³⁰⁶, como aquelas que foram as linguagens artificialmente construídas, nomeadamente as dos séculos XVII, XVIII e XIX, os períodos das obras que tiveram influência no trabalho de Dantas Pereira.

Quanto à *Histoire de la Langue Universelle*, esta foi uma obra escrita por L. Couturat³⁰⁷, e por L. Leau³⁰⁸, e trata-se de um ensaio sobre o desenvolvimento de uma linguagem universal. Aqui são analisados cerca de 70 modelos de linguagem. Os dois autores foram respetivamente o Tesoureiro e Secretário Geral da “Délégation pour l’adoption d’une langue auxiliaire internationale.”³⁰⁹, e a sua obra consiste na história das diferentes tentativas que foram levadas a cabo para se instituir uma linguagem universal, focando-se principalmente nos diferentes projetos de linguagens artificiais para este objetivo. Focámo-nos no estudo do capítulo preliminar desta obra, que trata especificamente das pasigrafias, e na parte que trata dos sistemas relacionados com a linguagem filosófica, contemporâneos de Dantas Pereira.

Contribuiu também para a nossa investigação a obra de Edward Groves, *Pasilogia: An Essay towards the formation of a system of universal language, both*

³⁰⁶ U. Eco, *The Search for the Perfect Language....*, p.3.

³⁰⁷ Louis Couturat (1868-1914), foi um linguista, matemático, e professor de nacionalidade francesa, que à parte de todos os seus notórios feitos académicos, muito contribuiu para o estudo da linguística e da linguagem universal. Quanto aos seus contributos para esta área deve-se mencionar os seus trabalhos sobre Leibniz, a sua própria linguagem artificial Ido, assim como o seu trabalho na “Délégation pour l’adoption d’une langue auxiliaire internationale”.

³⁰⁸ Léopold Leau (1868-1943), foi um matemático francês, que juntamente com Couturat, fundou a “Délégation pour l’adoption d’une langue auxiliaire internationale”. Foi reconhecido pelas suas investigações no domínio da linguística, e nas linguagens auxiliares internacionais.

³⁰⁹ Conforme dito anteriormente, esta delegação foi criada pelos académicos franceses Louis Couturat e Léopold Leau. Terá sido fundada em 1901 após a observação das dificuldades sentidas pela barreira linguística em convenções internacionais. Era composta por um corpo académico internacional, que discutia e decidia sobre os aspetos que uma linguagem internacional auxiliar deveria possuir. Para uma informação mais detalhada sobre os fundamentos, e objetivos desta delegação, veja-se <http://interlanguages.net/ILS2.html>, consultado em abril de 2018.

*written and vocal*³¹⁰. Neste ensaio, o objetivo principal consiste precisamente na apresentação de uma proposta para uma linguagem universal, começando por uma avaliação tanto da praticidade de tal engenho, bem como das objeções ao mesmo. Mas, aquilo que teve particular relevo para a nossa investigação foi a compilação e análise que este autor realizou sobre os trabalhos realizados anteriormente com o mesmo objetivo³¹¹.

No trabalho de José Manuel Fernández Cepedal³¹², *Lengua Universal, Lengua Francesa y «Patois» durante la Revolucion Francesa*³¹³, é analisada a questão de uma língua universal, e do impacto que a Revolução Francesa teve nesta, nomeadamente nas tentativas levadas para a uniformização da língua francesa no final do século XVIII. Esta obra teve particular impacto na nossa investigação, na medida que em o autor dá a sua perspetiva acerca da importância da Revolução Francesa na difusão dos seus ideais, e consequentemente no ímpeto que concedeu ao desenvolvimento de projetos ligados à linguagem universal, levando-nos a questionar se de facto, terá sido esta uma das motivações para Dantas Pereira ter dado os seus contributos para a pasigrafia.

A obra de Manuel Curado, *O mito da tradução automática*³¹⁴, de 2000, teve um relevante interesse para esta investigação. Nesta obra, o autor dá-nos a sua perspetiva sobre a contemporânea questão da tradução automática, abordando o impacto cultural que esta possui, e apresentando o estado da arte da mesma. Explora questões como o estudo da racionalidade de Alasdair MacIntyre; a lógica de Edmundo Curvelo, e, quanto ao tema que mais nos interessou para a nossa investigação tem como um dos principais focos do seu estudo, a própria *Memória sobre um Projecto de Pasigrafia* de Dantas Pereira. Através da sua investigação, Curado procura contextualizar a obra de Dantas Pereira, tanto na época em que se inseriu, os conteúdos que abordou, o sistema que propôs, as influências que teve, a polémica que gerou posteriormente bem como as intenções de Dantas Pereira com esta publicação. Trata-se da nossa fonte principal para a condução de investigação dos contributos de Dantas Pereira, visto que foi a única obra

³¹⁰ Edward Groves, *Pasilogia: An essay towards the formation of a system of universal language, both written and vocal; with suggestions for its dissemination throughout the world: including a succinct review of the principal systems of similar character heretofore published*, Dublin, [n.p], 1846.

³¹¹ Esta compilação encontra-se compreendida em Edward Groves, *Pasilogia...*, pp. 46-86.

³¹² José Manuel Fernández Cepedal (1950-2001), foi um professor de filosofia espanhol, que terá estudado e publicado obras sobre filosofia contemporânea, correntes de pensamento, e o assunto de relevo para a nossa investigação, as ideologias presentes durante a Revolução Francesa, nomeadamente o impacto que esta teve na linguística. A sua biografia encontra-se disponível em <http://www.filosofia.org/ave/001/a015.htm>, consultado em janeiro de 2018.

³¹³ J. M. F. Cepedal, “Lengua Universal...”, pp.41-48.

³¹⁴ J. M. Curado, *O mito da tradução automática*, Braga, Universidade do Minho Centro de Estudos Humanísticos, 2000.

contemporânea encontrada em que o trabalho de Dantas Pereira é explorado. Em adição a isto, Manuel Curado ainda editou a própria *Memória* de Dantas Pereira quanto à pasigrafia, acrescentando a esta informação de relevo para a sua interpretação³¹⁵.

3.2. Trabalhos anteriores

Antes de expormos o método pasigráfico proposto por Dantas Pereira, comecemos por elaborar uma síntese daqueles que foram os métodos mais notórios, anteriores e contemporâneos, no que toca à tentativa da criação de um método de comunicação internacional.

Para tal, apresentamo-los de forma abreviada, onde recorrendo às fontes referidas anteriormente, mencionamos os respetivos autores, com a data de publicação dos seus trabalhos, bem como uma breve descrição dos princípios que guiavam as suas próprias linguagens universais. Não iremos aprofundar detalhadamente os trabalhos individuais de cada um dos autores, sendo que este trabalho careceria de estudos próprios por forma a detalhar toda a informação contida nestes, no entanto, indicou-se as fontes utilizadas, por forma a facilitar a pesquisa mais detalhada dos contributos aqui vertidos.

Esta exposição serve o propósito de, tendo elaborado o estado da arte no que toca à pasigrafia na época de Dantas Pereira, tentar encontrar relações entre as obras expostas, e a *Memória* do nosso biografado. Não foram mencionados todos os trabalhos alguma vez feitos sobre comunicação universal, mas sim aqueles que se destacaram, e que temporalmente se localizaram próximos da *Memória* de Dantas Pereira.

3.2.1. Um método mencionado por Gaspar Schott

Segundo Groves, a primeira tentativa considerada moderna para atingir um método de comunicação internacional, foi exposta em 1664 por Gaspar Schott³¹⁶, não sendo, no entanto, da autoria deste pensador. Schott afirma na sua obra que este método foi escrito e publicado originalmente por um espanhol, do qual não se recorda o nome, no

³¹⁵ J. M. Curado, “A Memória de 1800 de Dantas Pereira”, *Revista Diacrítica, Filosofia e Cultura*, Universidade do Minho Centro de Estudos Humanísticos, 2004, disponível em <http://hdl.handle.net/1822/12521>, consultado em janeiro de 2018.

³¹⁶ Groves na sua obra refere que a obra de Schott de que estamos a falar terá sido publicada em 1664, no entanto, apenas encontramos uma obra do mesmo título de 1665, com a seguinte referência: Gaspar Schott, *Technica Curiosa, sive Mirabilia Artis, Libris XII*, Typographus Herbipol, 1665. Esta obra é de particular interesse para o estudo da história das tentativas de criação de uma linguagem universal pois aparenta tratar-se de um compêndio de sistemas criados para este propósito. No entanto, devido a encontrar-se escrita em latim, não foi possível analisar devidamente o conteúdo da mesma.

ano de 1653. Este autor considerara que seria possível a todas as nações atingirem um nível mínimo de compreensão mútua, recorrendo apenas às palavras mais comuns, tendo para este efeito classificados estas através de algarismos. Inicialmente dividiu os conceitos considerados em 45 classes, que seriam representadas por numeração romana, sendo as mesmas subdivididas nas palavras relacionadas com a determinada classe, e representadas por algarismos árabes³¹⁷.

Deixamos aqui alguns exemplos das classes que eram propostas neste método para a divisão dos vocábulos, bem como um exemplo das subdivisões no caso da Classe dos Elementos:

I. Elementos	XV. Pássaros
II. Corpos celestiais	XIX. Comida
III. Seres intelectuais	XXXIV. Tempo
XI. Tribunais judiciais	XL. Verbos Comuns

Quadro 8 - Alguns exemplos das Classes do método mencionado por Schott.

1. Fogo	5. Ar
2. Chama	6. Vento
3. Fumo	7. Brisa
4. Cinzas	8. Ventos de Este

Quadro 9 - Alguns exemplos de subdivisões que as Classes poderiam ter, neste caso a Classe dos Elementos.

3.2.2. A proposta de Cave Beck

Cave Beck, de nacionalidade inglesa, publicou a sua proposta para uma linguagem universal em 1657, intitulando-se esta de *The Universal Character By which all the Nations in the World may understand one anothers Conceptions*³¹⁸. Este sistema, destinado tanto a ser escrito como a ser falado, apresenta-se como mais completo do que uma pasigrafia, cujo objetivo principal não passa por ser vocalizada. No entanto, é importante referir este autor, pois, como iremos observar mais adiante quando for exposta a obra de Dantas Pereira, apresenta algumas semelhanças com a obra do nosso autor.

³¹⁷ Edward Groves, *Pasilogia...*, pp.55-58.

³¹⁸ Cave Beck, *The Universal Character By which all the Nations in the World may understand one anothers Conceptions, Reading out of one Common Writing their own Mother Tongues, An Invention of General Use, The Practice where of may be Attained in two Hours space, Observing the Gramatical Directions*, London, [n.p.], 1657.

Beck defende que para a criação de uma linguagem universal eficaz, a primeira medida será eliminar todas as palavras sinónimas ou irregulares de um determinado vocabulário, pois são destas de onde advém as principais dificuldades de aprendizagem. De seguida, deverão ser realizadas combinações com os algarismos árabes de zero a nove, por forma a atribuir a cada uma das palavras³¹⁹ do dicionário determinados algarismos, e ordenar estes desde as unidades até 10000³²⁰. Após esta atribuição, seria criado um dicionário com as palavras ordenadas alfabeticamente, e com os respetivos números. Desta forma, com um índice numérico, e com um índice alfabético para cada idioma, a procura seria rápida, e consequentemente a interpretação entre dois falantes de nações estrangeiras. A vocalização deste método faz-se através da atribuição de determinados fonemas a cada um dos algarismos³²¹.

Como iremos ver adiante, um dos passos sugeridos por Dantas Pereira na sua pasigrafia consiste igualmente na criação de um dicionário de referência numerado, com um propósito semelhante ao de Beck.

to acheive	41	an admiral	p 66
to acknowledge	42	to admire	67
an acorn	tar 43	to admit	68
to acquaint	44	to admonish	69
to acquire	45	an adoe, or stir	70
to acquit	46	to adopt	71
an acre	r 46	to adore	72
an action in Law	r 47	to adorn	73
an act	r 48	to advance	74
acrimony	r 48	an advantage	r 74
acute	q 49	to adventure	75
A before D.			
An adage	r 50	advent	r 76
an adamant	r 51	an adverb	r re 77
to add	52	an adversary	p 78
an adder	r 53	adversity	r 79
adders tongue, herb	r 54	to advertize	80
an addice, Coopers instrument.	55	to advise	81
to addict	56	adulation	r 82
to address	57	adultery	r 83
to adhere	58	to adumbrate	84
adjacent	q 59	an advocate	p 85
an adjective	59	an advowson of a Church-	
adieu, or farewell	leb 60	living	r 86
to adjourn	61	adult, or burnt.	87
addle	q 62	to activate	87
adjument	r 63	A before F.	
an adjunct	q 64	Affable	q 88
to adjure	65	affaires, or businessse	r 89
an adjutant	p 65	to affect, or love	90
to administer	65	to affect in curiosity	91
		to affiance	92
		affinity	r 93
		to af-	

Figura 1. Exemplo da numeração que Beck atribuiu aos diferentes vocábulos, neste caso de palavras começadas por "A". Retirada de Beck, *The Universal Character...*, p. 55.

³¹⁹ As respetivas modificações gramaticais seriam representadas com o incremento de letras alfabéticas.

³²⁰ Beck considerou esta quantidade como a suficiente para se atingir um nível mínimo de comunicação.

³²¹ Edward Groves, *Pasilogia...*, pp.62-64.



3.2.3. Descartes

Descartes em 1667 também terá referido e discutido numa das suas cartas a um amigo³²² outro método elaborado por um autor anónimo, desta vez de nacionalidade francesa.

Este método é baseado em seis proposições relativas a uma linguagem universal, tratando a quarta da descrição da criação desta. Esta proposição é discutida por Descartes na sua carta, e assenta na premissa de que a dificuldade em aprender uma linguagem nova reside nas vicissitudes das diferentes gramáticas existentes, pelo que o método pela qual se deveria reger uma linguagem universal, seria inicialmente compor uma gramática nova, mais simples, sem a presença de palavras de formação irregular, e com a atribuição de determinados sufixos destinados a conjugar os diferentes conceitos existentes, tornando a aprendizagem desta nova linguagem simples para todas as nações³²³.

3.2.4. Becher

A respeito da linguagem universal, John Joachim Becher, de nacionalidade alemã, publicou em 1661 *Character pro notitia linguarum universali*, um tratado escrito em latim sobre aquilo que o autor afirma ser uma invenção nunca antes explorada. No entanto, segundo Groves, o método de Becher assemelha-se bastante ao apresentado anteriormente por Beck, transmitindo os diferentes vocábulos através de combinações dos algarismos árabes. A diferença para o projeto anterior reside no próprio arranjo dos números, que difere daquele apresentado por Beck, assim como a representação da pontuação³²⁴.

3.2.5. A obra de Dalgarno

O tratado de George Dalgarno³²⁵, apresentado em 1661, à semelhança dos projetos anteriores, apresenta um novo carácter universal, que os homens das diferentes nações poderiam aprender em relativamente pouco tempo, adquirindo a capacidade de comunicar entre si, tanto verbalmente, como por escrito. Intitula-se de *Ars Signorum vulgo*

³²² A carta era dirigida ao Reverendo Mersenne, e é referida em E. Groves, *Pasilogia...*, p. 58.

³²³ L. Couturat, L. Leau, *Histoire de la langue universelle...*, pp.11-14.

³²⁴ E. Groves, *Pasilogia...*, pp.64-65.

³²⁵ George Dalgarno (1626-1687), foi um pasígrafo escocês, que se dedicou a construir a sua própria linguagem filosófica. Gordon Goodwin, "Dalgarno, George", *Dictionary of National Biography 1885-1900*, Vol. 13, pp.389-390.



*Character Universalis et Lingua Philosophica*³²⁶, e aqui o princípio pelo qual Dalgarno rege a sua linguagem universal difere dos seus predecessores. O método que aplica é o de uma classificação lógica de todos os conceitos existentes, dividindo estes em 17 classes distintas de conceitos, acrescentadas de três classes denominadas de auxiliares, servindo para a atribuição de significados de oposição, extremos, e a atribuição de nomes próprios.

A - Seres, coisas	I - Seres concretos	U - Homem	B - Acidentes matemáticos
H - Substâncias	O - Corpo	M - Conceitos Matemáticos	D - Acidentes físicos
E - Acidentes	Y - Espírito	N - Conceitos físicos	G - Qualidades sensoriais
P - Acidentes sensoriais	T - Acidentes racionais	K - Acidentes políticos	S - Acidentes comuns

Quadro 10 - Classes de Dalgarno.

Cada uma das classes de conceitos dividir-se-ia em subclasses associados à mesma. Para a representação das classes, Dalgarno atribuía letras maiúsculas, e trataria de compor as respetivas subclasses com variações da segunda letra. Por fim, cada subclasse seria composta pelas respetivas palavras associadas, sendo estas compostas por um total de três letras.

3.2.6. Kircher

Athanasius Kircher terá publicado em 1663 *Polygraphia Nova et Universalis*³²⁷, na qual este apresenta um completo esquema de uma linguagem universal. À semelhança do exemplo anterior do espanhol anónimo, a notícia deste esquema foi apresentada por Gaspar Schott na sua *Technica Curiosa*³²⁸. Groves, ao analisar o comentário de Schott, interpreta que este método clamava tornar possível a qualquer pessoa sem conhecimento de linguagens estrangeiros comunicar com pessoas de qualquer nação e dialeto, recorrendo a “uma peculiar tecnologia artificial”, e a um carácter secreto composto num estilo de escrita misterioso³²⁹.

Na verdade, esta obra foi publicada por Kircher no seguimento de um pedido que lhe fizeram para a criação de uma cifra diplomática. Após a publicação desta cifra, Kircher decidira adaptar a mesma, para a criação de uma linguagem universal.

³²⁶ George Dalgarno, *Character Universalis et Lingua Philosophica*, Londres, [n.p.], 1661.

³²⁷ Athanasius Kircher, *Polygraphia Nova et Universalis, Ex Combinatoria Arte Detecta Qua Quiuis etiam Linguarum quantumuis imperitus triplici methodo*, Roma, Typographia Varesius, 1663.

³²⁸ Gaspar Schott, *Technica Curiosa, Sive Mirabilia Artis*, [n.p.], Typographus Herbipol, 1687, pp.482-895.

³²⁹ E. Groves, *Pasilogia...*, pp.68-69.

Na sua *Polygraphia*, Kircher apresenta o seu esquema para uma linguagem universal escrita, onde apresentou um vocabulário com cerca de 1600 palavras, dando exemplos da sua utilização em cinco idiomas, latim, italiano, francês, espanhol e alemão³³⁰.

À semelhança do sistema proposto por Becher, a base do sistema proposto consistia em dispor as diferentes palavras de cada linguagem em colunas, atribuindo a cada uma um número, que seria sempre o mesmo para todas as linguagens.³³¹ Kircher acrescenta que este sistema, para além de poder servir como ferramenta para a comunicação universal, poderia ainda servir como método de criptografia.

Mirabilium Graphicorum.				509	
B.				D.	
Bacca	6	Berle	6	Dart	9
Bacchus	7	Gott des Weins	7	Berlegen	29
Baculus	8	Stec	8	Berle	6
Barba	9	Dart	9	Blind	14
Baro	10	Freyherr	10	Don	26
C.				E.	
Caballus	11	Pferd	11	Erdens Tisch	2
Cacabus	12	Kessel	12		
Cadere	13	Fallen	13	D.	
Cæcus	14	Blind	14	Der	39
Comedere	15	Essen	15		
D.				E.	
Dama	16	Bemb	16		
Daphnis	17	Lorberbaum	17	Ehfen	27
Debilis	18	Schwach	18	Edelstein	33
Demum	19	Leslich	19	Erd	36
Deorsum	20	Niederlich	20	Essen	15
E.				F.	
Ebur	21	Elfenbein	21		
Ecclesia	22	Kirche	22	Fabel	37
Equus	23	Pferd	23	Fallen	13
Ergata	24	Aufzug	24	Feste	5
Esurire	25	Hungern	25	Fresser	28
F.				Freyherr	10
Faba	26	Bort	26	Frdlich	40
Fabula	27	Fabel	27		
Facies	28	Angesicht	28	G.	
Fallere	29	Berlegen	29	Bemb	16
Fama	30	Geschrey	30	Geschrey	30
				Gott des Weins	7

Figura 2- Exemplo da numeração atribuída por Kircher aos diferentes vocábulos. A primeira coluna corresponde ao léxico latim, e a segunda e a terceira ao léxico alemão. Retirada de Kircher, *Polygraphia nova...*, p. 509.

³³⁰ John Edward Fletcher, *A Study of the Life and Works of Athanasius Kircher, "Germaius Incredibilis": With a Selection of His Unpublished Correspondence and an Annotated Translation of His Autobiography*, Brill, 2011, p. 167.

³³¹ *Ibidem*, p. 167.



3.2.7. O Carácter Real de John Wilkins

Um trabalho importante para a história da linguagem universal, inserido na lista de referências que Dantas Pereira utilizou para o seu próprio modelo pasigráfico, foi o do eclesiástico e cientista John Wilkins³³². Na sua obra, *An Essay Towards a Real Character and a Philosophical Language*, Wilkins propõe expor uma nova linguagem universal, o que vai de encontro aquilo que constitui o foco de uma pasigrafia, e que terá sido naturalmente do interesse de Dantas Pereira para estudar.

O Bispo John Wilkins desenvolveu em 1668 *An Essay towards a Real Character, and a Philosophical Language*, obra extensa, na qual este concebeu uma linguagem filosófica³³³ e uma pasigrafia ideográfica, o Carácter Real³³⁴. A ideia principal consistiu em conceber um vocabulário onde, à semelhança do seu predecessor Dalgarno, dividiu todos os conceitos em 40 “géneros”, utilizando uma classificação lógica. Cada um destes géneros era caracterizados por duas letras específicas, sendo que cada género se dividia num certo número de *diferenças*, classificadas por uma consoante, e que por sua se dividiam em espécies, caracterizadas por uma vogal. Veja-se o seguinte exemplo: *de* significa elemento, *deb* significa o primeiro dos elementos, fogo; e por fim *deba*, significa uma parte do elemento fogo, uma chama.³³⁵

Wilkins terminou a obra com um dicionário inglês, associando a cada palavra as letras correspondentes ao seu género, diferença e respetiva espécie.

Esta linguagem, apesar de operar sobre o mesmo princípio fundamental da de Dalgarno, a classificação lógica, foi a que Leibniz, um filósofo, mais tarde considerou mais relevante de entre todas que tinham sido propostas, e a qual com que se inspirou para redigir a sua própria obra.

O pensador que iria influenciar o século XVIII no que toca à linguagem universal seria Leibniz³³⁶.

³³² John Wilkins (1614-1672), bispo de Chester, foi um eclesiástico anglicano, filósofo natural e membro fundador da Sociedade Real, em Londres. Francis Sanders, *Dictionary of National Biography, 1885-1900*, Volume 61, p. 264, [https://en.wikisource.org/wiki/Wilkins,_John_\(DNB00\)](https://en.wikisource.org/wiki/Wilkins,_John_(DNB00)), consultado em fevereiro de 2018.

³³³ O termo linguagem *filosófica* era na altura utilizado em vez de linguagem universal.

³³⁴ L. Couturat, L. Leau, *Histoire de la langue universelle...*, p.19.

³³⁵ *Ibidem*, p.21.

³³⁶ J. M. F. Cepedal, “Lengua universal...”, p.45.



3.2.8. Leibniz e a sua *Characteristica universalis*³³⁷

Leibniz, matemático e filósofo do século XVIII³³⁸, apoiou-se nas obras de Dalgarno e Wilkins, tendo manifestado um grande interesse pelo último³³⁹.

O objetivo³⁴⁰ de Leibniz era o de criar, não só uma língua que permita expressar o pensamento, mas que sirva como um completo “instrumento da razão”³⁴¹. Para isto, as palavras devem tanto traduzir a definição das ideias, como a sua conexão, de tal forma que as ideias se possam deduzir através de transformações algébricas, substituindo o raciocínio pelo cálculo³⁴².

As pasigrafias anteriores de Wilkins e Dalgarno com que o matemático alemão se tinha cruzado, eram projetos simples, e rudimentares, mais correspondentes a sistemas de escrita convencionais, análogos a códigos telegráficos ou cifras diplomáticas, onde a ligação entre palavras e números seria completamente arbitrária e artificial³⁴³. Leibniz considerou que estes trabalhos tinham como principal falha a falta de qualquer base filosófica ou lógica, e cujo interesse seria meramente prático.

Apesar de Leibniz considerar os projetos anteriores de engenhosos, apontou-lhes algumas limitações devido às razões indicadas anteriormente, nomeadamente: a ambiguidade dos termos, que poderiam ter diferentes significados em idiomas diferentes; a falta de sinónimos precisos; a diversidade de sintaxes e a constante necessidade de se consultar um dicionário, devido à impossibilidade de memorizar os números referentes a todas as palavras de um idioma.³⁴⁴

A escrita universal que Leibniz visionara, seria, ao contrário das anteriores, “extremamente simples de se aprender, e fácil de reter, pois assentaria numa fundação

³³⁷ Uma descrição detalhada dos estudos realizados por Leibniz encontra-se em L. Couturat, L. Leau, *Histoire de la langue universelle...*, pp.23-28.

³³⁸ Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) foi um filósofo alemão, tendo sido reconhecidos pelos seus trabalhos importantes em diversas áreas, como a matemática, física, filosofia, entre outros. Brandon Look, “Gottfried Wilhelm Leibniz”, *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, edição do verão de 2017, 2017, <https://plato.stanford.edu/entries/leibniz/#Life>, acessado em fevereiro de 2018.

³³⁹ Louis Couturat, *La logique de Leibniz*, 1901, Paris, Ancienne Librairie Germer, p.59 <https://archive.org/details/lalogiquedeleib00coutgoog>, acessado em fevereiro de 2018.

³⁴⁰ Ao contrário dos restantes projetos que se apresentam na presente dissertação, Leibniz não publicou nenhuma obra em específico sobre o seu projeto de uma linguagem universal. No entanto, este terá sido um tema que o filósofo se terá debruçado durante toda a sua vida profissional, tendo publicado vários textos dispersos sobre o assunto. Estes textos poderão ser encontrados na obra anteriormente referida de Couturat, *La logique de Leibniz*.

³⁴¹ L. Couturat, L. Leau, *Histoire de la langue universelle...*, p.23.

³⁴² *Ibidem*, p.23.

³⁴³ Louis Couturat, *La logique de Leibniz...*, p.54.

³⁴⁴ *Ibidem*, p.54.



lógica, nomeadamente, a completa análise de todos os conceitos e a sua redução a termos simples”³⁴⁵

Numa carta a Oldenburg, seu correspondente, Leibniz define o seu projeto, explicando o que para ele, significava a sua *characteristica universalis*.

Leibniz idealizara uma linguagem universal que também fosse um cálculo, uma espécie de álgebra do pensamento³⁴⁶. Para tal, bastaria pensar que: visto que todos os conceitos são combinações de ideias simples, e a composição de conceitos é semelhante à composição de número através de números primos, seria natural tomar os números primos como símbolos para as ideias simples, e utilizar a sua multiplicação para representar os conceitos formados por estas. Um exemplo simples, se representarmos *animal* por 2; *racional* por 3; e *homem* por 6; dando a igualdade numérica $6 = 2 \times 3$, obter-se-ia a igualdade lógica de *homem = animal x racional*³⁴⁷.

Este era o princípio do primeiro cálculo lógico que Leibniz concebeu, pelo qual tomou como base do seu plano para uma linguagem universal.

O método consistiu em representar as primeiras nove consoantes (b, c, d, f, g, h, l, m, n) pelos primeiros nove números significativos, e a cinco vogais (a, e, i, o, u) pelos respetivos múltiplos de 10, em ordem crescente (1, 10, 100, 1000, 10000). Seguindo o exemplo de Dalgarno, poderia aumentar a série com recurso a ditongos. Por forma a enunciar ou a escrever um número, bastaria utilizar as consoantes respetivas, seguidas pelas vogais que indicam o respetivo múltiplo de 10. A título de exemplo temos o número 81374, que seria escrito e pronunciado *mubodilefa*.

Leibniz valorizava o facto de a ordem das sílabas não interferir com o valor do número, pelo que por exemplo, a palavra *bodifalemu*, representaria o mesmo valor:

$$1000 + 300 + 4 + 70 + 80000^{348}$$

Após este sistema inicial, Leibniz assumiu que seria necessário elaborar um vocabulário e uma gramática. Para tal, era necessário analisar todas as ideias do espírito humano, reduzi-las aos seus elementos simples, e catalogar estas. Para compor uma gramática racional, seria necessário estudar as gramáticas das linguagens naturais, para desta forma desmembrar todas as diferentes relações que as ideias podem ter. Este trabalho duplo, de analisar a lógica das palavras e das formas gramaticais, ocuparam

³⁴⁵*Ibidem*, p.54.

³⁴⁶*Ibidem*, p.54.

³⁴⁷*Ibidem*, p.62.

³⁴⁸*Ibidem*, p.62.



bastante Leibniz, no entanto, este não o conseguiu terminar, pelo que a sua *Linguagem Filosófica* terá ficado no estado de projeto teórico.

3.2.9. Kalmar

Oriundo de nobreza húngara, George Kalmar terá publicado em 1772 o seu próprio tratado que considerara com um possível “órgão de comunicação com pessoas de qualquer nação sobre todos os assuntos da vida”³⁴⁹. O autor começara por escolher cerca de 400 símbolos que serviriam como os caracteres primitivos. Recorrendo a linhas e pontos para unir estes, seria capaz de representar de forma curta e significativa todas as combinações de pensamento requeridas para discutir qualquer assunto³⁵⁰.

3.2.10. Thomas Northmore

O trabalho de Northmore assume uma vital importância no presente estudo, pois os contributos deste são posteriormente mencionados por Dantas Pereira³⁵¹.

O sistema de Northmore, destinado a ser utilizado tanto escrito como vocalmente, assenta na utilização de algarismos árabes. Atribuindo um ou mais algarismos a cada radical, ou palavra considerada útil, e complementando estes com determinados símbolos para representar todas as alterações gramáticas possíveis, Northmore afirma que consegue cobrir toda a gama de palavras necessárias para a comunicação. O autor afirma que para tal feito bastariam cerca de 10000 palavras e 20 símbolos gramaticais. Para vocalizar este sistema, Northmore propõe que cada algarismo seja correspondido com um som monossilábico, e de fácil pronúncia, de forma a que todos combinassem fluentemente

1.—5, present tense,	<i>see.</i>	10.— $\ddot{6}$, dative,	<i>to a man</i>
2.—.5, perfect tense,	<i>saw.</i>	11.— $\widehat{6}$, feminine,	<i>woman.</i>
3.—:5, perf. part.,'	<i>seen.</i>	12.—+6, plural,	<i>men.</i>
4.—5:, present part.,	<i>seeing.</i>	13.—7, positive,	<i>happy.</i>
5.—5., future,	<i>will see.</i>	14.— $\overset{\wedge}{7}$, comparative,	<i>happier.</i>
6.—5, substantive,	<i>sight.</i>	15.— $\overset{\wedge}{7}$, superlative,	<i>happiest.</i>
7.— <u>5</u> , personal substant.	<i>spectator.</i>	16.—-7, negative,	<i>unhappy.</i>
8.—6, nominative,	<i>man.</i>		
9.— $\ddot{6}$, genitive,	<i>of a man.</i>		

³⁴⁹ Traduzido para português, tendo sido retirado de E. Groves, *Pasilogia...*, p.73.

³⁵⁰ *Ibidem*, p. 74.

³⁵¹ Na verdade, temos conhecimento disto pela transcrição do *Monthly Review* que é feita na *Memória*, onde são referidos os contributos de Northmore para a pasigrafia. Isto leva-nos a afirmar que à data do seu trabalho, Dantas Pereira teria conhecimento do modelo proposto pelo inglês, bem como de outras pasigrafias que também utilizavam algarismos árabes.

entre si. Segundo este esquema, seriam suficientes cerca de 30 ou 40 sílabas para formar toda a linguagem falada. Mais tarde, o autor viria a propor uma abreviação do mesmo sistema, reduzindo o número de caracteres para onze.

Figura 3 - Exemplo do sistema proposto por Northmore. Retirado de: Edward Groves, Pasiologia..., p. 75.

Fazendo corresponder aos números, 5, 6, e 7, os significados de *ver*, *um homem*, e *feliz*, conseguimos perceber que Northmore, através da combinação de um algarismo com um determinado símbolo pasigráfico, conseguia transmitir várias ideias através do mesmo número³⁵².

Conforme iremos ver adiante, o sistema proposto por Dantas Pereira também se baseava na utilização de algarismos, no entanto, o português refere que apenas teve conhecimento do trabalho de Northmore após a conceção do seu próprio sistema³⁵³.

3.2.11. A pasigrafia de Wolke

Os contributos de Christian Heinrich Wolke geram alguma controvérsia quanto à informação extraída por Dantas Pereira tanto do *Annual Register*, como do *Monthly Review*. Conforme iremos ver quando analisarmos a *Memória* escrita pelo nosso biografado, estas duas publicações levam o nosso biografado a atribuir o aparecimento da palavra *pasigrafia* ao francês de Maimieux, com a sua obra de 1797, *Pasigraphie, Premiers Éléments du Nouvel Art-Science*. No entanto, através da compilação realizada por Groves acerca dos estudos realizados quanto à linguagem universal, viemos a descobrir que no mesmo ano, Wolke publicara um plano de uma linguagem universal, apelidando este também de pasigrafia³⁵⁴. Este plano funcionaria “by means of which the mutual interchange of thoughts among all the civilized nations of the entire world would be possible and easy, without the necessity of acquiring the knowledge of any other language”.

À semelhança das anteriores, esta pasigrafia de Wolke serve o mesmo propósito de criar um método simples e prático de comunicação internacional. Novamente, o que distingue este método no que toca à nossa investigação do trabalho de Dantas Pereira, é que este é muito semelhante na sua metodologia.

³⁵² Este exemplo foi retirado de E. Groves, *Pasiologia...*, p. 75.

³⁵³ J. M. D. Pereira, *Memoria sobre hum projecto de Pasigraphia...*, p.26.

³⁵⁴ Christian Heinrich Wolke, *Erklärung, wie die wechselseitige Gedankenmittheilung aller cultivirten Völker des Erdkreises, oder die Pasiphraſie möglich und ausüblichsey, ohne Erlungung irgend einer neuer besondern, oder einer allgemeinen Wort-schrift-oder Zeichen-Sprache, von C. H. Wolke, Dessau, [n.p.], 1797.*

Segundo Wolke, este trabalho começa por criar um dicionário o mais completo possível, constituído naturalmente por palavras, assim como frases específicas, que representem na totalidade todos os objetos de natureza, arte, comércio, produção, ciência, ocupações, religião, nações, arquitetura, etc. Findo este projeto, passaria por enumerar neste dicionário estas palavras por ordem alfabética. A fase seguinte passaria por transcrever este dicionário por os demais idiomas estrangeiros, e renumerar os respetivos dicionários.

Para depois criar um método de pesquisa rápido, Wolke propõe a criação de um índice geral, onde se correspondesse a ordenação original das palavras do dicionário de referência com a página, e o número da palavra estrangeira correspondente de acordo com o seguinte exemplo:

B	A		C	
French.	German.		English.	
	Page	word.	Page	word.
1	5	65	26	94
2	46	83	875	11
3	89	12	7	52
4	3	9	62	68

Figura 4 - Exemplo do índice de Wolke

Aqui temos um exemplo do índice do Wolke³⁵⁵. Conforme podemos ver, a ideia de Wolke era de criar um índice de procura rápida para os diferentes dicionários pasigráficos contemplados. Por exemplo, olhando para o exemplo deste índice, sabemos que o significado da palavra associada ao número 1 no dicionário pasigráfico francês, estaria na quinta página do dicionário alemão, e seria associada ao número 65 neste dicionário; de igual modo encontrar-se-ia na página 26 do dicionário inglês, associada ao número 94.

³⁵⁵ Este exemplo foi retirado de E. Groves, *Pasilogia...*, p. 79.



3.2.12. A gama pasigráfica de Joseph de Maimieux

Conforme referido anteriormente, ao lermos a *Memória* de Dantas Pereira, obtivemos a ideia de que o nosso biografado, influenciado pela informação difundida pelos periódicos *Annual Register e Monthly*, atribui o aparecimento do conceito de pasigrafia a Joseph de Maimieux³⁵⁶. A obra intitula-se de *Pasigraphie – Premiers Éléments du Nouvel Art-Science, D’Écrire et d’Imprimer en Une Langue de Manière a être lu et entendu Dans Toute Autre Langue sans traduction*. Conforme o título indica, esta obra destinava-se a dar a conhecer os primeiros elementos de uma nova ciência, a pasigrafia. Na sua obra, Maimieux começa por enunciar a etimologia do termo pasigrafia, e a explicar qual o propósito desta “nova ciência”.

“Deux personnes de divers pays ne savent chacune que leur idiome; eles apprenent à le *pasigrapher*”³⁵⁷

De facto, aqui o termo pasigrafia é utilizado para designar um sistema de comunicação escrita que permita a qualquer pessoa, sem necessidade de conhecimento de qualquer outro idioma, consiga comunicar com outra pessoa de qualquer outro país. Este é o objetivo principal da construção de uma pasigrafia. Com esta ideia presente, podemos afirmar que uma pasigrafia constitui na verdade um algoritmo, cuja função final é a comunicação.

Maimieux compara a pasigrafia a outras formas de comunicação universal, já existentes na altura, como a aritmética, representada pelos algarismos, os símbolos da química, e a própria música; elementos compreensíveis por pessoas desde “S. Petersburgo a Malta, Madrid a Pera, de Londres e Paris a Filadélfia ou à ilha de Bourbon.”³⁵⁸

Continua por enumerar as vantagens da introdução da pasigrafia como forma de comunicação, dividindo-as em cinco:

1. Um aumento na comunicação social e comercial entre povos;
2. Uma espécie de glossómetro, adequado para corrigir e melhorar as traduções literárias;

³⁵⁶ Joseph de Maimieux (1753 – 1820) foi um nobre francês, Major de Infantaria na Alemanha, que regressou à França no ano em que publicou a obra da sua pasigrafia, 1827.

³⁵⁷ Joseph Maimieux, *Pasigraphie ou premiers Éléments du Nouvel Art-Science*, 1797, 1ª Edição, Paris, Bureau de la Pasigraphie, p.1.

³⁵⁸ Na obra em francês “Sont également intelligibles de Pétersbourg à Malthe, de Madrid à Péra, de Londres et de Paris à Philadelphie ou à l’isle de Bourbon.” *Ibidem*, p.1.

3. Maior rapidez, facilidade, economia, confidencialidade e de segurança nas operações diplomáticas, militares, civis e de negócios;
4. Uma notoriedade mais uniforme no que toca à humanidade
5. E por fim a criação de um grande número de cargos ligados à pasigrafia, enumerando professores, mestres, gravadores e impressores”³⁵⁹.

Após esta nota introdutória, Maimieux expõe os elementos constituintes da sua pasigrafia. O primeiro elemento trata-se do conjunto de caracteres a utilizar. A pasigrafia

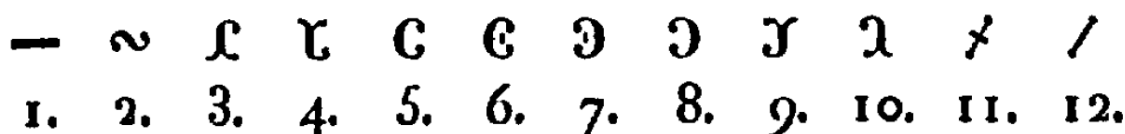


Figura 5 - Gama Pasigráfica de Maimieux

de Maimieux é composta por doze caracteres, estes não devem possuir nem a forma, destino, ou valor convencionalmente atribuídos a quaisquer letras de qualquer alfabeto existente. Formam a designada “gama pasigráfica”³⁶⁰;

O segundo elemento é um conjunto de doze regras gerais, que devem ser aplicáveis a todas as línguas e dialetos existentes, sendo que não poderão admitir exceções³⁶¹.

O terceiro elemento consiste na pontuação, que deve ser aquela utilizada na Europa.

Analisando este sistema sinteticamente, podemos comprovar que o sistema de Maimieux consistiu na criação de novos símbolos, os quais, através de regras universais, são agrupados em formas específicas, formando um vocabulário de conceitos, utilizados para comunicar sem a necessidade de saber mais do que apenas um idioma.

Os doze caracteres combinavam-se por forma a expressar diferentes três tipos de palavras.

Quando se tratava de combinações de três símbolos, eram palavras exclamativas e conetivas de uso corrente; as de quatro caracteres eram de ideias e objetos de uso comum, e as de cinco caracteres eram os termos de artes e de investigação científica. Cada um destes tipos de palavras dá origem a uma tabela: Os de três caracteres ao “Indicule”;

³⁵⁹ *Ibidem*, p.2.

³⁶⁰ *Ibidem*, p.2.

³⁶¹ *Ibidem*, p.2.

a “Pequena Nomenclatura” formada pelas palavras de quatro caracteres; e a “Grande Nomenclatura” pelos de cinco caracteres.

3.2.13. A análise de Vater³⁶²

Em 1799, um ano antes da publicação da *Memória* de Dantas Pereira, o filólogo e teólogo alemão Severin Vater, de nacionalidade alemã, publicou em ensaio intitulado de *Pasigraphie und Antipasigraphie*. Aqui o autor faz um exame e análise a alguns trabalhos anteriores acerca deste tema, nomeadamente os trabalhos de Wolkens, Leibniz, Wilkins e de Kalmar. No entanto, o autor analisa detalhadamente a pasigrafia de Maimieux, pelo que a sua própria sugestão para uma pasigrafia consiste numa melhoria do trabalho do francês. Vater propõe simplificar o sistema proposto por Maimieux, trocando a sua gama pasigráfica por algarismos árabes, e criando uma série de caracteres novos para substituir aqueles utilizados por Maimieux para representação das alterações dos radicais das palavras.

3.2.14. Hourwitz³⁶³

Zalkind Hourwitz³⁶⁴ publicou em 1800 *Polygraphie, ou l'Art de Correspondre a l'aide d'un dictionnaire, dans toutes les langues*³⁶⁵. Neste ensaio, o autor polaco clama fornecer um método que possibilitará a qualquer um comunicar com outra pessoa de outra linguagem, mesmo que o idioma do correspondente não seja expresso através de caracteres alfabéticos. Para tal objetivo Hourwitz propõe à comunidade científica Europeia que se eleja o mais completo e rigoroso dicionário de latim que exista, para depois se proceder à reimpressão deste mesmo dicionário para os idiomas respetivos de cada nação. Cada nação ficaria um dicionário dividido em duas partes: Latim-Idioma Nacional e Idioma Nacional-Latim.

³⁶² Uma análise mais pormenorizada do trabalho de Vater encontra-se em E. Groves, *Pasilogia...*, pp.80-81.

³⁶³ O modelo aqui descrito encontra-se mais detalhadamente descrito em *Ibidem*, pp.81-83.

³⁶⁴ Zalkind Hourwitz (1751-1812) foi um jornalista, ativista político, e autor de nacionalidade polaca. Para além de diversos cargos importantes que desempenhou ao longo da sua vida, aquele que se destaca para o nosso estudo em questão é o de intérprete na Biblioteca Real Francesa. Frances Malino, “Hourwitz, Zalkind”, *YIVO Encyclopedia of Jews in Eastern Europe*, Agosto de 2010, http://www.yivoencyclopedia.org/article.aspx/Hourwitz_Zalkind, consultado em abril de 2018.

³⁶⁵ Zalkind Hourwitz, *Polygraphie, ou l'Art de Correspondence a l'aide d'un dictionnaire, dans toutes les langues, même das celle dont on ne possede pas seulement les lettres alphabetiques*, Paris, À custa do autor, 1800, disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k930519v/f3.image>, consultado em maio de 2018.



Findo este processo, todas as palavras da primeira parte do dicionário seriam numeradas alfabeticamente, e corresponder-se-ia este número às respectivas palavras presentes na segunda parte do dicionário. O sistema seria ainda composto por determinados símbolos pasigráficos, que serviriam para indicar modificações às palavras, como por exemplo o género, quantidade e conjugações³⁶⁶.

Estando este projeto concluído, para comunicar com esta metodologia bastava escrever com recurso a algarismos, e os referidos símbolos pasigráficos, e socorrer-se do respetivo dicionário para se retirar os respetivos significados.

Esta obra, à semelhança da *Memória* do nosso biografado, também foi publicada em 1800, e conforme iremos comprovar, utiliza uma metodologia muito semelhante àquela utilizada por Dantas Pereira na sua própria pasigrafia.

3.2.15. Anderson³⁶⁷

Considerámos pertinente mencionar aqui os contributos de James Anderson, na medida em que o sistema proposto por este difere bastante daqueles anteriormente mencionados. Anderson não utiliza nem caracteres alfabéticos, nem algarismos no seu projeto para uma linguagem. Ao invés disso, o jornalista escocês opta por utilizar como base para o seu sistema uma linha vertical, como a letra I. A partir de diversas variações a esta linha, anexando pequenas linhas horizontais ou oblíquas junto à linha base³⁶⁸, Anderson admite produzir cerca de 5600 caracteres diferentes com as diferentes combinações que utiliza. Na opinião do autor, este número é suficiente para suprir as necessidades básicas da comunicação³⁶⁹.

3.3. O Impacto da Revolução Francesa

O período onde houve maior difusão de projetos de linguagens universais foi durante os séculos XVII e XVIII, tendo especial incidência na Inglaterra, França e

³⁶⁶ O total de regras gerais que ditam o sistema de Hourwitz são 11, e encontram-se dispostas na sua obra, das páginas 5 a 7. *Ibidem*, pp. 5-7.

³⁶⁷ Novamente, para uma análise mais detalhada da linguagem proposta por Anderson veja-se E. Groves, *Pasilogia...*, pp.83-84.

³⁶⁸ Na sua obra, Anderson afirma que varia o seu carácter primário, I, colocando uma, duas, ou três linhas horizontais, inicialmente no lado esquerdo, e depois passando para o lado direito. Combinando depois diferentes caracteres, e alterando a orientação de algumas linhas horizontais para oblíquas, é que Anderson atinge o valor referido de 5600 caracteres distintos. E. Groves, *Pasilogia...*, p.83.

³⁶⁹ *Ibidem*, p.83.



Alemanha³⁷⁰. Podemos constatar este facto analisando os anos de publicação das obras que antecederam a *Memória* que estamos a estudar. No entanto, é sobretudo a partir de 1790 se dá uma maior importância ao assunto da reforma da linguagem, fruto da época revolucionária em que se vivia, a Revolução Francesa. José Cepedal afirma que para explicar este incremento na atenção dada a este assunto é necessário abordar o tema em duas dimensões:

horizontalmente, o interesse por uma linguagem universal é solidário para com as reformas políticas, administrativas e científicas empreendidas pelos homens da revolução; verticalmente, o tema insere-se numa controvérsia mais ampla, que tem a sua génese na tradição filosófica dos séculos XVII e XVIII que estala neste momento, devido à convergência de diferentes questões³⁷¹.

Por forma a compreender de que forma a Revolução Francesa reavivou a atenção dada ao estudo do conceito de linguagem universal, deve-se primeiro começar por tratar daqueles que foram os objetivos desta revolução.

A revolução francesa surge no final do século XVIII, como uma transformação daquela que era uma governação monárquica absolutista, para uma república democrática, defendendo os novos princípios iluministas da *Liberté, Égalité e Fraternité*.

Tendo em conta o espetro do tema em questão, não iremos detalhar aquelas que foram as mudanças políticas e sociais que a Revolução provocou, mas antes, destaquemos as reformas que tomaram lugar na França.

Segundo Cepedal, os homens da revolução estavam comprometidos com uma organização do país “planificada e racional”, de acordo com os princípios da *Liberté, Egalité, e Liberté*.³⁷² Os objetos desta planificação que mais influenciaram o tema da uniformização foram: a instrução, que passou a ser planeada através de um único método, o método ideológico, e apoiada numa gramática geral; a administração, que passou por dividir a França em 83 partes homogéneas; a uniformização do sistema monetário e dos impostos; e as primeiras tentativas da criação do código civil. Esta uniformização tanto a nível educacional, bem como a nível administrativo e político, tornaram possível a “estandardização dos pesos e medidas, bem como a adoção dos sistemas métrico e decimal”³⁷³.

³⁷⁰ J. M. F. Cepedal, “*Lengua Universal...*”, p.1.

³⁷¹ Traduzido do autor, retirado de *ibidem*, p.1.

³⁷² *Ibidem*, p.1.

³⁷³ *Ibidem*, p.1.



Foram estas medidas de uniformização que levaram a que outro processo tivesse lugar, a unificação e expansão da língua francesa³⁷⁴.

Esta tentativa de tornar o idioma francês unificado passou por algumas medidas tomadas pelo governo, pelo que um decreto de 14 de março de 1790 declarava que a publicação de todos os decretos da recém-formada Assembleia teriam de ser publicados em todos os idiomas (entenda-se dialetos) falados nas diferentes partes da França, e difundidos para os países vizinhos, Alemanha e Inglaterra. Esta tentativa, apesar de ter funcionado a nível externo, falhou internamente, face às dificuldades inerentes em difundir os documentos num francês idêntico por todo o país, quando estavam em vigor vários dialetos, “patois”³⁷⁵, espalhados por todo o país.

La lengua universal, que durante el siglo XVII era contemplada por algunos pensadores como un instrumento para llevar la palabra de Dios a todas las naciones y unir a los hombres en cristiana armonía (la Grammatica Catholica), deberá servir ahora para difundir los ideales de la revolución³⁷⁶.

Portanto podemos comprovar que de facto, um dos principais motivos para o surgimento de trabalhos associados à criação de uma língua universal no final do século XVIII surgem no seguimento da transmissão dos princípios da Revolução Francesa.

Na verdade, encontramos testemunhos de elogios realizados ao trabalho de Maimieux, que prezavam o valor potencial que o seu projeto de pasigrafia poderia ter na difusão dos princípios da revolução a nível internacional³⁷⁷. Nesta época um determinado grupo de pensadores passou a prestar mais atenção à questão da linguagem universal. Tal como Cepedal afirmou, nem todos defenderam a sua possibilidade, muito menos se aventuraram a concetualizá-la, no entanto, este passou um tema de debate e discussão assíduo dos ideologistas revolucionários, face à sua relação com a corrente de pensamento em vigor, difusão desta, e também face à questão filosófica que levantava.

³⁷⁴ *Ibidem*, p.1.

³⁷⁵ Cepedal destaca o bretão, “bearnês e vascuense”.

³⁷⁶ *Ibidem*, p.2.

³⁷⁷ Cepedal dá-nos um exemplo destes elogios: “De igual modo Garat, en su discurso al *Conseil des Anciens* de 1798, hacía el elogio de la pasigraphie de Maimieux, un invento que podría extender los conceptos de la revolución a todo el mundo, un instrumento de la revolución pacífica y un arma de la moderación para ser utilizada contra la ignorancia y la pasión”. *Ibidem*, p. 44.



3.4. Memória sobre um Projeto de Pasigrafia

Começamos agora por apresentar os conteúdos da *Memória* que o nosso biografado decidiu escrever.

Dantas Pereira começa por referir as limitações inerentes logo à partida para tal sistema. Começa por avançar que tornar uma língua viva universal é um desafio que logo à partida se revela impossível, face à “inércia do comportamento, a limitação mental dos povos, e o amor próprio dos falantes das restantes línguas”³⁷⁸. Isto é visível no primeiro parágrafo do corpo do texto:

Pertender que huma língua viva se torne universal he cousa, que basta para fazer impossível a opposição, que experimentará sempre da parte da inercia e amor proprio de todas as outras; por quanto aliás se conheça precioso o uso geral de hum só idioma, bem como o de huma unica medida, de huma só moeda e mais semelhantes³⁷⁹.

Continua ao afirmar que seria inútil introduzir um sistema de linguagem universal, independentemente de este ser o mais perfeito possível, pois “o homem, que for estreito em relações dirá sempre, importa-me apenas entender os meus vizinhos.”³⁸⁰.

Não obstante, apesar de Dantas Pereira considerar este projeto “quase quimérico”³⁸¹, ele propõe uma solução, que apesar de imperfeita, é prática.

O sistema proposto tem uma base relativamente simples, sendo o objetivo uma “comunicação rápida e fácil entre falantes de línguas diferentes”³⁸². Consiste essencialmente em atribuir um determinado sinal a todas as palavras de um pré-definido idioma de referência. Para o tipo de sinais a utilizar, Dantas Pereira escolheu a numeração árabe, afirmando que esta consiste na “base mais natural, e facil do nexu commum dos mesmos idiomas”³⁸³.

Para a escolha daquele que seria o idioma de referência para a construção do sistema, Dantas Pereira deparou-se inicialmente com o dilema de escolher entre uma língua viva ou uma língua morta. Por um lado, defende que a utilização de uma língua

³⁷⁸ J. M. Curado, “Utopia da Tradução Universal”, *E-topia: Revista electrónica de estudos sobre a utopia*, Porto, Universidade do Porto Faculdade de Letras, 2005, disponível em <http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/revista/index.htm>, consultado em dezembro de 2017.

³⁷⁹ J. M. Dantas Pereira, *Memoria sobre hum projecto de Pasigraphia...*, p.1.

³⁸⁰ *Ibidem*, p.2.

³⁸¹ *Ibidem*, p.3.

³⁸² J. M. Curado, “Utopia...”.

³⁸³ J. M. Dantas Pereira, *Memoria sobre hum projecto de Pasigraphia...*, p. 4.



morta, como o latim ou o grego, evitaria “contendas” entre as existentes nações, que poderiam não aceitar que uma língua estrangeira fosse utilizada como referência, sugerindo superioridade em comparação com a sua própria língua. No entanto, descarta a utilização deste tipo de língua, pois considera que estas não são “taõ amplas em termos technicos de Officios, Artes e Sciencias, como as modernas”³⁸⁴, condição que é necessária para o dicionário de referência do sistema. Opta então por escolher uma língua viva, mais especificamente a francesa³⁸⁵, por esta ser “mais cultivada, e geral, e haver della um Diccionario assaz respeitavel”³⁸⁶.

De seguida, numerar-se-ia as palavras deste dicionário segundo a série natural dos números inteiros, de forma a criar uma tabela destes números, onde se corresponderia o português equivalente à palavra que a cada número correspondia. Isto iria gerar um vocabulário português que Dantas Pereira denominava de “Universo-Lusitano”³⁸⁷. Após este processo, escolher-se-ia um dicionário português³⁸⁸, donde se retiraria os sucessivos termos de cada palavra, aditando-lhe os números correspondentes a esses termos, por forma a criar o “vocabulário inverso” denominado de “Lusitano-universal”. Aplicando este trabalho aos restantes idiomas, iria ficar completo o trabalho inicial para conseguir utilizar o sistema.

Após esta explicação sucinta do sistema, é efetuada uma estimativa da dimensão com que cada vocabulário dos diferentes idiomas ficaria. Dantas Pereira estimou um valor aproximado de 60 folhas por vocabulário, com cada página contendo 240 palavras distribuídas por 4 colunas iguais. Isto, tendo em conta que foram assumidas cerca de 3000 palavras e supondo que as colunas dos números seriam ordenadas por um método semelhante àquele das tábuas logarítmicas de Callet ou de Taylor.³⁸⁹ Calcula estes valores

³⁸⁴ *Ibidem*, p. 6.

³⁸⁵ Conforme exposto atrás, um autor anterior a Dantas Pereira, Horwitz, optou por tomar como dicionário de referência o de latim, para o seu projeto pasigráfico.

³⁸⁶ J. M. Dantas Pereira, *Memoria sobre hum projecto de Pasigraphia...*, p.6. Conforme Curado escreveu, Dantas Pereira refere-se ao *Dictionnaire de l'Académie française*, indicando que a edição provavelmente seria a 1798, devido à sua relativa novidade no ano que a *Memória* foi escrita.

³⁸⁷ *Ibidem*, p.8.

³⁸⁸ Dantas Pereira não especifica qual o dicionário que se deveria escolher, no entanto, tal como Curado refere nas suas notas à *Memória*, Pereira na obra que publicou 35 anos depois, *Modelo de um Dicionário de Algibeira Poligloto e Pasigráfico*, refere como louvável o dicionarista Francisco Solano Constâncio (1777-1846), Curado ainda avança com a teoria de que é possível que Constâncio tenha recebido esta atenção devido aos laços comuns com o Brasil e com a Marinha.— J. M. Curado, “A Memória de 1800...”, p.295, nota 16.

³⁸⁹ J. M. Dantas Pereira, *Memoria sobre hum projecto de Pasigraphia...*, p.8.

por forma a demonstrar que este sistema geraria um vocabulário que seria portátil, e, portanto, prático de utilizar e de levar em viagem³⁹⁰.

É expresso na obra, que o projeto se destina exclusivamente para um tipo de comunicação simples e rápida, aquele que é para Dantas Pereira o objetivo a atingir. Tal como Pereira afirma: “Para as comunicações menores bastariaõ talvez os vocabularios das raizes das línguas... E he quanto bastará em pequenas, ou passageiras correlações.”³⁹¹, como são o caso das viagens, “onde as comunicações são relativamente limitadas no tempo e no nível de exigência”³⁹². Curado na sua obra apresenta uma explicação interessante para o facto de Dantas Pereira se ter focado na resolução deste tipo de problemas evidenciando a relação com a tradição europeia de se criar dicionários para viajantes.³⁹³

Através desta passagem, podemos perceber que o objetivo que Dantas Pereira tinha em mente com este projeto, não era o de atingir um perfeito grau de tradução das ideias, como vimos nos trabalhos que se dedicaram à criação de linguagens filosóficas. Pelo contrário, esforça-se por criar um método prático e simples, que sirva para resolver as situações de incompreensão dos estrangeiros existentes na altura. Não pretende passar o conceito na sua forma mais completa, mas alega que é comprovado pela experiência, que tal não é necessário para atingir um nível de compreensão mínimo.

Quanto às situações de comunicações mais complexas, Dantas Pereira não avança com nenhuma resolução própria para este tipo de situações, justificando que para estes casos, os intervenientes em causa “sempre haõ de ter lugar entre pessoas, que, ou saibaõ huma língoa em comum, ou possaõ aliás combinar-se por meio de interpretes”.³⁹⁴

Ao terminar a exposição do seu sistema, Dantas Pereira conclui afirmando que este projeto poderá servir como uma base para a construção futura de um completo sistema de comunicação universal, sistema este que o próprio se mostra bastante interessado em conhecer, e útil para o conhecimento geral. Afirma que considera pertinente um projeto que permitisse entender um estrangeiro sem saber falar o idioma deste, e acrescenta que consideraria ainda de maior utilidade este projeto na medida em que acredita que existe uma crescente carência de conhecimento de palavras novas no que toca à criação de conhecimento:

³⁹⁰ J.M. Curado, “A Memória de 1800...”, p. 296.

³⁹¹ J. M. Dantas Pereira, *Memoria sobre hum projecto de Pasigraphia...*, pp.8-9.

³⁹² J. M. Curado, “A Memória de 1800...”, p. 297, nota 20.

³⁹³ *Ibidem*, p.297.

³⁹⁴ J. M. Dantas Pereira, *Memoria sobre hum projecto de Pasigraphia...*, p.9.



Como não o julgarei mais util ainda, quando vejo, que vamos carecendo todos os dias de augmentar em conhecimentos de palavras, conhecimentos bem fastidiosos a quantos desejaõ avançar em cousas?³⁹⁵.

Para concluir, e por forma a demonstrar a eficácia do seu sistema para aquilo que foi concebido, demonstra um exemplo de uma frase simples convertida de português para uma escritura pasigráfica, tornando-a compreensível para qualquer idioma que tenha sido sujeito ao seu projeto.

Atribuindo às seguintes palavras os respectivos números, Dantas Pereira constrói uma frase simples em “Escritura Ordinária”:

“Este exemplo fará ver claramente o uso do projecto, que eu offereço aos olhos do Publico.”³⁹⁶

Atribuindo os seguintes números às respectivas palavras:

14 = este; 15 = exemplo; 23 = fazer; 84 = ver; 12 = claramente; 95 = uso;

71 = projecto; 75 = que; 68 = oferecer; 70 = olho; 73 = público;

De acordo com o sistema pasigráfico que desenvolver, a transcrição desta frase para escrita pasigráfica ficaria da seguinte forma:

14 15 23⁵ 84 12 4-95 2-71, 75 7-68¹ 3-70 2-73

Reparamos aqui que para além dos números a que correspondem as palavras do exemplo, estamos também na presença de alguns algarismos auxiliares, como por o expoente em 23⁵, que representa a conjugação do verbo no futuro, e o caso do 2-71, e 7-68, que representam o genitivo singular, e a primeira pessoa do singular, respetivamente. Estes “apêndices”, serviam para representar algumas conjugações verbais, regras gramaticais, entre outros, tendo Dantas Pereira dado uma tabela com exemplos destas:

³⁹⁵ *Ibidem*, p.24.

³⁹⁶ *Ibidem*, p.17.

	Português	Espanhol	Francês	Geral	Plural
1 indica	o	el	le	nominativo singular	1'
2.....	do	del	du	genitivo sing.	2'
3.....	ao	al	a	dativo sing.	3'
4.....	o	cl	le	acusativo sing.	4'
5.....	O'	O'	O'	vocativo sing.	5'
6.....	por	por	par	ablativo sing.	6'
7.....	eu	yo	je	1. ^a pessoa sing.	7'
8.....	tu	tu	tu	2. ^a pessoa sing.	8'
9.....	cle	cl	il	3. ^a pessoa sing.	9'

Figura 6 - Tabela com as conjugações verbais de Dantas Pereira. Retirada de: Manuel Curado, "A Memória de 1800 de Dantas Pereira", p. 300.

postos estes números à esquerda dos seus competentes anexos e deles separados pelo sinal –

	optativo	imperativo
1 indica presente indicativo	1	1 ^a
2..... pretérito imperfeito	2'	2 ^a
3..... pretérito perfeito	3'	3 ^a
4..... pret. mais-que-perfeito	4'	4 ^a
5..... futuro	5'	5 ^a
6..... participípio do presente		
7..... participípio do pretérito		
8..... gerúndio		
9..... gerúndio		

postos estes números à direita dos seus anexos e mais altos do que eles, bem como os expoentes na álgebra, e semelhantemente os seguintes, que indicam

- 6..... o participípio do presente
- 7..... o participípio do pretérito
- 8 e 9] gerúndios que cuida a credores à maior vulgaridade e uso.

Figura 7 - Continuação da figura anterior.

Visto que a base do seu projeto assenta no princípio de que uma palavra seja expressa pelo mesmo algarismo em todos os idiomas, Dantas Pereira afirma e demonstra que, convertendo esta frase pasigráfica para outro idioma, a mensagem que ela pretende transmitir é passada, como por exemplo no espanhol:



“Este ejemplo hará ver claramente el uso del proyecto que yo oferezco a los ojos del publico.”; e em francês: “Cet exemple ferá voir clairement l’usage du project, que j’offre aux yeux du Public.”.

Após a exposição do seu projeto pasigráfico, Dantas Pereira decide corroborar a sua pesquisa, dando a conhecer ao público os trabalhos que precederam ao seu no que toca ao estudo desta matéria. Passa a expor o conteúdo de um projeto pasigráfico anterior, datado de 1797, em Paris. Este projeto que expõe, é precisamente o trabalho de Joseph de Maimieux analisado anteriormente. Dantas Pereira afirma que somente após a conceção do seu próprio projeto, é que teve conhecimento da existência do trabalho de Maimieux³⁹⁷. No entanto, o pasígrafo português não tinha conhecimento da existência deste autor na altura em que redigiu a obra. Podemos ver isto na seguinte passagem, em que se refere a Maimieux como um autor anónimo, e homenageia o seu projeto:

Eu não pertendo diminuir o merecimento do anonymo Autor da nova pasigraphia, antes, repetirei ainda, admiro tanto os seus distinctos conhecimentos, assaz indicados pelo pequeno extracto que tenho publicado, como as immensas fadigas que devem ter custado tantas reflexões novas e taõ extraordinárias combinações, extraordinarias em número e qualidade³⁹⁸.

Fascinado por esta novidade, Dantas Pereira ainda menciona que encomendou com a maior brevidade a obra de Maimieux, para assim retirar mais conhecimento que lhe permita aperfeiçoar o seu próprio projeto.

Devemos aqui salientar que, nas notas finais da sua obra, Dantas Pereira ainda refere autores que elaboraram pasigrafias anteriores à sua, utilizando igualmente algarismos árabes³⁹⁹. No entanto, a impressão que se fica desta referência, é que Dantas Pereira aprofundou os seus conhecimentos acerca destes projetos após conceber o seu, pois refere na parte final da *Memória* que, somente após a redigir é que tratou de investigar com mais profundidade os trabalhos que o precederam.

³⁹⁷ Na obra de Dantas Pereira, na sua transcrição do apêndice do *Monthly Review*, aparecem as iniciais J. e M., afirmando que este autor fora anteriormente Major na Infantaria Imperial, e autor dos “primeiros elementos da nova ciência artificial de escrever e imprimir numa língua”, comprovando a referência a Joseph de Maimieux.

³⁹⁸ J. M. Dantas Pereira, *Memoria sobre hum projecto de Pasigraphia...*, p.28.

³⁹⁹ Dantas Pereira, quando transcreve o apêndice do *Monthly Review* na parte final da sua *Memória*, fala do nome de Northmore, e refere que já teriam existido outros projetos anteriores ao seu que utilizavam algarismos árabes.



Se olharmos para os projetos pasigráficos anteriores a Dantas Pereira, conseguimos reparar que o sistema proposto em 1800 pelo português não é novidade no mundo da pasigrafia. Ao analisarmos os projetos de Becher, Beck, Kircher, Northmore, Wolke, e Hourwitz, constatamos que a atribuição de um número a determinado conceito, e a conseqüente disposição destes números nos diferentes dicionários já havia sido proposta por autores anteriores a Dantas Pereira.

Pereira termina a *Memória* com a devida conclusão, e nesta revela aquela opinião que de facto já vinha a transparecer no início da obra. De facto, Pereira não concebe que um projeto de linguagem universal seja, pelo menos na sua época, exequível. Isto, fruto de várias razões que ele próprio enuncia:

Intentar huma como refundição de todos os idiomas, para depois se extrahir, ou hum primario, commum origem de todos, ou hum composto que, evidentemente mereça a primazia; nem por isso a obterá do mayor numero, que nunca poderá conhecêla, nem se apresenta menos improvavel á comprehensão humana pelas immensas fadigas, que exigiria, além da reuniaõ de mil interesses opostos e, talvez, a ponto de jámais poderem admittir reconciliação.

Cuidar que as Potencias se colligarão para a conquista de huma lingoagem universal, por meio do artifício unido ao seu exemplo proprio, pela ultima das razões precedentes, quando naõ occorressem outras, he cuidar uma verdadeira chimera, he entrar de bom grado no paiz das illusões⁴⁰⁰.

No entanto, é precisamente por essa razão que decide investir o seu tempo próprio no desenvolvimento desta questão. Dantas Pereira afirma que o seu projeto lança os alicerces para uma construção pasigráfica futura, e sólida, defendendo as grandes utilidades que esta teria para o conhecimento e para a humanidade:

He, pois bello, util e digno do homem, que se interessa pelo bem dos seus semelhantes, occupar-se dos meios, que em taes circumstancias poderão concorrer a introducção de huma lingoagem universal⁴⁰¹.

Este paralelismo presente na *Memória*, onde por um lado se demonstra o ceticismo de Dantas Pereira pela criação de um sistema universal, mas por outro, o próprio tenta demonstrar um sistema que serve o propósito de base para tal, mostram esta ânsia de

⁴⁰⁰ *Ibidem*, pp.30-31.

⁴⁰¹ *Ibidem*, p.29.



Dantas Pereira de superar barreiras. A barreira da linguagem é um dos obstáculos mais antigos da História do Homem, mas a curiosidade de Dantas Pereira, e o seu espírito ambicioso e pragmático no que toca a resolver problemas, levam a que este dedique parte do seu tempo a tentar demonstrar como tal projeto poderá talvez ser exequível.

Tal como Curado afirmou: “Dantas Pereira propõe um sistema de tradução universal porque, curiosamente é cético a respeito da possibilidade de construção de uma língua perfeita”⁴⁰². No entanto, Dantas Pereira, como é costume nos seus escritos remete sempre para a sua humildade, e admite que o seu projeto é simples e incompleto, no entanto propõe que o seu trabalho seja um vestíbulo para estudos mais avançados destas temáticas, estudos que se vierem a realizar, o próprio estará ansioso por conhecê-los.

Outro aspeto importante acerca desta *Memória* reside em, à semelhança do seu contributo para o cálculo atuarial, ser pioneira em Portugal no que toca ao estudo da pasigrafia. José Manuel Fernandez Cepedal afirma no seu artigo *Lengua universal, lengua francesa y «patois» durante la revolución francesa*, que no século XVIII já existiam estudos de pasigrafia em Inglaterra, França, Alemanha e Espanha, no entanto, o único exemplo destes estudos que encontrou em Portugal foi precisamente esta *Memória*⁴⁰³.

O lente de Matemática viria mais tarde voltar a contribuir com estudos ligados à comunicação internacional. Mais relacionado com a Marinha, Dantas Pereira mais tarde propõe um novo sistema internacional de comunicação entre navios; na área das línguas, publicou em 1835, já exilado em Paris, um manuscrito intitulado de *Modelo de um Dicionário de Algibeira Poligloto e Pasigráfico*.

A dedicação de Dantas Pereira a este tipo de matérias, não mostra só a versatilidade e abrangência da mente do próprio, mas também uma sagaz curiosidade, assim como um desejo para a expansão e difusão do conhecimento humano, sendo este aquele que consideramos o principal motivo para a análise desta *Memória*.

3.5.O Impacto da Memória

O presente subcapítulo é dedicado a expor aquelas que foram as reações ao presente modelo pasigráfico estudado. Na verdade, conforme podemos comprovar pelas principais fontes utilizadas para esta investigação que o modelo de Dantas Pereira não foi

⁴⁰² J. M. Curado, “Utopia...”.

⁴⁰³ J. M. F. Cepedal, “Lengua universal...”, nota 2.



notoriamente reconhecido na história do estudo da linguagem universal. No entanto foi possível achar algumas menções ao projeto pasigráfico dignas de referir. O próprio periódico *Monthly Review*, que, como vimos anteriormente, estava ao dispor de Dantas Pereira, e com o qual este manteve correspondência, reconhece este projeto de pasigrafia. No volume XXXIII do *Monthly Review*⁴⁰⁴, publicado no mesmo ano da *Memória*, podemos encontrar um artigo dedicado à mesma.

O artigo começa por fazer uma breve introdução histórica ao aparecimento das pasigrafias, e ao rápido esquecimento que os respetivos modelos eram alvo. No entanto, a obra de Dantas Pereira surge para o autor do artigo como uma nova aproximação à questão da pasigrafia: “The plan of the Portuguese author of the treatise now before us differs, in some respects, from those of his predecessors in this career”⁴⁰⁵.

Após esta breve introdução, o artigo passa por sucintamente explicar o plano proposto pelo nosso biografado no que toca à criação de diversos dicionários destinados a simplificar a comunicação internacional. Apesar de mencionar o plano como algo inovador em certos aspetos referentes a projetos anteriores, critica a sua elevada simplicidade, afirmando que este traço leva a obra de Dantas Pereira assemelhar-se mais a uma cifra diplomática do que a um projeto de pasigrafia⁴⁰⁶. No entanto, e tal como o artigo refere, este facto já teria sido mencionado pelo próprio ao longo da obra, que igualmente propôs introduzir as palavras em determinadas classes, e atribuir determinados símbolos às modificações gramaticais, como forma de colmatar este defeito⁴⁰⁷.

O *Monthly Review* abstém-se de fazer um juízo de valor acerca do plano proposto por Dantas Pereira, deixando esta tarefa para os conterrâneos do mesmo⁴⁰⁸, no entanto, este artigo constitui uma prova de alguma visibilidade internacional que a *Memória* obteve.

⁴⁰⁴ O artigo a que estamos a referir-nos trata-se do “Art. xv Memoria sobre hum projecto de Pasigraphia, &c. i. e. A Memoir concerning a Plan of Pasigraphy. By J. M. Dantas Pereira, Captain of a Frigate, Member of the Royal Academy of Sciences of Lisbon, Preceptor to H. R. H. the Infant Don Pedro, &c. Folio. pp. 34. Lisbon. 1800.” *Monthly Review, or Literary Journal, Enlarged*, vol. XXXIII, London, [n.p], 1800, pp.526-528.

⁴⁰⁵ *Ibidem*, p.527.

⁴⁰⁶ *Ibidem*, p.527.

⁴⁰⁷ Dantas Pereira afirma na nota 4 da sua *Memória* que “nas ocultas correspondências diplomáticas muitas nações empregam cifras semelhantes fazendo que a cada palavra corresponda, não um mas diversos números”, acrescentando que obteve esta comparação através de opiniões de pessoas que atenderam à apresentação da sua obra.

⁴⁰⁸ *Monthly Review*, vol. XXXIII, p.528.

A nível nacional houve uma refutação dada por Silvestre Pinheiro Ferreira⁴⁰⁹ ao projeto que é pertinente mencionar. Esta refutação está presente na famosa obra do filósofo português, *Preleções Filosóficas sobre a teoria do discurso e da linguagem, a Estética, a Diceósina e a Cosmologia*⁴¹⁰.

Aqui Silvestre Pinheiro Ferreira, após apresentar as razões pelas quais considera que a pasigrafia de Maimieux não consegue resolver a questão da comunicação internacional, afirma que:

“Ainda menos se aproximou da resolução do Problema hum douto, e a muitos títulos respeitavel Escriptor nosso, que propôs como Methodo Pasigraphico”⁴¹¹.

Dantas Pereira não tardou a ter conhecimento dos reparos que o filósofo fez ao seu projeto, e em 1819 respondeu formalmente através de uma carta, que foi publicada no *Jornal de Coimbra*⁴¹².

O filósofo apresentou ao modelo pasigráfico dois problemas: o primeiro “he o resolver elle hum Problema diferente daquelle de que se tracta”⁴¹³. O *Problema* que Silvestre Pinheiro Ferreira se referia era o de criar um sistema de sinais que conseguisse traduzir de forma perfeita e inteligível frases de determinado idioma para outro⁴¹⁴. Ora, tal como Dantas Pereira afirmou na sua resposta, esta nunca terá sido a intenção dele quando publicou a obra em 1800. O objetivo da *Memória* era a conceção de um sistema que permitisse atingir um nível de compreensão mínimo entre duas pessoas de nacionalidades diferentes, e Dantas Pereira admite que em muitos dos casos a tradução nunca seria perfeita⁴¹⁵, mas suficiente para ser compreensível.

⁴⁰⁹ Silvestre Pinheiro Ferreira (1769-1846) foi um político e filósofo português, que a nível académico se destacou pela publicação das suas *Preleções Filosóficas*. À semelhança de Dantas Pereira, também terá acompanhado a Família Real para o Brasil na sequência das invasões francesas, tendo passado a lecionar filosofia no Rio de Janeiro.

⁴¹⁰ Este título também terá sido concedido ao curso de filosofia que Silvestre Pinheiro Ferreira lecionou no Rio de Janeiro. Nesta obra de considerável tamanho são abordados diversos temas associados à filosofia, e à conceção de ideias. Quanto à parte que concerne a nossa investigação devemos mencionar a *Vigésima Oitava Preleção*, que trata dos estudos associados à linguagem universal. Aqui Silvestre Pinheiro Ferreira faz um exame aos projetos de pasigrafia e gramática universal conhecidos até ao momento, nomeadamente a opinião de Descartes, a pasigrafia de Maimieux, e naturalmente o projeto proposto por Dantas Pereira.

⁴¹¹ Silvestre Pinheiro Ferreira, “Vigésima Oitava Preleção”, *Preleções Philosophicas sobre a Theórica do Discurso e da Linguagem, a Esthética, a Diceósina, e a Cosmologia*, Rio de Janeiro, Na Impressão Régia, 1813, p.478.

⁴¹² José Maria Dantas Pereira, “Artigo v”, *Jornal de Coimbra*, vol. XIV, parte II, Lisboa, Na Impressão Régia, 1818, pp.79-82.

⁴¹³ S. P. Ferreira, “Vigésima Oitava Preleção...”, p.479.

⁴¹⁴ Este problema encontra-se no parágrafo 931 de *Ibidem*, p.480.

⁴¹⁵ Na nota 9 do seu projeto de pasigrafia, Dantas Pereira diz o seguinte: “Suponhamos, para maior inteligência, que um português ignorante do alemão se encontra e pretende entender-se na Alemanha com um indivíduo que somente sabe aquele seu idioma. Por meio do vocabulário universo-alemão escreverá no mesmo alemão (é certo que mal, porém, inteligivelmente, que é quanto se pretende)”. Aqui o autor reforça

O segundo problema “he resolver de hum modo complicado hum problema que se acha resolvido em quasi todas as Nações de huma maneira mais simples”⁴¹⁶. Ferreira afirmava que, se já existiam diversos dicionários bilingues, a conversão de um idioma para outro já se encontrava resolvida, e que o incremento de algarismos proposto por Dantas Pereira iria somente complicar este processo. O nosso biografado responde a isto afirmando que a utilização de algarismos facilita a conversão da mensagem, pois o comunicador deixa de ter o problema de escrever a sua mensagem em caracteres estranhos⁴¹⁷, e passa a mensagem para um conjunto de símbolos familiares, os algarismos árabes.

Não obstante, Dantas Pereira concorda em certos aspetos com o opositor ao seu sistema, nomeadamente quanto à questão da necessidade de uma gramática universal⁴¹⁸. Mas como defesa do seu plano, apresenta a seguinte situação hipotética: e se já existisse uma gramática universal completamente desenvolvida? Não seria mais simples desenvolver um sistema com base em algarismos familiares para o maior número de pessoas? Não seria esta opção mais benéfica em relação a converter esta gramática para caracteres diferentes e pouco conhecidos para o comunicador?

Esta discussão entre Dantas Pereira e o filósofo português apresenta-se como deveras relevante para o estudo da *Memória*, pois para além de permitir uma exposição mais clara de algumas das ideias de Dantas Pereira, e de também fornecer um ponto de vista diferente do lado de Silvestre Pinheiro Ferreira, permite também obter algumas ideias sobre o conhecimento que o autor da *Memória* possuía à data da publicação da mesma.

Na sua resposta a Ferreira, o pasígrafo afirma o seguinte:

“Nas suas eruditas Prelecções, Obra certamente benemerita, lê-se em quanto ao systema de Pasigraphia, que julguei todo meu até que vi o *Mirabilia* de Gaspar Schoto”.⁴¹⁹

a ideia de que o objetivo a atingir é a compreensão mínima, não a tradução *perfeita*. J.M. Curado “A Memória de 1800...”, p. 320.

⁴¹⁶ S. P. Ferreira, “Vigessima Oitava Prelecção...”, p.479.

⁴¹⁷ Na carta Dantas Pereira faz a comparação entre passar uma mensagem para caracteres árabes, e passá-la para algarismos árabes: “Eu antes quizera escrever na Cifra Numeral do que na Lingua Arabe, da qual nada sei; e penso que encontrarei grande reciprocidade entre os Arabes, que são assás numerosos. *Jornal de Coimbra...*, p.80.

⁴¹⁸ Novamente na Carta é afirmado pelo autor que: “Com tudo, é preciso classificar prévia, e philosophicamente todas as nossas ideias concretas e abstractas! É preciso prefixar em todas as Nações uma Grammatica philosophica!”. *Ibidem*, p.81.

⁴¹⁹ *Ibidem*, p. 79.



Ora a partir daqui é possível considerar o seguinte, apesar de como exposto anteriormente Dantas Pereira não ter sido o primeiro pasígrafo a considerar o uso de algarismo árabes na sua proposta para uma pasigrafia, este afirma na carta não ter conhecimento disto. A ideia com que se fica a partir da afirmação citada, é que Dantas Pereira considerava que as suas ideias de conceção pasigráfica tinham sido pioneiras, e podem revelar que o português não teve acesso às obras anteriores sobre o assunto antes de escrever a sua *Memória* pasigráfica.

No entanto, tanto nesta resposta a Pinheiro Ferreira, bem como na própria *Memória* de 1800, Dantas Pereira refere que descobriu que o seu projeto pasigráfico com recurso a algarismo árabes não teria sido o primeiro deste género, indicando o interesse que manifestou por esta ciência, bem como pelo desenvolvimento da mesma.

Deixando de parte a questão da originalidade da obra de Dantas Pereira, o que se pode constatar é que, apesar da obra ter sido mencionada no *Monthly Review*, de Silvestre Pinheiro Ferreira a ter mencionado no seu curso de Filosofia, da obra constar dos catálogos das obras de Dantas Pereira, tanto nas *Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*, como nas próprias posteriores notas biográficas compostas sobre o mesmo, a *Memória* não terá tido muita visibilidade no estudo da linguagem universal.

Conforme anteriormente mencionado, esta obra é única no contexto de elaboração pasigráfica em Portugal⁴²⁰, no entanto quando nos encontramos em presença de estudos realizados sobre o progresso desta área em contexto nacional, constatamos que a obra de Dantas Pereira normalmente não é referida.

A título de exemplo, temos o caso de um artigo presente no periódico *A Batalha*, com o título de: “Por uma lingua universal. Da Pasigrafia ao Esperanto”⁴²¹. Este artigo é dedicado a dar a conhecer a história dos projetos pasigráficos que foram dados ao mundo ao longo dos tempos. O artigo expõe de maneira sucinta os diversos contributos na área da pasigrafia, focando-se essencialmente nos autores europeus, até ao aparecimento do Esperanto de Zamenhof. No entanto, ignora por completo os próprios contributos nacionais dados por Dantas Pereira no século passado. Esta omissão revela o esquecimento do qual a *Memória sobre um Projeto de Pasigrafia* foi alvo.

⁴²⁰ J. M. F. Cepedal, “Lengua Universal...”, p.41, nota 2.

⁴²¹ João Antunes, “Por uma lingua universal. Da pasigrafia ao esperanto. Duzentos anos de inúteis esforços para a criação duma língua comum, encontram justa compensação de na obra de Zamenhof”, *A Batalha*, N.º 24, 1924.



3.6. Uma pasigrafia Náutica?

Após a publicação do seu projeto pasigráfico em 1800, já vimos anteriormente que Dantas Pereira continuou com a sua vida profissional e académica ligada, por um lado ao Comando da CGM, e por outro aos seus contributos nas sociedades científicas em que se inseriu, bem como à publicação de diversas obras sobre variados temas que discutimos anteriormente.

No entanto, é curioso observar que as preocupações de comunicação internacional que Dantas Pereira refletiu no seu projeto pasigráfico não se desvaneceram.

Apesar dos documentos indicarem que Dantas Pereira passou a maior parte da sua vida profissional em terra, não foi por isso que o Comandante da Companhia de Guardas-Marinhas se tivesse deixado de preocupar com os problemas existentes ligados aos navios. Como prova desta afirmação, temos o elevado número de obras que Dantas Pereira publicou que se focaram a refletir sobre questões ligadas à Marinha, tanto sobre as questões administrativas, como sobre aspetos mais práticos ligados à carreira naval, como a tática e a navegação.

Ora, uma destas obras ligadas à Marinha consiste precisamente na exposição de um sistema de comunicação que permitisse a quaisquer dois navios comunicar entre si independentemente das circunstâncias, inclusive, independentemente das nacionalidades de cada um deles.

Apelidou esta obra de *Systema de Signaes para a Comunicação dos Navios entre si, e com a Terra: Em qualquer ocasião, lugar, e tempo: e seja qual for a ordem naval adoptada*, publicou-a em 1817, na Impressão Régia do Rio de Janeiro.

O título desta obra dá-nos pistas acerca do objetivo desta. Dantas Pereira, consciente das dificuldades que advinham das comunicações navais, decide mais vez, colocar os seus esforços na procura de um método para solucionar estas. Devemos salientar que nesta altura encontrámo-nos num período onde emergem diversos dicionários de autores europeus que se destinam precisamente a este fim, procurar eficácia, pragmatismo e uniformização das comunicações ligadas à náutica⁴²². O Comandante de Companhia não se mostra indiferente a esta corrente, e decide, como

⁴²² São vários os exemplos de dicionários náuticos políglotas que surgiram no século XIX. Encontrámos uma lista exaustiva dos mesmos na seguinte ligação: http://www.bruzelius.info/Nautica/Bibliography/Dictionaries_1800.html, consultado em abril de 2018.



parte das suas várias reflexões em termos náuticos, dar o seu contributo para as comunicações navais.

A obra consiste em 144 páginas, dividida por sete capítulos, e o surgimento da mesma revela a mente progressista de Dantas Pereira, que se preocupou com a necessidade de navios de nações diferentes comunicar entre si no mar.

“A sua atividade como marinheiro profissional propicia-lhe uma segunda oportunidade para promover a teoria da tradução automática”⁴²³.

Dantas Pereira encontrou nos problemas a que eram associados às comunicações navais, e que logo estaria familiarizado, uma oportunidade para aplicar a sua criatividade, e propor um sistema de pasigrafia aplicado, que correspondesse às necessidades que esta situação de comunicação suscitava.

Passando agora à explicação sucinta do sistema que Dantas Pereira propôs para este sistema. O autor começa a sua explicação estabelecendo aqueles que considera os principais critérios para o melhor sistema de sinais a utilizar: “a clareza, e a presteza, no maior grão possível”⁴²⁴, complementando que tal sistema deverá ser empregue de forma adequada aos seus fins.

Tal como realizou para a elaboração do seu projeto de pasigrafia, Dantas Pereira começa a explicação por delimitar o tipo de sinais a utilizar, bem como a especificar quais aqueles que considera mais pertinentes face às vicissitudes das comunicações navais.

Para tipificar os tipos de sinais que podem ser utilizados, começa por dividir os sinais possíveis nas seguintes categorias, visuais e sonoros, defendendo que a utilização destes deve ser sempre independente.⁴²⁵

Podemos reparar ao longo da obra, as preocupações que Dantas Pereira possui quanto à conceção deste sistema. Os conhecimentos que possui de tática naval, e da arte de navegar, levam-no a refletir de forma a preocupar-se com as eventuais dificuldades que um navio de guerra enfrentará na questão das comunicações. Por exemplo, este refere que os sinais sonoros a utilizar deverão ser escolhidos por forma a serem perceptíveis em tempos de combate, ou em más condições atmosféricas, como por exemplo tempestades, situações que podem dificultar a receção desses sinais. Estas preocupações levam Curado

⁴²³ J. M. Curado, *O mito da tradução automática...*, p. 352.

⁴²⁴ J. M. Dantas Pereira, *Systema de signaes...*, p. 59.

⁴²⁵ *Ibidem*, p. 59.



a afirmar que “Dantas Pereira dominava um conjunto de ideias próximo daquilo que contemporaneamente se poderia de denominar a entropia da mensagem”⁴²⁶.

Estando o princípio geral do seu sistema assente no sistema decimal, Dantas Pereira preocupa-se em demonstrar como é que conseguiria representar os algarismos de 0 a 9 com os diferentes tipos de sinais, diurnos, noturnos, e sonoros.

No caso dos visuais assume que os preferíveis são aqueles que não dependem de cores, ou do lugar no navio onde são transmitidos, por forma a reduzir ao máximo a ambiguidade que possam demonstrar.⁴²⁷ Nestes dá primazia à utilização do telégrafo⁴²⁸, revelando algumas vantagens na utilização deste, como a versatilidade no local de instalação deste, bem como preocupações que se deveria na escolha e utilização deste. Com o telégrafo escreverá no sistema decimal⁴²⁹, utilizando bandeiras e galhardetes próprios para o uso de telégrafo, como elementos de repetição do sinal, conforme o CIS⁴³⁰.

Em adição ao telégrafo, considera a utilização de um sistema composto por bandeiras, representando sete símbolos, com o respetivo galhardete que serve como elemento de repetição, semelhante ao que é praticado no CIS. Veja-se a semelhança entre o conjunto de bandeiras de Dantas Pereira e o seu análogo contemporâneo⁴³¹:

⁴²⁶ Manuel Curado, *O mito da tradução automática*, p. 359.

⁴²⁷ *Ibidem*, p. 60.

⁴²⁸ Telégrafo de sinais – Sistema de sinais usado a bordo dos navios de guerra, por meio de números formados pelas cornetas de «retificação» e «reconhecimento», combinando as posições das cores com as posições relativas das referidas cornetas.” Definição de Humberto Leitão, J. Vicente Lopes, *Dicionário da Linguagem de Marinha Antiga e Actual*, 3ª edição, Edições Culturais da Marinha, Lisboa, 1990, p.500.

⁴²⁹ J. M. Dantas Pereira, *Systema de signaes...*, p. 60.

⁴³⁰ Veja-se as bandeiras e sinais projetados por Dantas Pereira na sua obra na figura 10 (Retirada de J.M. Dantas Pereira, *Systema de signaes...*). Devemos aqui referir as semelhanças do princípio que as serve com o sistema de bandeiras do CIS, na figura 11.

⁴³¹ A imagem da esquerda foi retirada de J. M. Dantas Pereira, *Systema de signaes...*, figura II. As do centro e direito foram retiradas do *Código Internacional de Sinais*, 5.ª Edição, Lisboa, Instituto Hidrográfico, 2015, pp. 168-169.

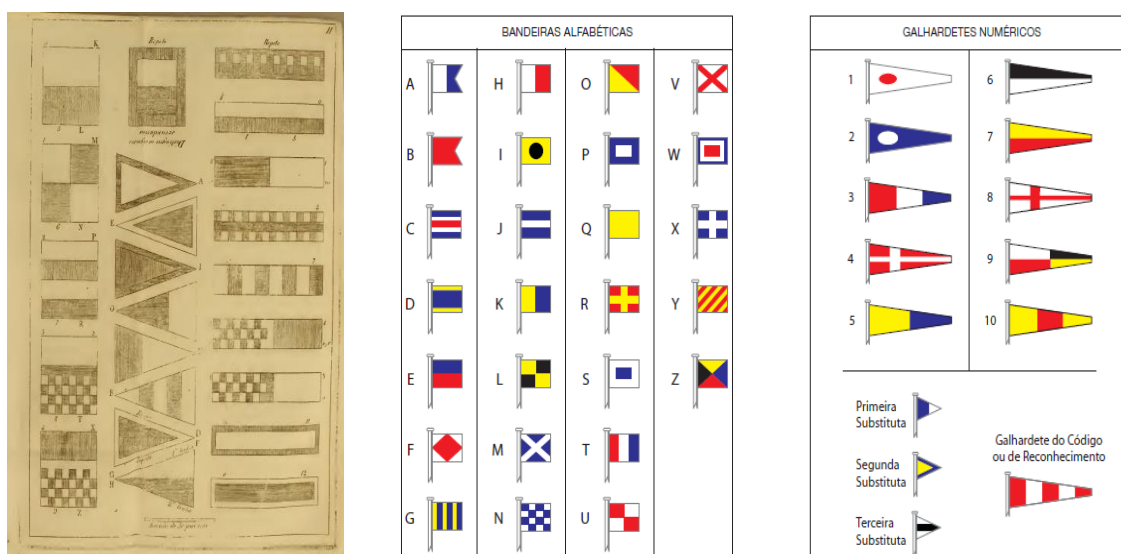


Figura 8 - Comparação entre o sistema de sinais proposto por Dantas Pereira em 1817, e o atual Código Internacional de Sinais.

Para o caso dos sinais noturnos refere a utilização de lampiões, e das combinações possíveis através da aplicação destes em dois locais distintos. Para os sinais sonoros dá preferência à utilização do tiro de peça.

Após esta enumeração daqueles que são os sinais a ser utilizados pelos navios, Dantas Pereira dá as suas instruções para as características tanto do telégrafo e respetivos complementos, das bandeiras e dos galhardetes.⁴³²

Finda esta demonstração do universo de sinais que os navios deveriam ter ao seu dispor para fazer uso deste sistema, a obra continua por demonstrar especificamente como se procederia a atribuição de significados aos diferentes sinais.

A relação deste sistema com o conceito de pasigrafia é realçada pelo autor em:

De tudo o que fica dito poderemos colligir em geral, que a industria dos signaes, se reduz a representar os algarismos da numeração decimal, representando por meio dos numeros desta, todas as letras, palavras, frases, e ordens na comunicação naval telegrafica, e chryptologica: o que coincide aliás com o melhor projecto de pasigrafia, que se tem publicado, e póde talvez servir de prelude á execução total do mesmo projecto⁴³³.

⁴³² J. M. Dantas Pereira, *Systema de signaes...*, p. 67.

⁴³³ J. M. Dantas Pereira, *Systema de Signaes...*, p. 80.



3.6.1. O Código Internacional de Sinais

O Código Internacional de Sinais⁴³⁴ (CIS), surgiu a meados do século XIX, com o objetivo de tornar possível a compreensão mútua entre navios de diferentes nacionalidades, por forma a incrementar a evitar acidentes marítimos, e, portanto, melhorar a segurança no mar.

Este código assume particular relevância para o estudo em questão por duas razões: na medida em que se trata de um “exemplo vivo de linguagem universal adotado por uma entidade internacional”⁴³⁵; e pela ideia que Dantas Pereira teve como base para a conceção do seu *Systema de Signaes*, a comunicação internacional entre navios.

Dedicamos um subcapítulo ao estudo deste código para deste modo correlacionarmos o sistema de comunicação marítima de Dantas Pereira, com o princípio de utilização do CIS.

Antes da criação do CIS, já existiam códigos de sinais marítimos. No entanto, estes eram exclusivos a cada nação, sendo que por vezes sucedia que cada nação chegava a possuir mais do que um.⁴³⁶

Esta situação tornava impossível a comunicação entre navios de nacionalidades diferentes que se encontrassem no mar, aumentando assim o risco de acidente marítimo como o abalroamento. Um dos principais objetivos do CIS é precisamente eliminar a barreira linguística na comunicação entre navios, por forma a facilitar a segurança da navegação.

Esta falta de compreensão entre as diferentes nações levou a que em 1855, o *Board of Trade*, nomeasse um comité com o objetivo de criar um projeto para um código internacional. Daqui surgiu o primeiro rascunho para um código internacional em 1856⁴³⁷. Por sua parte, o ministério da Marinha francesa envia também uma comissão para, em conjunto com o comité do *Board of Trade*, reformar e melhorar a versão original do código, tendo atingido um projeto adotado pelos dois governos em 1864.⁴³⁸

⁴³⁴ Em inglês, *International Code of Signals*.

⁴³⁵ L. Couturat, L. Leau, *Histoire de la langue universelle...*, p.3.

⁴³⁶ Couturat e Leau dão na sua obra os exemplos de França e Inglaterra, no caso da França regiam-se pelo código Reynold; na América pelo código Rogers, e no caso da Inglaterra existiam quatro códigos distintos, o de Tynn, de Squire, de Phillip e de Marryat. *Ibidem*, p.4.

⁴³⁷ Esta versão inicial era composta por 70000 sinais, que advinham de diferentes combinações entre 18 bandeiras distintas entre si, com desenhos e cores diferentes. Foi publicada pelo *Board of Trade* em 1857. *Ibidem*, Prefácio.

⁴³⁸ L. Couturat, L. Leau, *Histoire de la langue universelle...*, p.4.



À semelhança do que tinha acontecido com o estabelecimento destas duas potências do RIEAM (Regulamento Internacional para Evitar Abalroamentos no Mar), as restantes nações seguiram o exemplo no que toca à adoção de um código internacional de sinais para as comunicações marítimas. O código foi ao longo dos tempos sofrendo sucessivas alterações, e incrementos, como por exemplo a componente radiotelegráfica, radiotelefónica, sonora e visual através de código Morse. No entanto, o interesse que possui para a nossa investigação reside na particularidade de este código corresponder a um esforço internacional para o estabelecimento de uma pasigrafia com o intuito de salvaguardar a vida no mar, e de proteger os interesses de cada nação.

Dantas Pereira previamente terá refletido sobre a importância que tal universalidade nas comunicações marítimas teria para a Marinha, no âmbito das relações internacionais, chegando mesmo a publicar o seu próprio sistema de sinais marítimos internacional.

Por forma a dar um breve enquadramento do sistema pasigráfico do CIS, falaremos apenas daqueles a que correspondem os sinais visuais, deixando de parte os radiotelefónicos, e o código Morse, que viriam a surgir mais tarde.

O sistema segundo qual o Código, na parte visual, se rege, assenta na utilização de distintas bandeiras, cada uma com o seu próprio significado, que combinadas de maneira diferente, ou utilizadas isoladamente, adquirem significados diferentes. Tendo evoluído de 18 bandeiras em 1857, para 40 bandeiras nos tempos modernos, o seu princípio de utilização não alterou. Consiste em, com o auxílio da publicação, descodificar a mensagem que o navio transmissor quer passar.

Os significados que as combinações dos sinais representam alteraram ao longo do tempo. Podemos ver que a caracterização de Couturat, que descreve o Código original, difere daquelas que são as instruções mais recentes presentes no código atual.⁴³⁹

Atualmente, as instruções quanto ao significado dos sinais dividem estes em três naturezas, consoante o número de símbolos que os compõem: Os representados por uma letra singular correspondem a significados de carácter urgente, importante, ou de uso bastante comum; os compostos por duas letras transmitem o código de sinais geral; e os de três letras, que principiam pela letra M, correspondem aos sinais de cariz médico.

⁴³⁹ Na sua obra, Couturat e Leau afirmam que os sinais compostos por 2 símbolos exprimiam as “áreas de vento”, os avisos urgentes e importantes; os de 3 símbolos exprimiam as longitudes e latitudes, e as ordens mais utilizadas do mar; e os sinais compostos de 4 símbolos, que eram os mais numerosos, dividiam-se em três categorias: nomes geográficos, palavras correntes, e as designações dos diferentes navios L. Couturat, L. Leau, *Histoire de la langue universelle...*, p. 3.



O princípio segundo qual o Código Internacional de Sinais se rege é o de que cada sinal deve transmitir por si só um significado completo, sendo que em certos casos, poderá surgir a necessidade de ser complementado com sinais auxiliares.⁴⁴⁰

Realizada a contextualização do aparecimento e utilização do CIS, podemos constatar que, apesar de Dantas Pereira ter idealizado a sua própria versão de um código náutico internacional em 1817, nada é referido acerca da sua obra quando procuramos as origens do atual sistema em vigor, o CIS.

Dantas Pereira procurou resolver o problema da comunicação náutica internacional em 1817, mas à semelhança do seu projeto pasigráfico, esta obra caiu no esquecimento.

3.7.A continuação do sonho pasigráfico

A obra seguinte que Dantas Pereira viria publicar sobre o assunto da pasigrafia viria já 35 anos após a publicação da sua *Memória* pasigráfica. Desta vez, Dantas Pereira, já exilado em França devido ao contexto político de Portugal, decide dar mais um contributo para a sua pasigrafia.

Este viria na forma de um modelo de dicionário: *Modèle d'un Dictionnaire de Poche Poliglote et Pasigraphique / Modelo de um Diccionario de algibeira polygloto e passigraphico*, publicado a 7 de abril de 1835 em Paris.

O objetivo a que Dantas Pereira se propunha com este dicionário, ia de encontro com as suas pretensões iniciais ao propor o seu sistema pasigráfico:

Para servir nas communicações entre pessoas que não fallaõ huma mesma lingoa, e mais especialmente em quanto aos idiomas Francez, Inglez, Hespanhol, e Portuguez: podendo tambem servir nas traducçoens de uns idiomas em outros, sem exclusã dos desconhecidos pelos traductores; e prestar serviço dos bilingues nos referidos quatro idiomas⁴⁴¹.

A obra consiste num *modelo* de dicionário, e não num dicionário completo. Aqui Dantas Pereira procura fazer um esboço de um algoritmo pasigráfico, segundo o qual

⁴⁴⁰ *Ibidem*, p. 3.

⁴⁴¹ José Maria Dantas Pereira, *Modèle d'un Dictionnaire de Poche Poliglote et Pasigraphique / Modelo de um Diccionario de algibeira polygloto e passigraphico*, Paris, [n.p.], 1835, p. 5.

seria possível construir um completo vocabulário que viria a complementar uma construção pasigráfica⁴⁴².

O dicionário encontra-se na BNP, e a consiste num documento litografado, de 15 páginas, no qual podemos encontrar um modelo do algoritmo que Dantas Pereira propôs em 1800.

Esta obra encontra-se escrita em português, e em francês. Isto deve-se ao facto de em 1835 Dantas Pereira se encontrar no exílio em Paris, fruto do contexto político em Portugal.

O autor começa por apresentar um exemplo para as duas partes constituintes do dicionário. Na primeira os vocábulos em francês são numerados por ordem alfabética. Aqui Dantas Pereira acrescentou os respetivos sinónimos para os dicionários inglês, espanhol e português.

Na segunda parte, é exemplificado o produto final do dicionário pasigráfico, para os mesmos idiomas. As respetivas palavras de cada dicionário voltam a ser ordenadas alfabeticamente, sendo-lhes atribuídas o número do seu sinónimo em francês, criando assim um ponto de referência que permite a qualquer utilizador, que entenda pelo menos uma das quatro línguas, interpretar o algarismo pasigráfico.

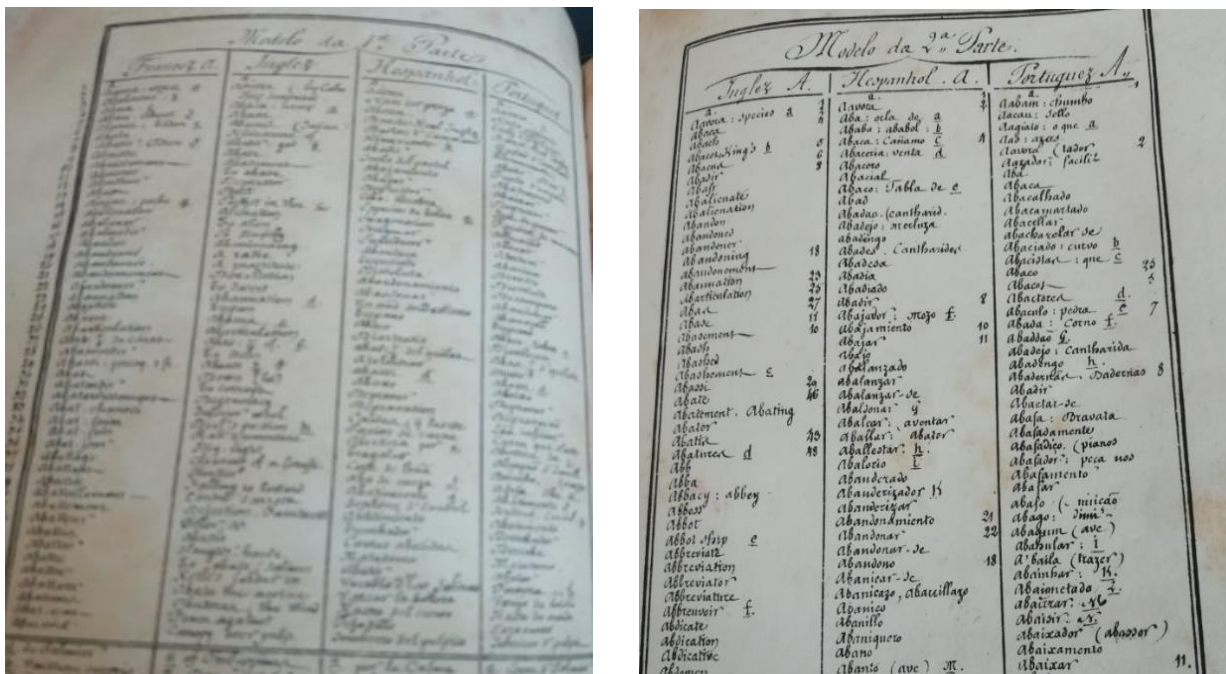
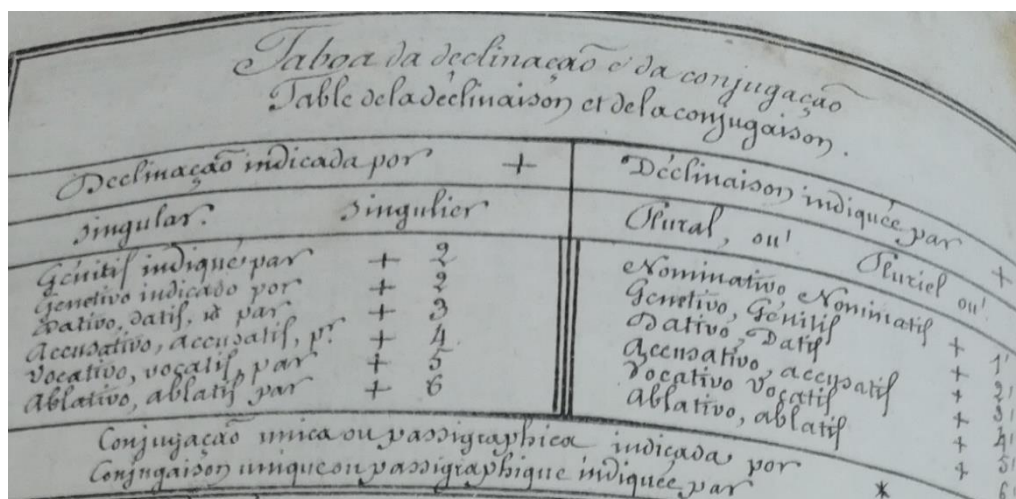


Figura 9 - Primeira e Segunda parte do Modelo de Dicionário pasigráfico de Dantas Pereira, retiradas da parte final do mesmo.

⁴⁴² J. M. Curado, *O mito da tradução automática*, p. 377.

A esta exemplificação prática, Dantas Pereira ainda acrescentou 12 “Reflexoens”, onde descreve de forma sucinta o funcionamento do seu sistema pasigráfico, acrescentando ainda uma tabela de símbolos destinados para as diferentes conjugações das palavras. Esta tabela, à semelhança das instruções do dicionário, é muito semelhante à que foi anteriormente retirada da edição de Manuel Curado para explicação do exemplo de conversão pasigráfica.



Declinação indicada por		+	Declinaison indiquee par		
Singular?	Singulier		Plural, ou	Pluriel ou	
Genitivus indiquee par	+	2	Nominativo Nominatif	+	1
Genetivus indicado por	+	2	Genetivus, Genitivus	+	2
Dativo, dativus, id par	+	3	Dativo, Dativus	+	3
Accusativo, Accusativus, pr.	+	4	Accusativo, accusativus	+	4
Vocativo, vocativus par	+	5	Vocativo, Vocativus	+	5
Ablativo, ablativus par	+	6	Ablativo, ablativus	+	6
Conjugação unica ou pasigraphica indicada por			Conjugaison unique ou pasigraphique indiquee par		
			*		

Figura 10 - Tabela das conjugações pasigráficas propostas por Dantas Pereira.

Foi importante para a nossa investigação descobrir este dicionário pasigráfico de Dantas Pereira por duas principais razões. Primeiro, por se tratar de um exemplo prático da aplicação do seu modelo pasigráfico, mostrando o trabalho que seria necessário para redigir os necessários dicionários de conversão. De facto, o princípio de funcionamento aqui aplicado é semelhante ao da obra de 1800, no entanto, temos aqui acesso a um resultado prático da aplicação do modelo pasigráfico de Dantas Pereira tal como este foi proposto inicialmente.

A segunda razão, e mais importante, deve-se à data da obra. Ora, este trabalho foi publicado em 1835, um ano antes da morte de Dantas Pereira. Isto pode nos dar indícios para inferir sobre a importância dada por Dantas Pereira ao assunto da pasigrafia. O facto de se dedicar a transmitir os seus conhecimentos sobre esta área, tanto em português como em francês, já exilado fora do seu país natal, e em condições desfavoráveis, mostram o desejo que Dantas Pereira manifestou pelo reconhecimento do seu trabalho pasigráfico.

O seu trabalho na pasigrafia não foi somente ligado às vicissitudes que este conheceu na sua carreira de oficial de Marinha. Não foi apenas um esforço para a publicação e apresentação de um trabalho na ARCL. As persistências de Dantas Pereira



no estudo da comunicação universal mostraram-nos um dos traços psicológicos mais marcantes da sua vida e obra. O desejo da expansão e divulgação do conhecimento científico.



Conclusão

Tivemos como principal objetivo para esta dissertação de mestrado o estudo da vida e obra de Dantas Pereira, realçando em particular os contributos deste para a criação de uma pasigrafia.

Para tal, começámos por procurar e estudar a bibliografia de referência existente sobre o nosso biografado. Dada à importância que este teve na história da ARGM, devemos destacar aqui as obras que trataram da contextualização histórica do ensino náutico em Portugal; os trabalhos sobre a história da ciência portuguesa, onde novamente o nosso biografado se destacou tanto pelas suas ideias pioneiras e pela sua dedicação para a difusão do conhecimento científico; e naturalmente os apontamentos biográficos já existentes sobre o próprio.

Prosseguimos analisando os escritos do próprio Dantas Pereira. Aqui demos ênfase à sua autobiografia, escrita já no exílio em Paris, pouco antes da sua morte; aos discursos que proferiu na ARGM, onde este nos deu pistas valiosas que nos permitiram aprender sobre a passagem de Dantas Pereira pelas academias de formação do oficialato português, a sua própria interpretação do funcionamento das mesmas, e outras opiniões do mesmo; e os seus discursos à ARCL, que revelam traços fundamentais acerca da personalidade de Dantas Pereira, nomeadamente a sua opinião sobre o estado da Ciência em Portugal na época em que viveu, as suas tendências políticas, e a polimatia que ele possuía, dissertando sobre assuntos de variada índole.

Tivemos como outra importante fonte de investigação os próprios documentos arquivísticos do AHM. Através destes, conseguimos corroborar, ou questionar certos aspetos inerentes à vida de Dantas Pereira: através da consulta dos *Livros Mestre* conseguimos dispor cronologicamente a sua carreira militar; com os documentos do fólio da CGM foi-nos possível expor as provas que mostram o brilhantismo com que concluiu os seus estudos na ARGM, e com que exerceu a sua carreira de Lente; e conseguimos ainda recolher provas que nos elucidaram acerca da educação que recebeu, assim como testemunhos dos superiores que apreciaram os esforços de Dantas Pereira ao serviço da Companhia.

Da análise da sua vida e carreira no primeiro capítulo devemos aqui realçar as principais conclusões retiradas. Dantas Pereira, sendo de origens modestas, conseguiu ingressar para a ARGM graças ao seu intelecto. As suas capacidades foram devidamente reconhecidas, e graças aos documentos que analisámos do AHM, conseguimos expor aqui



algumas provas da sua elevada capacidade. Concluiu pela primeira vez em Portugal o curso matemático de Bezout na ARGM, e em tempo recorde. Conforme vimos, isto garantiu-lhe visibilidade junto dos seus superiores, bem como da própria Corte, tendo sido nomeado mestre do infante D. Pedro Carlos. Esta visibilidade, juntamente com a sua inteligência, poderá ter estado na base para muitas das funções que exerceu, tanto na Marinha, como no Estado. Aliado a isto, ainda acompanhou a Família Real para o Brasil, levando a cabo a exaustiva tarefa de transferir e estabelecer a CGM no território ultramarino. Regressaria para Portugal para exercer funções no Conselho do Almirantado, e poucos anos depois seria nomeado para secretário da ARCL.

Esta nomeação aconteceu em 1823, ano que D. Miguel assumira a presidência na mesma, revelando as boas relações que Dantas Pereira possuía com a Corte, tanto pela longa convivência que teve com a família Real, bem como pelas suas tendências absolutistas. Obviamente que estas não foram as únicas razões para a sua nomeação, pois, tal como verificámos ao longo da investigação, Dantas Pereira nesta altura já teria contribuído com diversos trabalhos para a Academia, e dado bastantes provas do seu intelecto.

Para a análise da sua bibliografia, recorreremos naturalmente às próprias obras redigidas pelo mesmo. Realizámos isto com recurso a consultas na BCM, na BNP, e em arquivos on-line. A organização e estruturação da obra de Dantas Pereira apresentou-se como uma das maiores dificuldades da nossa investigação por três principais motivos. O primeiro prende-se com a sua dimensão. Conforme disposto no segundo capítulo, Dantas Pereira escreveu sobre uma extensa quantidade de assuntos. A análise da sua bibliografia acarreta a análise de um elevado número de obras, que face à nossa metodologia e objetivos propostos, não puderam ser expostas com detalhe.

A segunda limitação do estudo da sua bibliografia prende-se com a variedade de temas que esta compreende. Face aos vários assuntos que Dantas Pereira estudou, foi necessária a opção metodológica que tomamos de efetuar uma tipificação das suas obras. Para isto, foi necessário encontrar o maior número possível de obras da sua autoria, para de seguida procurar uma forma de expô-las sucintamente. Para isto, e depois de localizar as suas obras, organizámos estas nos temas: Matemática, Navegação, Legislação Naval, Tática Naval, Política de Marinha, Hidrografia, Estudos Históricos, Religião e Assuntos Diversos, reservando ainda dois subcapítulos para expor os textos que assinou com pseudónimos. Após esta classificação, e ainda descrevendo a participação de Dantas



Pereira tanto na SRM como na ARCL, apresentámos os conteúdos da sua bibliografia segundo o nosso próprio método.

A terceira limitação esteve relacionada com a disparidade dos textos de Dantas Pereira. Conforme exposto no segundo capítulo, descobrimos que a sua bibliografia se encontra espalhada por diversos sítios. Ganhámos esta perceção logo no início da investigação, quando ao ler o catálogo que este deixou na sua autobiografia, ficámos a saber que as suas obras tinham sido distribuídas de diversas formas. As diferentes circunstâncias que rodearam os textos de Dantas Pereira foram identificadas, tendo estas sido publicadas de formas diferentes, nomeadamente: à custa do próprio autor; à custa do Estado; apresentadas à SRM; à ARCL; à ARGM; ou ao *Jornal de Coimbra*, sendo algumas até distribuídas pelo próprio. Isto levou a que fosse necessária uma profunda pesquisa bibliográfica, onde procurámos encontrar as fontes onde estão os textos de Dantas Pereira, para desta forma transmitir na presente dissertação de mestrado as localizações do maior número possível das obras de Dantas Pereira.

Para tal, foram muito importantes as pesquisas efetuadas na BNP, na BCM, nas *Memórias* da ARCL do período em que Dantas Pereira participou ativamente, e nos catálogos existentes dos trabalhos da SRM. Isto possibilitou-nos a identificação correta dos locais de publicação das diferentes obras que analisámos de Dantas Pereira.

Atingiu-se ainda o terceiro objetivo principal identificado, a análise do projeto de um projeto de pasigrafia. Na elaboração deste capítulo identificou-se como principal dificuldade a inexperiência e falta de conhecimento das matérias inerentes ao estudo do conceito de pasigrafia e de linguagem universal no século XIX. No entanto, através da nossa investigação, foi possível retirarmos algumas conclusões acerca dos contributos de Dantas Pereira para esta área.

Conforme dito anteriormente, a procura por uma linguagem universal já está presente na história do pensamento humano muito antes da época que abordámos na presente dissertação. No entanto, foi precisamente no tempo de Dantas Pereira que ressurgiram os estudos ligados à criação de uma linguagem comum a todos os povos, e às respetivas pasigrafias. Ao estudarmos a ligação que a Revolução Francesa teve com esta tendência, conseguimos perceber que a procura por uma pasigrafia foi de certa forma uma consequência da influência que os ideais da Revolução tiveram na Europa. O nosso biografado, membro ativo da comunidade científica nacional e internacional, não se



mostrou indiferente a esta tendência, e desta forma, propôs o seu próprio sistema pasigráfico.

Após apresentarmos o estado da arte da pasigrafia aquando da escrita da *Memória* de Dantas Pereira, foi possível perceber que o método que este propôs não foi pioneiro na ciência pasigráfica. A metodologia de numerar dicionários de diferentes idiomas, por forma a relacionar os diferentes vocábulos através de algarismos árabes já tinha sido utilizada de forma análoga por autores anteriores a Dantas Pereira, facto reconhecido posteriormente pelo próprio.

No entanto, a presença desta obra assume particular relevância no estudo da bibliografia de Dantas Pereira, e na própria história do pensamento português, nomeadamente, pelo pioneirismo desta em território nacional. Tal como referimos na análise à sua bibliografia, Dantas Pereira trouxe várias novidades para Portugal. Ao longo da análise da sua bibliografia destacámos as novidades que este trouxe para, por exemplo, a área da matemática e navegação. No entanto, estas são facilmente justificadas pela sua íntima relação como a sua profissão de oficial de Marinha, e de lente de matemática da ARGM. Por contraste, a introdução do seu projeto de pasigrafia é peculiar por várias razões. Primeiro não estava diretamente relacionada com a sua profissão, por se tratar de uma questão linguística; e segundo, apesar da sua aparente falta de contexto, esta obra foi redigida ao mesmo tempo que Dantas Pereira exercia as funções de Comandante da ARGM, lente da mesma, e mestre do infante D. Pedro Carlos. Isto revela o esforço e dedicação que estiveram presentes para trazer à luz esta memória.

Por sua vez, a análise da própria *Memória* trouxe-nos algumas conclusões que permitem responder às questões que foram surgindo ao longo da investigação. Quanto à primeira questão, ficámos a perceber que o ressurgimento no século XVIII das pasigrafias esteve intimamente relacionado com a revolução francesa, e que se deu principalmente na Europa. Dantas Pereira, reconhecido académico português, sempre revelou estar a par das tendências internacionais, sendo portanto uma tese viável a hipótese de ele próprio se ter inspirado pelos ideais revolucionários da uniformização.

Por outro lado, a obra revela um dos traços psicológicos mais presentes em Dantas Pereira ao longo de toda a sua carreira, o seu pragmatismo.

Dantas Pereira não procurou criar a perfeita linguagem universal, como alguns dos anteriores autores que analisámos; nem afirmava que o sistema que propunha era infalível. Admitiu as falhas que este teve, e ainda as justificou posteriormente na sua vida.



O objetivo principal desta obra foi muito semelhante ao de muitas outras que publicou, a solução simples de um problema. Dantas Pereira quis fornecer as bases para resolver de forma rápida as dificuldades sentidas pela comunicação com outras nações, e daí a origem da sua proposta de pasigrafia.

O estudo da sua restante bibliografia ainda nos permitiu desmitificar a nossa opinião original acerca da falta de relação entre a pasigrafia e a sua carreira de oficial de Marinha. Conforme exposto no terceiro capítulo, apesar da falta de continuidade da sua *Memória* pasigráfica, Dantas Pereira não cessou os seus trabalhos. Posteriormente viria a relacionar a pasigrafia com a Marinha, apresentando o seu próprio sistema de sinais náuticos, um sistema que, à semelhança do CIS, podemos afirmar como sendo pasigráfico. Viria ainda em 1835, no final da sua vida, reforçar o seu projeto pasigráfico, publicando um modelo do dicionário que projetara 35 anos antes.

Expostas as principais conclusões da nossa investigação, resta-nos agora indicar aquilo que ainda poderá ser estudado acerca do nosso biografado. Convém salientar que o nosso trabalho não iniciou pela primeira vez o estudo da vida e obra de Dantas Pereira, nem é o seu objetivo terminar o mesmo. Na verdade, apesar de termos escolhido a pasigrafia como a obra a explorar com maior detalhe, ficam a faltar as devidas análises às restantes áreas em que Dantas Pereira inovou, e contribuiu para o seu desenvolvimento.

Os seus trabalhos foram em muitas ocasiões inovadores, e introduziram conhecimento novo em Portugal. Devemos destacar, pela sua relação às ciências militares navais, os seus contributos para o estudo da navegação. Uma análise detalhada das obras onde foi abordado o assunto da navegação constituirá certamente um contributo valioso para a história desta ciência em Portugal. Relembramos aqui que, no período de 1796 a 1798, Dantas Pereira foi o organizador das *Efemérides Náuticas*, onde para além de apresentar as tábuas necessárias para a navegação astronómicas, ainda ofereceu à comunidade náutica portuguesa um conjunto de conhecimentos inéditos à altura, explicando pela primeira vez em português, novos métodos de resolução de problemas náuticos, nomeadamente sobre o cálculo da latitude e longitude. A estas explicações ainda acrescentou os seus próprios aditamentos. O estudo destes textos, e dos restantes contributos para a navegação constituem um bom tema para a história da navegação.

Ainda ligado à Marinha, devemos salientar como sólidos pontos de partida as obras que Dantas Pereira publicou sobre tática naval, legislação naval, e hidrografia. Será também um bom ponto de partida a análise dos restantes documentos presentes no AHM,



que não pudemos analisar. No fólio da CGM encontra-se muita informação acerca do Comando e magistério de Dantas Pereira na mesma, existindo a hipótese de se descobrir informações novas sobre o mesmo. Aqui, poder-se-ão encontrar e explicitar novos indícios da forma como o Comando de Dantas Pereira influenciou o percurso da insigne academia.

Resta ainda a questão da sua própria vida pessoal. Os pormenores quanto a esta ainda se encontram algo difusos. Pudemos constatar isto com as dúvidas que surgiram ao longo da nossa investigação, nomeadamente sobre a sua vida familiar, as suas relações, e a própria maneira de ser.

Não obstante, foi possível através da análise da sua carreira e obra, constatar que de facto Dantas Pereira contribuiu de forma notável para várias empresas. Seja pela sua atividade na ARGM, como discípulo até Comandante da mesma, seja pela polimática obra que produziu, ou pelos esforços que exerceu na difusão do conhecimento na Marinha e Portugal, Dantas Pereira é, e deve ser recordado, com um dos maiores pensadores na história naval.



Fontes e Bibliografia

Fontes:

- AHM, *Academia Real de Marinha e Academia dos Guardas-marinha*, cx. 2 e 4.
- , *Companhia dos Guardas-Marinhas*, cx 115.
- , *Companhia dos Guardas-Marinhas*, cx 116.
- , *Lista de Oficias da Armada Nacional e Referida a 3-7-1821*, p.12.
- , *Livro Mestre n.º 378*, p. 37.
- , *Livro Mestre n.º 380*, p. 3.v.
- , *Livro Mestre n.º 386*, p. 172.
- , *Livro Mestre n.º 409*, p. 20.
- PEREIRA, José Maria Dantas, *Bosquejo de um quadro synoptico civil, mediante o qual poderemos conhecer e avaliar os homens, e as nações com acerto e facilidade*, Rio de Janeiro, Impressão Régia, 1814.
- , *Catalogo Systematico da Biblioteca da Companhia dos Real dos Guardas Marinhas*, Rio de Janeiro, [n.p.], 1812.
- , *Curso d'estudos para uso do commercio e fazenda. Primeiro compendio, que tracta da Arithmetica universal. Parte primeira, ou theoria da mesma arithmetica*, Lisboa, Regia Officina Typographica, 1798.
- , *Demonstração de quanto deve convir a composição da ordenança naval portugueza, incumbida cumulativamente ao conselho do Almirantado, a uma commissão especial, e ao conselho da Marinha*, Lisboa, Imprensa Imperial e Real, 1826
- , “Discurso Histórico Recitado na Sessão Pública de 27 de junho de 1823”, *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo IX, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1825, pp. III-X.
- , *Discurso recitado na Sessão de abertura da Real Academia dos Guardas marinhas em 1803, e retocado em 1828*, Lisboa, Impressão Régia, 1828.
- , “Discurso Recitado na Sessão Publica de 1 de Julho de 1824 pelo Secretario José Maria Dantas Pereira”, *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo IX, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1825, pp. XXVII-LVIII.
- , “Discurso Recitado na Sessão Publica de 19 de Dezembro de 1831”, *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo XI, Parte I, *Historia da Academia Real*, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1831, pp.IV-XII.
- , “Discurso Recitado na Sessão Publica de 7 de Julho de 1825 pelo Secretario José Maria Dantas Pereira”, *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo X, Parte I, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1827, pp.I-XVII.
- , “Discurso Recitado pelo Secretario José Maria Dantas Pereira no Paço da Bemposta, perante o Serenissimo Senhor Infante D. Miguel, Presidente da



- Academia, por ocasião da felicíssima restauração do Throno Lusithano”, *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo IX, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1825, pp. XIII-XIV.
- , “Discurso Recitado pelo Secretario José Maria Dantas Pereira no Paço da Bemposta, perante El-Rey Nosso Senhor, por ocasião da felicíssima restauração do Throno Lusithano”, *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo IX, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1825, pp. XI-XII.
- , “Discurso Recitado pelo Secretario José Maria Dantas Pereira no Paço da Bemposta perante El-Rey Nosso Senhor, por ocasião do acontecimento de Cadiz, e do venturoso anniversario do Sereníssimo Senhor Infante D. Miguel, Presidente da Academia”, *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo IX, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1825, pp. XV-XVII.
- , “Discurso Recitado pelo Secretario José Maria Dantas Pereira no Paço da Bemposta, perante o Sereníssimo Senhor Infante D. Miguel, Presidente da Academia, por ocasião do feliz anniversario de S.A.R., e do acontecimento em Cadiz”, *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo IX, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1825, pp. XVIII-XIX.
- , “Elogio do Padre Theodoro de Almeida, *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo XI, Parte I, *Historia da Academia Real*, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1831, pp.XIII-XXIV.
- , *Elogio histórico do sr. D. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança, infante de Hespanha e Portugal, Almirante da marinha portugueza*, Rio de Janeiro, Impressão Régia, 1813.
- , *Emendas, retoques, e novos Additamentos ás Noções de Legislação naval Portugueza*, Lisboa, Impressão Imperial e Real, 1826.
- , *Ensaio de uma comparação da nossa marinha com a sueca*, Lisboa, Impressão Régia.
- , *Ephemerides Nauticas, ou Diario Astronomico para o anno 1796, Calculado para o meridiano de Lisboa*, Lisboa, Oficina da Academia Real das Sciencias, 1795.
- , *Ephemerides Nauticas, ou Diario Astronomico para o anno 1797, Calculado para o meridiano de Lisboa*, Lisboa, Oficina da Academia Real das Sciencias, 1796.
- , *Ephemerides Nauticas, ou Diario Astronomico para o anno 1798, Calculado para o meridiano de Lisboa*, Lisboa, Oficina da Academia Real das Sciencias, 1797.
- , *Esboço de organização e regime da marinha, conforme convém aos dictames da razão, e ás nossas actuaes circumstancias*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1821
- , *Escriptos de José Maria Dantas Pereira. Parte I. Escriptos maritimos. Volume I, que contém a secção primeira da parte primeira, ou Memorias sobre a tactica, e um systema de signaes*, Rio de Janeiro, Impressão Régia, 1816.



- , *Escriptos marítimos e academicos, a bem do progresso dos conhecimentos utéis, e mormente da nossa marinha, industria e agricultura*, Lisboa, Impressão Régia, 1828.
- , “II Memoria sobre o Calculo da Latitude”, *Ephemerides Nauticas ou Diario Astronomico para o anno de 1797*, Lisboa, na Officina da mesma Academia, 1796, pp. 3-15.
- , “Memoria com quatro apensos em dois volumes: tendo por objecto principal a Hydrographia do Brazil, e o conceito que corresponde aos trabalhos respectivos de Mr. Roussin”, *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo X, Parte II, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1830, pp.229-242.
- , *Memoria para a historia do grande Marquez de Pombal, no concernente á Marinha, sendo a de guerra o principal objecto considerado*, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1832.
- , *Memoria que trata de humas novas taboas mathematicas, e dos usos que ellas podem ter tanto nas applicações da sciencia em geral, como na navegação alta em particular*, Lisboa, Impressão Régia, 1807.
- , “Memoria Relativa ao Calculo dos Eclipses das Estrellas, Sol, e mais Planetas pela Lua”, *Ephemerides Nauticas, ou Diario Astronomico para o anno 1798, Calculado para o meridiano de Lisboa*.
- , “Memoria sobre a nomenclatura, ou lingoagem mathematica, menos bem tratada pelo habilíssimo auctor do Ensaio de Psychologia impresso em Paris no ano de 1826”, *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo X, Parte II, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1830, pp.197-207.
- , “Memoria sobre a precisão de reformar o Roteiro de Pimentel”, *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo X, Parte II, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1830, pp.221-228.
- , “Memoria sobre o Calculo da Latitude por duas alturas de hum mesmo astro tomadas fora do meridiano”, *Ephemerides Nauticas ou Diario Astronomico para o anno de 1796*, Lisboa, na Officina da mesma Academia, 1795, p.128-137.
- , “Memoria sobre o resumo da Geographia Politica de Portugal, escrito por Mr. Bory de Saint-Vincent”, *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo X, Parte I, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1827, pp.251-274.
- , “Memoria sobre os instrumentos de reflexão”, *Memorias de Mathematica e Phisica da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo II, Typografia da Academia, 1799, pp. 159-167.
- , “Memoria sobre os princípios do cálculo superior, e sobre algumas de suas applicações”, *Jornal de Coimbra*, N.º XXXI, parte I, Lisboa, Impressão Régia, pp.1-10.
- , *Memoria sobre um projecto de Pasigraphia*, Lisboa, Officina da Casa Litteraria do Arco do Cégo, 1800.
- , *Modèle d'un Dictionnaire de Poche Poliglote et Pasigraphique / Modelo de um Diccionario de algibeira polygloto e passigraphico*, Paris, [n.p.], 1835.



- , *Modelo de hum dictionario de algibeira polygloto e passigraphico*, Paris, [s.n.], 1835.
- , *Modelo de um Dictionario de algibeira polyglotto e passigraphico*, Paris, [s.n.], 1835.
- , *Noções da legislação naval portugueza até o anno 1820, dispostas chronologico-systematicamente; e adicionadas com algumas da historia respectiva, e dos nossos escritos maritimos*, Lisboa, Impressão Imperial e Real, 1826,
- , *Notas Ilustradoras e comprovadoras do discurso recitado em 1803*, Lisboa, Impressão Régia, 1828.
- , *Notice Sur la Vie et les Oevres de Joseph-Marie Dantas Pereira de Andrade*, Paris, [s.n.], 1833.
- , “Oração lida em 22 de Dezembro de 1798, dia da Abertura da Sociedade Real Maritima, e retocada em 1828”, *Escritos Maritimos e Academicos a Bem do Progresso dos Conhecimentos Uteis e Mormente da Nossa Marinha, Industria e Agricultura*, Lisboa, Na Impressão Régia, 1828.
- , “Oração recitada em 16 de Julho, quando procurei instituir no Rio de Janeiro huma Sociedade naval a bem do serviço e progresso da nossa marinha”, *Escritos marítimos e académicos, a bem do progresso dos conhecimentos úteis, e mormente da nossa marinha, industria e agricultura*, Lisboa, na Impressão Régia, 1828.
- , *Reflexões sobre a marinha, ou discurso demonstrativo do Esboço de organização e regimen da Repartição naval portugueza*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1821.
- , *Reflexões sobre a organização da suprema autoridade naval portugueza*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1821.
- , “Reflexões sobre certas somações sucessivas dos termos das séries aritméticas, applicadas ás soluções de diversas questões algébricas”, *Memórias de Mathematica e Phisica da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo II, Lisboa, Typografia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1799, pp. 168-186.
- , “Reflexões sobre certas somações sucessivas dos termos das Series arithmeticas, applicadas ás soluções de diversas questões algébricas”, *Memorias de Mathematica e Phisica da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo II, Typografia da Academia, pp. 168-186.
- , *Systema de Signaes para a comunicação dos navios entre si, e com a terra, em qualquer lugar, e tempo, e seja qual for a ordem naval adoptada*, Rio de Janeiro, Na Impressão Régia, 1817.
- , *Taboas que contém os logarithmos dos numeros naturaes desde 1 até 43200 calculados até à sétima casa decimal e precedidos pela sua explicação correspondente*, Lisboa, Typografia da Academia Real das Ciências de Lisboa, 1804.



Bibliografia

- AGUDO, Fernando Dias, *A Academia das Ciências de Lisboa e as Duas Culturas de Charles Percy Snow*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 2013, www.acad-ciencias.pt/document-uploads/8904143_acl-as-culturas.pdf, acedido em março de 2018.
- AGUILAR, Teixeira de [et al.], *A Marinha na investigação do mar, 1800-1999*, Lisboa, Instituto Hidrográfico, 2001.
- ALBUQUERQUE, António Luiz Porto e, *Da Companhia de Guardas-Marinhas e Sua Real Academia à Escola Naval 1782-1982*. Rio de Janeiro: Escola Naval; Xerox do Brasil, 1982.
- ALBUQUERQUE, António Luiz Porto e, “Perspectiva Histórica da Escola Naval do Brasil”, *Conferência proferida pelo capitão-de-fragata António Luiz Porto e Albuquerque Professor da Escola Naval do Brasil, Comemorações do Bicentenário da Companhia de Guardas-Marinhas e da Sua Real Academia*, Lisboa, Instituto Hidrográfico, 1985, pp.43-53.
- AMADO, José Carlos, “Martinho de Melo e Castro”, *Comemorações do Bicentenário da Companhia de Guardas-Marinhas e da Sua Real Academia*, Lisboa, Instituto Hidrográfico, 1985, pp.141-150.
- Annaes da Sociedade Promotora da Industria Nacional*, vol. iii, Lisboa, Imprensa da Rua dos Fanqueiros, 1827, p. 192.
- ANTUNES, João, “Por uma lingua universal. Da pasigrafia ao esperanto. Duzentos anos de inúteis esforços para a criação duma língua comum, encontram justa compensação de na obra de Zamenhof”, *A Batalha*, N.º 24, 1924.
- ARCL, *Historia e Memoria da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo x. Parte I., Lisboa, Typografia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1827.
- , *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo IV, Parte I, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1815.
- , *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo IV, Parte II, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1816.
- , *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo V, Parte I, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1817.
- , *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo V, Parte II, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1818.
- , *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo VI, Parte I, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1819.
- , *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo VI, Parte II, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1820.
- , *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo VII, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1821.

- , *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo VIII, Parte I, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1823.
- , *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo IX, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1825.
- , *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo X, Parte I, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1827.
- , *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo X, Parte II, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1830.
- , *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo XI, Parte I, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1831.
- , *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo XI, Parte II, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1835.
- , *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo XII, Parte I, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1837.
- , *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo XII, Parte II, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1839.
- , *Memorias de Mathematica e Phisica da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo II, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1799.
- , *Memorias de Mathematica e Phisica da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo III, Parte I, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1812.
- , *Memorias de Mathematica e Phisica da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo III, Parte II, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1814.
- ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO, *Livro de Registo de Casamentos 1788/1852*, Paróquia de São Nicolau, p. 158 v., disponível em <https://digitalq.arquivos.pt/viewer?id=4820356>, consultado em maio de 2018.
- “Art. xv Memoria sobre hum projecto de Pasigraphia, &c. i. e. A Memoir concerning a Plan of Pasigraphy. By J. M. Dantas Pereira, Captain of a Frigate, Member of the Royal Academy of Sciences of Lisbon, Preceptor to H. R. H. the Infant Don Pedro, &c. Folio. pp. 34. Lisbon. 1800.” *Monthly Review, or Literary Journal, Enlarged*, vol. XXXIII, London, [n.p], 1800, pp.526-528.
- ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, “A Monarquia Constitucional (1820-1910)”, <https://www.parlamento.pt/Parlamento/Paginas/monarquia.aspx>, consultado em dezembro de 2017.
- BARBOSA, Francisco Villela, “Discurso histórico recitado na sessão pública de 24 de junho de 1821”, *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tomo VIII, parte I, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1823.
- BECK, Cave, *The Universal Character By which all the Nations in the World may understand one anothers Conceptions, Reading out of one Common Writing their own Mother Tongues, An Invention of General Use, The Practice where of may be Attained in two Hours space, Observing the Gramatical Directions*, London, [n.p.], 1657.



- BOITEUX, Henrique, “O Chefe de Esquadra José Maria Dantas Pereira de Andrade”, *Subsídios para a História Marítima do Brasil*, Volume II, Rio de Janeiro, Imprensa Naval, 1939.
- BORGES, Jorge Luis, *El idioma analítico de John Wilkins*, in *Otras inquisiciones*, Buenos Aires, Destino, 1952.
- BRIGOLA, João Carlos, *Professores da Academia Real de Marinha (1801-1837) – Militares, cientistas e políticos*, Separata de *Memórias*, Vol. XXIII, Lisboa, Academia de Marinha, 1993.
- CANAS, António Costa, VALENTIM, Carlos Manuel, “Entre a Prática e a Teoria – A criação de um ensino naval para Oficiais da Marinha de Guerra em Portugal (Uma breve nota)”, *Anais do Clube Militar Naval*, Ano 137, vol. CXXXVII, tomos 7 a 9, Lisboa, Clube Militar Naval, 2007, pp.541-551.
- CEPEDAL, José Manuel Fernández, “Lengua universal, lengua francesa y «patois» durante la revolución francesa”, *El Basilisco*, 2ª época, nº1, 1989.
- CHISLUM, Hugh, (ed. 1911), “Bory de Saint-Vincent, Jean Baptiste George Marie”, *Encyclopaedia Britannica*, 11ª edição, Cambridge, Cambridge University Press, p. 276, disponível em https://en.wikisource.org/wiki/1911_Encyclopædia_Britannica/Bory_de_Saint-Vincent,_Jean_Baptiste_George_Marie, acedido em março de 2018.
- Código Internacional de Sinais*, 5.ª Edição, Lisboa, Instituto Hidrográfico, 2015, pp. 168-169.
- COSTA, Augusto Zacarias da Fonseca e, *Esboço Historico da Academia de Marinha desde a sua fundação e da Companhia de Aspirantes a Guarda-Marinha*, Rio de Janeiro, Typographia do Imperial Instituto Artístico, 1873.
- COUTURAT, Louis, *La logique de Leibniz*, 1901, Paris, Ancienne Librairie Germer, <https://archive.org/details/lalogiquedeleib00coutgoog>, acedido a 24 de fevereiro de 2018
- COUTURAT, Louis, LEAU, Léopold, *Histoire de la langue universelle*, Paris, Librairie Hachette, <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k86025d>, acedido a 24 de fevereiro de 2018
- CURADO, Manuel “Utopia da tradução universal”, *E-topia: revista eletrónica de estudos sobre a utopia*, Universidade do Porto, Faculdade de Letras (FLUP), junho 2005.
- , *O mito da tradução automática*, Braga, Centro de Estudos Humanísticos, 2000.
- , “A Memória de 1800 de Dantas Pereira”, *Diacrítica Filosofia e Cultura*, Universidade do Minho, Revista do Centro de Estudos Humanísticos (CEHUM), 2004, pp. 285-327.
- DALGARNO, George, *Character Universalis et Lingua Philospha*, Londres, [n.p.], 1661.
- DOMINGUES, Francisco Contente, *Teodoro de Almeida, divulgador da Filosofia Natural*, org. *Ciência em Portugal, Personagens e Episódios*, Lisboa, Instituto Camões, 2004, <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p47.html>, acedido em março de 2018.



- , “O Ensino Náutico em Portugal, Da ‘Escola de Sagres’ às reformas de 1761-1807”, *Bicentenário da partida da Família Real para o Brasil 1807-2007*, Lisboa, Academia de Marinha, 2011, pp.129-141.
- ECO, Humberto, *Como se faz um tese em ciências humanas*, 13.^a Edição, Lisboa, Editorial Presença, 2007.
- , Umberto, *The Search for the Perfect Language*, Oxford, Blackwell, 1995.
- ESPARTEIRO, António Marques, et. al., “Transmigração da Família Real para o Brasil”, *História Naval Brasileira*, Vol. II, Tomo II, Rio de Janeiro, Ministério da Marinha, 1999, pp.325-336.
- “Famílias de Leiria, Descendentes, ascendentes e colaterais de algumas famílias de Leiria”, p. 424, <http://www.familiasdeleiria.com/p424.htm#i4785>, acessido em dezembro de 2017.
- FERREIRA, Nuno Martins, *A institucionalização do ensino da náutica em Portugal (1779-1807)*, Lisboa, Academia de Marinha, 2017.
- FERREIRA, Silvestre Pinheiro, “Vigessima Oitava Prelecção”, *Prelecções Philosophicas sobre a Theórica do Discurso e da Linguagem, a Esthética, a Diceósyna, e a Cosmologia*, Rio de Janeiro, Na Impressão Régia, 1813.
- FLETCHER, John Edward, *A Study of the Life and Works of Athanasius Kircher, “Germaius Incredibilis”: With a Selection of His Unpublished Correspondence and an Annotated Translation of His Autobiography*, Brill, 2011.
- FONSECA, Alexandre da Fonseca. “Dantas Pereira – Comandante da Companhia de Guardas-Marinhas e Diretor da sua Academia em Portugal e no Brasil”, *Revista da Armada n° 156*, ano XIV, Lisboa, 1874, pp 10-11.
- “Foreign Literature of the Year 1797”, *The new Annual Register or General Repository for History, Politics, and Literature for the year 1797*, London, [n.p.], 1798.
- GOODWIN, Gordon, “Dalgarno, George”, *Dictionary of National Biography 1885-1900*, Vol. 13, pp.389-390.
- Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira*, vol. VIII, Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, [s.d.], p. 387.
- GROVES, Edward, *Pasilogia: An Essay towards the formation of a system of universal language, both written and vocal*, Dublin, Alexander Thom, 1846.
- GUEDES, Max Justo. Bicentenário do Chefe-de-Esquadra José Maria Dantas Pereira, Separata de Memórias da Academia das Ciências de Lisboa Classe de Ciências, Tomo XVII, 1974.
- HESPANHA, António Manuel, *Guiando a Mão Invisível, Direitos, Estado e Lei no Liberalismo Monárquico Português*, Coimbra, Livraria Almedina, 2004.
- Hourwitz, Zalkind, *Polygraphie ou l’art de correspondre, A l’aide d’un dictionnaire, dans toutes les langues, même dans celles dont on ne possède pas seulement les lettres alphabétiques*, Paris, Impresso à custa do autor, 1800.
- HOURWITZ, Zalkind, *Polygraphie, ou l’Art de Correspondence a l’aide d’un dictionnaire, dans toutes les langues, même das celle dont on ne possede pas seulement les*



- lettres alphabetiques*, Paris, À custa do autor, 1800, disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k930519v/f3.image>, consultado em maio de 2018.
- JONES, Graham, M., “Review of *In the Land of Invented Languages: Esperanto Rock Stars, Klingon Poets, Loglan Lovers, and the Mad Dreamers Who Tried to Build a Perfect Language* by Arika Okrent, *Journal of Linguistic Anthropology*, vol.22, n.º2, Boston, John Wiley & Sons, 2012, pp. E115-E116.
- KIRCHER, Athanasius, *Polygraphia Nova et Universalis, Ex Combinatoria Arte Detecta Qua Quiuis etiam Linguarum quantumuis imperitus triplici methodo*, Roma, Typographia Varesius, 1663.
- LEITÃO, Humberto, Lopes, Vicente, *Dicionário da Linguagem de Marinha Antiga e Actual*, 3.ª Edição, Lisboa, Edições Culturais da Marinha, 1990.
- LOOK, Brandon, “Gottfried Wilhelm Leibniz”, *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, edição do verão de 2017, 2017, <https://plato.stanford.edu/entries/leibniz/#Life>, acessado em 24 de fevereiro de 2018.
- MACEDO, Joaquim José da Costa de, “Discurso Recitado na Sessão Pública de 15 de Maio de 1838”, *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tomo XII, parte II, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1839.
- MAIMIEUX, Joseph de, *Pasigraphie, Premiers Éléments du Nouvel Art-Science d’Écrire et d’Imprimer en une Langue de Manière a Être Lu et Entendu dans toute autre Langue sans Traduction*, Paris, Bureau de la Pasigraphie, 1797.
- MARTINS, Ana Patrícia Morais da Fonseca, *Daniel Augusto da Silva e o Cálculo Actuarial*, Tese apresentada na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa para obtenção do grau de Doutor em História e Filosofia das Ciências, Lisboa, 2012.
- MATOS, Pedro Fragoso de, “Oficiais da Armada na Academia das Ciências de Lisboa”, *Anais do Clube Militar Naval*, Lisboa, 1981, pp.251-279.
- MATOS, Sérgio Campos, Santos, Luís Aguiar, *A marinha e a cultura histórica em Portugal: entre tradição e modernidade (séculos XIX e XX)*, *Revista de História das Ideias*, vol. 29, 2008, pp.431-467, <http://hdl.handle.net/10316.2/41575>, acessado em fevereiro de 2018.
- MESSNER, Dieter, “Contributions à la lexicographie portugaise”, *Revue de linguistique romane*, vol. 58, 1994, pp.387-401, <http://doi.org/10.5169/seals-399928>, consultado em 20 de fevereiro de 2018.
- MORAIS, Tancredo de, *Os Primeiros Cem anos da Escola Naval*, Lisboa, Tipografia da União Gráfica, 1945, pp.15-57.
- MOREIRA, Carlos Diogo, *Teorias e Práticas de Investigação*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2007.
- MOTA, Avelino Teixeira, *Acerca da recente devolução a Portugal, pelo Brasil, de manuscritos da Sociedade Real Marítima, Militar e Geográfica (1793-1807)*, [s.l.], Junta de Investigações do Ultramar, 1972.

- NIPOTI, Claudio de, “Possibilidades Combinatórias da Condução da Leitura em um Biblioteca, José Maria Dantas Pereira e o “Catálogo Sistemático da Biblioteca da Companhia dos Guardas-Marinhas”, *Revista Acervo*, vol. 26, n.º2, Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 2013, pp. 133-145.
- PEREIRA, Esteves, RODRIGUES, Guilherme, “Dantas Pereira (José Maria)”, *Portugal – Dicionário histórico, corógrafo, heráldico, biográfico, bibliográfico, numismático e artístico*, vol. III, Lisboa, edição em papel de João Romano Torres, 1907, pp. 16-18, www.arqnet.pt/dicionario/dantaspereirajm.html, edição eletrónica de Manuel Amaral (2000-2017), acedido em abril de 2018.
- , “Dantas Pereira (Pedro Maria), *Portugal – Dicionário histórico, corógrafo, heráldico, biográfico, bibliográfico, numismático e artístico*, vol. III, Lisboa, edição em papel de João Romano Torres, 1907, pp. 18-19, <http://www.arqnet.pt/dicionario/dantaspereirapm.html>, edição eletrónica de Manuel Amaral (2000-2017), acedido em abril de 2018.
- , “Dantas Pereira (Vitorino João Carlos)”, *Portugal – Dicionário histórico, corógrafo, heráldico, biográfico, bibliográfico, numismático e artístico*, vol. III, pp.19-20, edição em papel de João Romano Torres (1904-1915), <http://www.arqnet.pt/dicionario/dantaspereiravitorino.html>, edição eletrónica de Manuel Amaral (2000-2012), acedido em abril de 2018.
- , “Evoramonte (Convenção de)”, *Portugal – Dicionário histórico, corógrafo, heráldico, biográfico, bibliográfico, numismático e artístico*, vol. III, p.234, edição em papel de João Romano Torres (1904-1915), www.arqnet.pt/dicionario/evoramontecoconvencao.html, consultado em junho de 2018.
- , “Miguel (D.), *Portugal – Dicionário histórico, corógrafo, heráldico, biográfico, bibliográfico, numismático e artístico*, vol. IV, pp. 1099-1104, edição em papel de João Romano Torres (1904-1915), <http://www.arqnet.pt/dicionario/miguell.html>, edição eletrónica de Manuel Amaral (2000-2012), acedido em abril de 2018.
- PEREIRA, José António Rodrigues, “José Maria Dantas Pereira”, *Comemorações do Bicentenário da Companhia de Guardas-Marinhas e da Sua Real Academia*, Lisboa, Instituto Hidrográfico, 1985, pp.160-173.
- , “A transferência da corte para o Brasil. Uma operação naval de grande envergadura”, *Bicentenário da Partida da Família Real para o Brasil*, Academia de Marinha, 2011.
- , “José Maria Dantas Pereira”, *200 anos da Companhia de Guardas Marinhas e da sua Real Academia*, Lisboa, Instituto Hidrográfico, 1985, pp.161-173.
- PINTO, José Luís Leiria, “Dantas Pereira e a Real Academia dos Guardas-Marinhas”, *Bicentenário da partida da Família Real para o Brasil 1807-2007*, Lisboa, Academia de Marinha, 2011, pp.57-66.
- , “José Maria Dantas Pereira, O primeiro director da Academia Real dos Guardas-Marinhas no Rio de Janeiro, *Revista da Armada*, n.º413, Lisboa, novembro 2007, pp. 16-18.



- REIS, Fernando, “Academia das Ciências de Lisboa”, *Ciência em Portugal, Personagens e Episódios*, <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/e31.html>, acessado em abril de 2018.
- RIBEIRO, José Silvestre, *História dos estabelecimentos científicos literários e artísticos de Portugal nos sucessivos reinados da monarchia*, tomo II, Lisboa, Typografia da Academia Real das Sciencias, 1872.
- ROYAL ACADEMY, “Art. XV Memoria sobre hum projecto de Pasigraphia, &c. i. e. A Memoir concerning a Plan of Pasigraphy. By J. M. Dantas Pereira, Captain of a Frigate, Member of the Royal Academy of Sciences of Lisbon, Preceptor to H. R. H. the Infant Don Pedro, &c. Folio. pp. 34. Lisbon. 1800.” *Monthly Review, or Literary Journal, Enlarged*, vol. xxxiii, London, [n.p], 1800, pp.526-528.
- SABLÉ, Joseph, *Centre d'études du 19e siècle français*, https://web.archive.org/web/20070703231820/http://www.chass.utoronto.ca/french/sable/recherche/catalogues/annual_register/history.htm, consultado em abril de 2018.
- SANDERS, Francis, *Dictionary of National Biography, 1885-1900*, Volume 61, p. 264, [https://en.wikisource.org/wiki/Wilkins,_John_\(DNB00\)](https://en.wikisource.org/wiki/Wilkins,_John_(DNB00)), acessado em 24 de fevereiro de 2018.
- SANTOS, Valdez dos, “O Ensino Superior Militar no Século XIX”, *Actas do IV Colóquio A História Militar de Portugal no séc. XIX*, Lisboa, Palácio da Independência, 1993, pp.163-172.
- SCHOTT, Gaspar, *Technica Curiosa, sive Mirabilia Artis, Libris xii*, Typographus Herbipol, 1665.
- SERRA, Manuel Limpo, “Conde de S. Vicente, Manuel Carlos da Cunha e Silveira”, *Comemorações do Bicentenário da Companhia de Guardas-Marinhas e da Sua Real Academia*, Lisboa, Instituto Hidrográfico, 1985, pp.151-159.
- SILVA, Inocêncio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez, Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicáveis a Portugal e ao Brasil*, Tomo Quinto, Lisboa, Imprensa Nacional, 1858, pp.29-33.
- SMOKOTIN, Vladimir, Petrova, Galina, “The Quest for a Universal Language throughout Human History”, *The xxvi Annual International Academic Conference, Language and Culture, 27-30 October 2015*, Tomsk, Elsevier, pp. 107-113.
- The Monthly Review or Literary Journal Enlarged*, Vol. XXIV, London, [n.p], 1797, p.562, disponível em <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=hvd.hxjga6;view=1up;seq=576>, consultado em maio de 2018.
- VALENTIM, Carlos Manuel, “Chefe-de-Esquadra José Maria Dantas Pereira (1772-1836) Patrono do Curso de 1994”, *Patronos dos Cursos Tradicionais da Escola Naval 1936-2007*, Lisboa, Escola Naval, 2007, pp.397-402.
- VILLAS-BOAS, Custodio Gomes de, *Ephemerides náuticas, ou diário astronómico para 1789-95*, Lisboa, Oficina da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1788-1796.
- WILKINS, John, *An essay towards a real character and a philosophical language*, Londres, Gellibrand, 1668.

Anexos

Anexo 1 - Retrato de José Maria Dantas Pereira⁴⁴³



Figura 11 - Retrato de José Maria Dantas Pereira.

⁴⁴³ Retrato retirado de: José Luís Leiria Pinto, “José Maria Dantas Pereira, O primeiro director da Academia Real dos Guardas-Marinhas no Rio de Janeiro, *Revista da Armada*, n. °413, Lisboa, novembro 2007, p.16.



Anexo 2 – Lista de material da SRM entregue no Arquivo Militar do Rio de Janeiro por Dantas Pereira

Conforme referido anteriormente, Dantas Pereira teve um papel fulcral na preservação do património da SRM. Nos apontamentos biográficos de Henrique Boiteux, e de Rodrigues Pereira está presente a lista do material transportado, a qual transcrevemos o último:

“Chegado ao Brasil o previdente oficial, fez entrega do valioso património que salvara, e que constava e que constava o seguinte:

- a) Uma pasta com o título: Classe 14 a 20, contendo 324 folhas relativas à parte oriental das Américas; na parte referente à meridional havia desenhos representativos da foz e curso do Amazonas, as entradas do Maranhão e da Paraíba, as ilhas de Marambaia, Grande e Santa Catarina, e a carta geral de todo o Brasil.
- b) Um embrulho com letra «A», contendo no 1.º rolo 46 desenhos de portos, vistas assim de povoações como de costas do Brasil, a foz do rio do Espírito Santo, e o curso do Amazonas com os dois rios Negro e Branco. No 2.º rolo 140 desenhos, que mostravam o Piauí, as costas do Maranhão, a cidade de S. Luiz, parte do curso do Amazonas com os arredores de sua foz, e dela até Caiena, os confins do Brasil, o Guaporé desde Vila Bela até Mamoré, com o qual prossegue até a Madeira; capitais, vários arraiais e os fortes de Cuiabá e Mato Grosso.
- c) Outro embrulho, marcado com a letra «B» contendo três rolos. No primeiro se encontravam 58 cartas e desenhos, representando o curso de vários braços do Amazonas, as plantas do Rio de Janeiro, Pernambuco e Vitória; havendo também no mesmo rolo 23 desenhos que descreviam o Tocantins, o Uruguai, a barra do Rio Grande de S. Pedro do Sul, a capitania de Goiaz e do Rio Negro, além de que se encontra a planta da cidade e porto de Pernambuco. No 3.º rolo há 37 cartas ou desenhos, entre os quais se distinguem aqueles em que são descritos o Pará, o Cuiana, o Macapá com alguns dos seus edifícios e fortes, e colónia do Sacramento com os terrenos das anteriores operações militares, o Sertão das Minas Novas e do Serro do Orio Fluminense, ex. gr. o plano da barra da Vila Nova de Bragança, de todos os fortes e fortalezas do Rio de



Janeiro, de vários fortes de Pernambuco, Espírito Santo, Paraíba, Santa Catarina, e Sertão.

- d) O embrulho «E» com 15 cartas de grandíssima escala, representando os sertões de todas as grandes capitâneas de Beira-Mar, a topografia das interiores, as correntes dos rios mais notáveis, e a cidade do Salvador”⁴⁴⁴

⁴⁴⁴ Rodrigues Pereira, “José Maria Dantas Pereira”, *200 anos da Companhia de Guardas Marinhas e da sua real academia*, Lisboa, Instituto Hidrográfico, 1985, pp.166-167.



Anexo 3 – Quadro Sinóptico de Dantas Pereira

Quadro Comparativo das Nações e dos Homens.

Hypothese.	Christão	Hypocrita	Desabusado	Ignorante
Nobre	Tem todas as virtudes no grão mais emilente; e como verdadeiro nobre, he o homem mais amavel, mais justo, mais valador, mais valeroso, e mais digno da publica veneração.	Sempre artificiozo, e adulator, egoista e vicioso, he mais prejudicial ao que util; mais temivel do que seguro; mais opposto aos bons do que aos maos; e ninguém esqueça que elle he fidalgo.	Altivo e sensual, he glotão, luxurioso, ambicioso, vingativo, odiento, desordenado, e desordenado; se por medo, ou interesse, não modifica estas inclinações, ou propensões.	Preferindo o luxo van ao dos clientes, que Romulo estabeleceu, vive como ator, doado, e talvez capuloso; tão ridiculo na geral opinão, como grande no seu conceito.
Fielto	Sem vicios, e com virtudes, longe de motivar desordens, quer apostular; sustenta o Estado, obedece, respeita a nobreza, teu valor e modestia, he laborioso e humano.	Gira com o vento reinante: prompto a empolgar no alheio apenas pôde; não assim a defendello. Essencialmente egoista, e mandrião, he invejoso, enredador, ingrato e lisongeiro.	He rixozo, glotão, e ladrão, ou enredador, guloso, racioneiro e trapaceiro, conforme o seu natural he resolutu ou medroso; inveja e odeia os nobres, os ricos, os bons, os poderosos.	Não conhecendo os seus interesses, tem na sua baixaza toda a indolencia correspondente á sua situação, quando he de bom natural; ou toda a ferocidade, quando he máo.
Rico	Valador, caritativo, affavel, mais amigo do pobre virtuoso que do luxo, obedece, trabalha, não despreza nem piza os que tem menos, he pacifico, he valeroso, e gasta como deve.	Mais dado ás praticas externas da religião do que ás substancias, abocanha bons e maos: mais amigo do luxo que do pobre, he soberbo e fagueiro, ambicioso, avarento, e lisongeiro.	Insofente, duro, insaciavel na cobiça, prevaricador, embusteiro, falsificador e lisongeiro, tem odio aos bons, he insubordinado; persegue, injuria, e piza os indigentes.	Dissipando, ou amontoando sem tino, he mais danoso do que util ao Estado; e como rico bruto propende sempre mais para o mal do que para o bem.
Pobre	Sofredor dos trabalhos, e procurando subsistir com honra, obedece aos superiores, respeita a propriedade, he pacifico, virtuoso, e digno da consideração dos ricos e poderosos.	Sofrendo o que não pôde deixar de suportar, lisongeiro com os seus gatiladores, lança mão do alheio com subtilidade, he rixozo, ou trapaceiro, he vil, retrahido, e vicioso.	Ladrão, saltador, e altanado, ou racioneiro, intrigante, e lisongeiro, conforme tem valor ou medo; sempre he vil, vicioso, corrompedor, e insofrido na sua pobreza.	Não sabe adquirir subsistencia, fagueiro ao Estado, segue mais o instincto do que a razão, he mais facilmente enganado ou corrompido.
Cazado	Amante da mulher e dos filhos, augmenta e almonaca o Estado, dando-lhos legitiimos, robustos, bem creados, e bem instruidos, sem alias perturbar as casas alheias, nem destruir a sua.	Finge o que existe no cazado christão, e aproveita as boas occasiões de praticar o contrario: propendendo para o desabuso evita apenas o escandalo, ou por medo, ou por systema.	Sem escrupulo, e com o maior escandalo, decausa as mulheres alheias; não lhe importa o proceder da sua; se dá fillos ao Estado, dá-lhos fracos e podres no moral, no intellectual, no fisico.	Não pôde satisfazer aos grandes e numerosos deveres de cazado pai de familia, pelo tocante á caza, e á instrucção dos fillos: as consequencias são evidentes.
Solteiro	Vive mais que o dissoluto, não se abisma nas topezas, não seduz as mulheres alheias, não semta desordeos entre os cazados, nem lhas agrava o pezo do matrimonio.	Insinua-se com exteriores virtuosos, mas se pôde corrompe ainda mesmo las virgens, e as mulheres dos amigos; e desdenha-lhas as familias, cujo pezo agrava com inserida prete.	Tem por braço corromper donzellas, e cazadas, plebeas, e nobres; (em summa) sem apud o Estado cazando, he por este lado huma planta escandalosamente má e parva.	Quanto mais nesco mais disposto a comprazzer com a natureza bruta; e solteiro no meio da corrupção tendia a ser victimado por ella, ou a victimar e prostituir tolanete.
Mingastado	Administra justicia inteira, e prompto se atira pela verdade: prefere os gritos e os rogos do miseravel opprimido ás dadias dos ricos, e á protecção dos poderosos que o vexão.	Imita Pilatos: serve mais para seu proveito do que para bem do Estado. Procede com artificio, mas sempre a favor de quem mais pôde, ou locupletello, ou influir no seu despacho.	Julga conforme o seu capricho, ou o seu interesse. Obra mal, e até se gaba da sua maldade. Prefere paixões a razões, validos a deducções, e o seu egoismo a tudo o mais.	Se he docil vai com o que lhe dizem: se tem presumpção, julga a torto e a direito. O resultado não pôde ser vantajoso ao bem publico.
Caritativo	Prefere a Corte do Rei dos Reis á do Soberano a quem serve, pois não lhe inspira obras, palavras, ou pensamentos maos: ama o seu fingimento, e obedece-lhe com Temor de Deus.	Parece christão, e amante do Rei, quando lhe convem, ou não corre maior perigo; mas nunca executa cousas muito mortificadoras, nem as amparas, ou indifferentes ao seu egoismo.	A satisfação do proprio ser he quem o inspira, e faz inspirar: baixo, ligeiro, adulator, invejoso, odiento, soberbo, e vil executor, he sectario de todas as concupiscencias.	Tudo ninheria, quando tem boas presenças, he alias hum verme situado de sorte, que devora a substancia dos bons sem que o presinto; mais eficaz porque o julgão menos fino.
Pastorado	Governa para bem dos homens, e gloria de Deus: não para seu proveito, sem para saciar vicios ou caprichos: vive em trabalho continuo, e recrea-se, mas não se deleita com as diversões.	Finge que se afadiga para bem do Estado, mascara com o seu nome o trabalho alheio; e antepoando-se a todo, offende-se da verdade, blasonando penas contra quem lha encobrir.	Castiga, vituperar, abate, ptemea, acaricia, exalta, a seu sabor, ou sem maior exame; seja ou não seja justo: seja ou não seja conveniente ao bem dos homens, e á gloria de Deus.	Bem inclinado, e com caracter, fiasse dos bons, e vai menos mal. Se com docilidade adapta inconstancia he vaivem, que confunde e perde tudo. Se he máo, Deus nos livre delle.
Condecepo-nhe e Exatido	Attendendo ricos e pobres, não faz render a penha mandand-a mais para si do que para o publico: dá e cuida em que se dê a Deus o que he de Deus, a Cesar o que he de Cesar.	Com cor de virtude come do Rão, e do Author. Escreve preferindo quem pôde fazer-lhe ou mal, ou bem. Sob administrao do que desce. Nunca lhe pagão o seu grande e bom servico.	Engrossa espreimendo a bolsa alheia; expede, ou não expede, attende, ou desatende, acceta, dá, tira, falsifica, escreve, como quer, ou lhe convém; e sem vergonha encera o mundo todo.	Nada escreve ou executa a proposito; he illudido por todos; roubão-no, deixam roubar, e rouba, sem que nada perceba: tudo he desorden, e tudo se lhe some, e para nada serve.
Exclericiato	Presto e firme se expõe pela verdade e pela religião, em cujo progresso anela empregar-se; he humilde, he pacificador, he modesto, e os seus deveres constituem todo o seu deite.	Christão apparente, e quanto lhe convém, modifica os preceitos divinos para com o poderoso, agrava-os para com os humildes: he religioso ao que se vê, e não se mortifica.	Se executa algumas praticas da religião, cuida que a honra; dá se aos deileites sensuos o mais que pôde; he altanado, he rixozo, e dissipa no mundo a vida que devera dar á piedade.	Chamando assim o Sacerdote quasi nullo, será util ou danoso conforme tiver bon ou máo natural: sempre mais fanatico ou supersticioso do que verdadeiro religioso.
Soldado	Fiel ao juramento, ainda que menos ame as bandeiras; religioso e virtuoso, ainda que se julga menos bem considerado; respeita e defende o alheio, he soldado, e he homem.	Precurando escapar-se a todo o perigo, e particularmente ao de vida, he fraco por systema, sensu, o he por natureza: não tem amor ás bandeiras, tem respeito ao juramento.	Se segue as bandeiras com interpedir, he indio, luxurioso, vingativo, caprichoso, amotinador, destruidor, e essencialmente altanado quando não se embuste, despoja, ou mata.	Meos militar do que bruto, he ou indolente e sem prestimo, ou feraz e horrivel, conforme tem boas ou más inclinações. Se de mais a mais tem medo he hum estupidio.
Lavrador	Trabalha, he caritativo com os jornaleiros, e paga os ditinos com exactidão; he dos Cidadãos mais uteis e mais necessarios ao Estado, pois cuida bem no sustento delle.	Faz agriculturas, mas he com os jornaleiros o que o proprio interesse lhe prescreve que seja: affecta pagar, mas defrauda o que pôde: he util mas com muito egoismo.	Paga ou não paga jorões, tributos, e ditinos; como lavrador não pôde deixar de ser proveitoso ao Estado, mas he desaforado, invasor, e danoso por mais de hum modo.	Lavra e semta sem discernimento, e sem acerto; por tanto diminute o sustento geral em vez de augmentallo; e só por acaso haverá hum anno em que seja proveitoso.
Abastado em familia	Fiel e trabalhador, antes de mais do que de menos, sempre interessa empregallo, pois sempre augmenta consideravelmente o primeiro manancial da riqueza publica, que he o trabalho.	Trabalha mais na presença do que na ausencia do amo, ou doo da obra: propenso á preguiça, furta e faz furta; e quando pensa que o pôde effectuar impune.	Trabalha o menos, e pede ou tira o mais que pôde, com descaramento, e até com escandalo, e altonaria; contendo-se apenas quando recia força superior, ou castigo efflicto.	Ainda quando trabalha executa mal, e por isso fogem de empregallo; se na ociosidade se corrompe causa grandes males, ou facilmente serve como instrumento malfazejo.
Negociante	Anima o Estado com as suas especulações e cria os ruiçosos, attendendo ao proprio bem, mas considerando em mais o do publico. Não he fastuoso, nem monopolista, nem usurario.	O seu interesse constitue o seu Deus principal: affecta ser o que não he, e he o que não parece: arruina, se nisso lucra: mostra se escrupulosissimo, e pôde ser que seja contrabandista.	He cubioso, e monopolista sem rebuço; trafica ávidamente, invejoso, e criminosamente; compraz-se nos negocios clandestinos, e até nos de generos furtados: o seu Deus he o dinheiro.	Emprega os seus cabedais sem juizo, por tanto perde; e aquellos capizes, que poderão animar a sua nação, passão, ou para o estrangeiro, ou para o fundo do mar.
Ignorante	Se he Christão sabe alguma coisa, ou sabe ser a principal. Não pôde elevar-se ás maiores contemplações, porém brilha reverberando a luz divina da humanidade e santidade.	Homem bruto, com a malicia precisa para ser hypocrita, he massa disposta para grandes males, e para poucos, pequenos, ou nenhuns bens.	O Ignorante irreligioso, ou atên, he hum malvado da primeira ordem; ou tal pôde, o deve ser, na primeira occasião opportuna, e em toda a extensão da palavra.	Entendamos denominado assim o homem mais estolido, e então pôde apenas ser, ou hum animal fagueiro que vai a quem quer que o chama, ou hum frige que tudo arrebatia e despedaca.
Sábio	Sublime executor e progreio de todas as virtudes, sacrificase por ellas, sem attenção a mudanças respectas. Haverem o mais util serve aos outros de exemplo, de fari, e de ponto de união.	Foge do trabalho o mais que pôde, e qual miza surda ataca os bons, solapa a religião, e vai desatando o lago mais forte da união civil. Obra conforme o seu recio, e o seu interesse.	Não merece chamar-se sabio, mas por saber mais do que o vulgo, e ser humoral, faz-se tão temivel, e tão execravel, quanto digno de amor e respeito he o sabio religioso.	Parece contraditorio, mas chamando assim o chafariz que se julga sabio, he perjudicialissimo porque illude o vulgo, e acredita o verdadeiro sabio, a quem odeia.
Constituido	Estado feliz, consistente, duradouro, fornecendo aos inimigos e aos malevolos.	Estado precario e volute, que caminhando para a dissolução deve recer a invação de qualquer inimigo inferior em vicio, e superior nas forças, ou virtudes relations.	Estado violento, e sem systema ou aliter: será pois ephemero, insubistente, revoltoso, e facilmente devorado pelos estrangeiros, que atacarem este montão de vicios.	Não pôde existir união nacional: o Estado será pois nullo ou salvagem. Eis os bens com que a ignorancia deve e pôde brincar a humanidade.

Figura 12 - Quadro Sinóptico de Dantas Pereira.